

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**COM OS OLHOS NO FUTURO: URBANIZAÇÃO E MODERNIDADE  
NO PROJETO EDITORIAL DA REVISTA DO GLOBO (1929-1935)**

Dissertação apresentada como requisito à obtenção do título de Mestre junto ao Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob orientação da prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Claudia Wasserman.

**Fabiana Ioris**

**Porto Alegre, junho de 2003.**

**Dedico este trabalho a memória da minha avó Josephini Chissini D'Agostini**

**Saudades...**

*“A época é de realizações praticas.*

*Não cabem, nos dias vertiginosos que vivemos, nestas horas inquietas em que todos se exacerbam no refinamento do senso de realidades objectivas e immediatas, os surtos de idealismo romântico, as aventuras lyricas a D. Quixote.*

*Por isso, quando pensamos no lançamento desta revista não nos limitamos a deitar, panoramicamente um golpe de vista breve ao ambiente em que ela iria actuar. Todos os elementos de êxito com que contávamos foram medidos e pesados com rigoroso cuidado, com meticulosa solitudine. Compreedemos, assim, que Porto Alegre, graças ao desdobramento incrível de todas as actividades, não apenas supportaria uma iniciativa desta natureza, mas que a sua falta já se fazia sentir por uma impaciência geral indissimulável.*

*Nestas circunstancias, não nos surpreendeu a rapidez com que se esgotou o nosso primeiro numero, cuja repercussão, nesta capital e no interior, ainda perdura. Esperamo-la, visto que a receptividade ambiente nos prognosticava a sua Victoria que foi registrada pela imprensa em suas captivantes referencias a numero inicial da “Revista do Globo”. Si, entretanto, não nos surpreendeu, desvaneceu-nos e – aqui o consignamos com prazer e com orgulho – nos confortou sobremaneira o prompto, expontaneo movimento de solidariedade que se estabeleceu em torno do nosso gesto, que alguns qualificaram de ousado, mas que nós sabíamos oportuno.”*

(Revista do Globo, Anno I, N° 02)

## AGRADECIMENTOS

Muitas pessoas ajudaram direta ou indiretamente na realização deste trabalho.

Agradeço a criteriosa orientação da prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Claudia Wasserman, sua confiança, paciência e por todos caminhos abertos para minha formação.

Aos meus pais – Zilda e Navilio – pelo amor, apoio e compreensão, meu eterno obrigado.

À minha grande amiga Tatiana Machado Barboza que acompanhou de perto todas as minhas aflições e sempre me estimulou a seguir em frente e ao Ben-Hur pelo auxílio na tradução para o inglês.

Aos meus queridos Douglas, Eduardo, Ana, Caio, Sandra, Mauro, Arthur, Frederico, tia Tere, tio Jonas e tia Neide por fazerem parte da minha vida.

À amiga Dayane da Silva por participar das angústias e alegrias.

Aos amigos Alessander, Cristina e Catia, pelo apoio e torcida e a José Luis Arpini, pelas boas risadas nesses últimos tempos.

À Ana Paula Tosca e Edison Bisso Cruxen que mesmo longe compartilharam uma amizade preciosa.

Aos funcionários do Arquivo Histórico Moysés Vellinho por facilitarem minha pesquisa no local.

A todas as pessoas que não foram mencionadas, mas que estiveram presentes nesta trajetória, muito obrigada.

## SUMÁRIO

<b>Resumo.....</b>	<b>06</b>
<b>Abstract.....</b>	<b>07</b>
<b>Introdução.....</b>	<b>08</b>
<b>Cap. 1 - A transição das ordens frente ao projeto desenvolvimentista.....</b>	<b>29</b>
<b>1.1 - A campanha da Aliança Liberal no Rio Grande do Sul – a cobertura</b>	<b>58</b>
<b>jornalística.</b>	
<b>Cap. 2 – Os novos tempos – as demandas da modernidade: industrialização e</b>	<b>72</b>
<b>urbanização.....</b>	
<b>2.1 – Porto Alegre: cidade-progresso.....</b>	<b>91</b>
<b>Cap. 3 – A popularização da cultura letrada.....</b>	<b>109</b>
<b>Conclusão.....</b>	<b>128</b>
<b>Anexos.....</b>	<b>134</b>
<b>Bibliografia.....</b>	<b>139</b>

## RESUMO

Esse trabalho trata do discurso da modernidade no projeto editorial da Revista do Globo entre os anos de 1929 e 1935, através da análise de seus artigos e reportagens, instituindo novos modos de viver e pensar a cidade. A análise do projeto editorial permitiu examinar essa prática discursiva no contexto de transição da ordem oligárquica para a nova ordem burguesa.

Na medida em que essa transição ocorreu na República Velha (1889-1930), novos grupos sociais precisaram ser incorporados política, econômica, social e ideologicamente e a Revista do Globo surge como um produto dessa conjuntura, legitimando-se como um *veículo informativo moderno* que instaurou a experiência da modernidade, apontando para os novos horizontes burgueses.

A hipótese central desse trabalho é de que a Revista do Globo no Rio Grande do Sul, possuiu um papel aglutinador desta nova mentalidade moderna que passou a consolidar-se a partir da transição das ordens na República Velha. Sendo um dos primeiros agentes culturais na região, a revista incorporou elementos diversos que a tornaram popular entre o público leitor, através de um projeto editorial voltado para a padronização cultural e para a instauração da modernidade, a qual se deu pelo discurso e pela prática, cujo processo de reestruturação e urbanização da cidade constituíram uma nova dimensão aos modos de viver e pensar a sociedade urbano-industrial.

Confirmando seu caráter aglutinador, produzindo um discurso voltado para a construção de um novo imaginário burguês, a Revista do Globo instituiu em suas páginas a intersecção de pontos importantes: o discurso político, a transformação social com a remodelação urbana e a tecnologia como responsáveis pela experiência da modernidade em Porto Alegre.

## ABSTRACT

This work deals with the modernity speech of the Revista do Globo editorial between years 1929 and 1935, through the analysis of its articles and reportages, instituting new ways of living and thinking the city. The editorial project analysis allowed the examination of this discursive practice in the transition context from the oligarchic order to the new bourgeois order.

In the progress this transition occurred in the Old Republic (1889-1930), new social groups needed to be incorporated politic, economical, social and ideologically and the Revista do Globo arises as a product of this conjuncture, legitimating itself as a modern informative vehicle that stated the modernity experience, pointing to the new bourgeois horizons.

The central hypothesis of this work is that the Revista do Globo in the Rio Grande do Sul has a combination role of this new modern understanding that started to consolidate itself from the Old Republic orders transition. Being one of the first cultural agents in the region, the magazine incorporated diverse elements that made it popular among the readers, through an editorial project oriented to the cultural standardization and to the modernity instauration, that occurred by the speech and by the practice, whose city re-structuralization and re-urbanization process constituted a new dimension to the thinking and living ways the urban-industrial society.

Confirming its combination role, producing a speech oriented to the building of a new bourgeois imaginary, the Revista do Globo instituted in its pages the intersection of important points: the politic speech, the social transformation with the urban remodelation and the technology as the responsables for the modernity experience in Porto Alegre.

## INTRODUÇÃO

*“Esta revista que hoje nasce já tem uma história.”<sup>1</sup>*

O “*Quinzenário de Cultura e Vida Social*”, a Revista do Globo surgiu em um momento de instabilidade nacional e internacional que modificaram os modos de vida, onde a instauração da modernidade associada ao fenômeno urbano-industrial constituiu novos hábitos e costumes.

Na medida em que ocorreu no Brasil a transição de uma ordem oligárquica na República Velha (1889-1930), para uma ordem burguesa, novos grupos sociais precisaram ser incorporados política, econômica, social e ideologicamente. Instituído-se como um produto desta conjuntura, a Revista do Globo entre os anos de 1929-1935,<sup>2</sup> legitimou-se como um veículo informativo que instaurou a experiência da modernidade, afirmando este novo horizonte burguês.

No Rio Grande do Sul, a Revista do Globo pôde evidenciar essas mudanças, valendo-se de um projeto editorial próprio que estendeu as fronteiras culturais além das suas fronteiras físicas, articulando os novos sentidos, práticas e modos de viver e pensar a cidade num processo de redefinição e popularização da cultura letrada.

---

<sup>1</sup> Revista do Globo Anno I, Nº 1 – Preâmbulo.

<sup>2</sup> ANEXO 1 – Iniciando suas atividades em 1929, a Revista do Globo circulou quinzenalmente por 38 anos, encerrando suas atividades em 1967. Em 1931 a revista circulou por dois meses como semanário, após esse curto período voltou a ser quinzenário. Com a finalidade de situar o leitor dos acontecimentos históricos ocorridos, encontra-se em anexo uma cronologia do período.



Dentro do que se pode caracterizar como imprensa escrita, os principais meios de comunicação da época caracterizavam-se por jornais, almanaques, anuários e revistas ilustradas os quais desempenharam importantes papéis na sociedade, dando visibilidade a inúmeros projetos e práticas sociais. Neste sentido, a Revista do Globo, desde sua primeira edição em 1929 possuiu uma importância ímpar na história da imprensa gaúcha. Além de cumprir um papel político às vésperas da Revolução de 30, ela refletiu a sociedade urbano-industrial e sua ânsia de modernidade e civilização.

Ao mesmo tempo em que buscou uma aproximação com o mundo moderno, cosmopolita, a Revista do Globo defendeu uma cultura própria, através de um discurso que consolidou-se pelo peso da tradição e pelo projeto de futuro, cuja unidade e identidade foram instituídas pela padronização cultural. Defender uma identidade regional e ao mesmo tempo ir ao encontro da modernidade, conferiu à revista um caráter de construção da visibilidade pública e de inúmeras práticas culturais, ampliando socialmente os seus círculos de difusão.

Criada inicialmente para projetar e divulgar a literatura, ela trouxe a modernidade para o público leitor por meio de um projeto editorial que pôs em evidência a experiência da tecnologia. Sem estar atrelada a partidos políticos, logo tornou-se a principal publicação do seu gênero, suprimindo a necessidade cultural da elite letrada gaúcha, dando visibilidade às práticas culturais no processo de redefinição da cultura letrada, voltada para a inclusão das camadas populares da sociedade.

Esse novo mundo ligado ao desenvolvimento industrial possibilitou o aparecimento de novas tecnologias compatíveis com os novos tempos. O desenvolvimento econômico favoreceu também o jornalismo que passava por uma fase de modernização e avanços técnicos, constituindo-se como um espaço de instituição da vida urbana, produto de uma nova

conjuntura emergindo “*como um campo dinâmico da disputa pela afirmação desse horizonte burguês.*”<sup>3</sup>

No Brasil, os indícios da modernidade já estavam presentes com o crescimento das grandes cidades que exigiram investimentos consideráveis nas áreas de transporte, abastecimento, habitação e serviços, visto que o crescimento populacional nesses centros exigiam tal intervenção. Ao mesmo tempo os projetos políticos consolidaram-se no regime republicano e foram definidos pela transição de uma ordem oligárquica para uma ordem burguesa.

A delimitação temporal e espacial deste estudo abrange a cidade de Porto Alegre nos primeiros anos do governo de Getúlio Vargas (1929-1935), que transportou para a política nacional a ideologia gaúcha, substituindo as velhas oligarquias por uma nova elite que se dispunha a criar um projeto reformador e modernizante, potencializando um desenvolvimento urbano e industrial, instituindo novos modos de viver e pensar.

Segundo Pedro Fonseca, “*(...) com a chegada de Vargas ao poder federal em 1930, emergiram novas propostas, nova prática política, novos símbolos e novo discurso, desde logo não expressão única de setores gaúchos, mas da correlação de forças formada a nível nacional quando da Aliança Liberal e, principalmente, quando da ‘revolução de 30’.*”<sup>4</sup>

Ao mesmo tempo, em que ocorriam essas mudanças nos âmbitos econômico e político, a imprensa gaúcha destacava-se pela publicação da Revista do Globo em 1929, que permitiu ampliar, através de suas páginas, a instituição destes novos modos de viver e pensar a sociedade, motivo pelo qual também justifica a escolha deste periódico como principal suporte documental desta investigação, situando a revista como um elemento atuante no

---

<sup>3</sup> CRUZ, Heloisa de Faria. **São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana – 1890-1915**. São Paulo: EDUC; FAPESP; Arquivo do Estado de São Paulo; Imprensa Oficial SP, 2000, p. 82.

<sup>4</sup> FONSECA, Pedro C. D. “Positivismo, trabalhismo, populismo: a ideologia das elites gaúchas.” In.: **Ensaio FEE**. Porto Alegre, n. 14, 1993, p. 418.

processo político e veículo que retratou e ajudou a construir o perfil da modernidade desejado pelas elites da época.

O período anterior a essas mudanças foi marcado pelo monopólio político das oligarquias rurais, cujo predomínio estava também nos setores sócio-econômico, cultural e ideológico. Esse monopólio esteve assegurado desde a Constituição de 1891, que consentiu a criação de partidos nos estados brasileiros, garantindo o federalismo e a autonomia estadual. A formação dos partidos republicanos foi a forma encontrada pelas oligarquias para defenderem e lutarem pelos seus interesses. Destacaram-se nesse contexto, o Partido Republicano Paulista, o Partido Republicano Mineiro e o Partido Republicano Riograndense, onde este último dominou o estado do Rio Grande do Sul por todo o período da República Velha.

A superioridade econômica e política de regiões como São Paulo e Minas Gerais destacaram-se na disputa da presidência da República. O poder alternava nesses dois estados através da Política dos Governadores, mantendo alianças com regiões periféricas fundamentando a troca de favores entre o governo federal e as oligarquias estaduais.

Diante desse panorama, é possível compreender que a manutenção da ordem oligárquica durante a Primeira República foi possível devido a um conjunto de fatores destacando-se: a hegemonia dos setores agrários, tributários de um modo-de-produção pré-capitalista, e que posteriormente basearam o modelo de acumulação capitalista brasileiro em uma economia agro-exportadora. Esse modelo foi incorporado pelas oligarquias cafeeiras e permitindo o desenvolvimento do capitalismo no país.

A crise desse modelo primário-exportador, aliada ao crescimento industrial, ainda que incipiente, provocaram mudanças significativas em toda sociedade. O crescimento industrial nas primeiras décadas do século XX se deu a partir de alguns pré-requisitos como: investimento estrangeiro, mão-de-obra barata e abundante formada pelos imigrantes, mercado

consumidor e principalmente capital para investimento, gerado a partir da acumulação na cafeicultura, constituindo uma burguesia industrial que “*nasce confundida e entrelaçada com os grandes proprietários, [onde] muitas vezes são os próprios oligarcas que investem no setor industrial por causa das crises cíclicas do setor primário-exportador.*”<sup>5</sup> Este surto industrial, nestas condições de acumulação, ocorreu principalmente em São Paulo e no Rio de Janeiro e em menor escala nos Estados de Minas Gerais e Rio Grande do Sul.

O esgotamento da República Velha foi um processo de desgaste de uma economia periférica baseada em um projeto primário-exportador. Politicamente, esse esgotamento evidenciou o enfrentamento das oligarquias centrais (mineiros e paulistas) com as oligarquias periféricas. A primeira grande crise ocorreu como resultado da indicação de Artur Bernardes para a sucessão de Epitácio Pessoa (1919-1922).

A oposição, composta pelos Estados do Rio Grande do Sul, Bahia, Pernambuco e Rio de Janeiro formou uma aliança chamada Reação Republicana. Desejando uma maior participação política formaram um grupo de oposição ao poder federal, para concorrer às eleições de 1922, indicando Nilo Peçanha para concorrer com Artur Bernardes. A vitória de Artur Bernardes demonstrava as dificuldades de romper com o domínio das oligarquias paulista e mineira.

A medida em que ocorria o enfrentamento das oligarquias periféricas com as oligarquias centrais, a crise sócio-política da Primeira República foi acompanhada por uma intensa atividade ideológica e uma ativa participação de diversos grupos sociais. As mobilizações e as greves ocorridas durante a República Velha representaram o principal instrumento de resistência dos trabalhadores até os anos 20. A maior mobilização ocorreu em 1917, iniciada em São Paulo e com repercussões em todo o país. Pouco tempo depois, as influências da Revolução Russa, na qual os operários derrubaram a ordem burguesa,

---

<sup>5</sup> WASSERMAN, Claudia. “A manutenção das oligarquias no poder: as transformações econômicas-políticas e a permanência dos privilégios sociais.” In.: **Estudos Ibero-Americanos**. PUCRS, v. XXIV, n. 2, dez. 1998, p.61.

influenciaram vários grupos no mundo todo, que passaram a se organizar no intuito de formar um partido semelhante ao russo.

Em 1922, foi fundado o Partido Comunista do Brasil (PCB) que constituiu-se como uma ameaça às estruturas da República Oligárquica. Também os setores médios urbanos, a jovem oficialidade militar, os tenentes com os levantes militares, grande parte da intelectualidade e alguns setores da classe dominante sem muita representação política, atuaram politicamente em oposição ao quadro institucional vigente.

Neste sentido, a década de 20 caracterizou-se pela emergência de novos elementos que foram responsáveis pelas transformações nos campos econômicos, políticos, sociais, culturais, tecnológicos iniciando também um processo de remodelação urbana no qual as cidades tornaram-se o centro. Ao mesmo tempo, observa-se os processos de industrialização e urbanização e o surgimento, no cenário nacional de uma nova burguesia e um processo de remodelação urbana.

Neste contexto, a ascensão do Rio Grande do Sul, de oligarquia periférica, para o cenário nacional se deu numa correlação de interesses. Para romper com a continuidade do poder entre os representantes das oligarquias agrárias paulista e mineira, formou-se a Aliança Liberal, uma união gaúcho-mineira, cujo objetivo era eleger Getúlio Vargas para presidente da República. A formação desta aliança foi um fator indicativo da decadência do sistema oligárquico, no qual a hegemonia da Aliança do café-com-leite passou a ser contestada.

Com a Revolução de 30, Getúlio Vargas assume provisoriamente o governo, iniciando uma nova fase na história do Brasil. Com uma política desenvolvimentista, na qual a cultura e o progresso tornaram-se peças chaves para a construção de uma elite intelectualmente atuante, foi indispensável uni-las para que houvesse a incorporação destes novos grupos sociais e políticos.

O projeto de nacionalidade proposto por Getúlio encontrou legitimidade no Rio Grande do Sul, sendo importante o apoio do Estado nesta nova política voltada para a consolidação de uma identidade nacional. A partir de então, a nação começou a se firmar como tal, tendo em vista que o próprio Getúlio Vargas incorporou em si a figura do Estado criando objetiva e subjetivamente a idéia de Estado-nação, caracterizando-se como uma entidade social, “*situada na intersecção da política, da tecnologia e da transformação social.*”<sup>6</sup>

A partir do momento em que se começou a ter no país um sentimento comum de participação, ordem política e identificação, tem-se o fenômeno construído da identificação nacional. Para Eric Hobsbawm em seu livro “*Nações e nacionalismo desde 1780. Programa, mito e realidade*”, as nações são “*fenômenos duais, construídos essencialmente pelo alto, mas que, no entanto, não podem ser compreendidas sem ser analisadas de baixo, ou seja, em termos das suposições, esperanças, necessidades, aspirações e interesses das pessoas comuns, as quais não são necessariamente nacionais e menos ainda nacionalistas,*”<sup>7</sup> mas que passam a se sentir identificadas com um território e/ou com um Estado, podendo também serem pensadas, conforme Benedict Anderson<sup>8</sup> como uma “*comunidade imaginada.*”

O sentimento de pertencimento e ao mesmo tempo de identificação se produz a partir dos processos e mecanismos que ligam experiências novas às experiências antigas, produzindo familiaridade e/ou estranhamento, além das distinções por meio da linguagem oral, escrita e visual.

Esta nação caracterizada pela modernidade e pela identificação dos novos grupos sociais numa ligação entre a política, a economia, a tecnologia e as transformações sociais, estabeleceu fortes vínculos com a política de Vargas através da transformação do capitalismo

---

<sup>6</sup> HOBBSAWM, Eric. **Nações e nacionalismo desde 1780. Programa, mito e realidade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990 p. 19.

<sup>7</sup> **idem**, p. 20.

<sup>8</sup> ANDERSON, Benedict. **Nação e consciência nacional.** São Paulo: Ática, 1989.

que proporcionou novas tecnologias compatíveis com os novos tempos, fundamentando um projeto de nacionalidade apoiado nos meios de comunicação de massa (rádio, jornal e revista).

A modernidade entrava para a ordem do dia. A vida urbana atrelada a uma série de transformações e a implantação da ordem burguesa nas cidades, em decorrência do processo de transição capitalista, caracterizou profundamente o período. As cidades traduziram o progresso instituindo novos espaços inseridos em uma conjuntura moderna e progressista. A remodelação de Porto Alegre é vastamente defendida e explorada na Revista do Globo, cujos artigos determinaram as mudanças necessárias para o progresso da cidade, como por exemplo artigos sobre a remodelação do centro e parques e o decreto sobre manutenção e desenvolvimento dos serviços municipais de *política, hygiene e instrução*.

Para compreender as questões que envolvem a modernidade, vou privilegiar a proposta de Marshall Berman em seu livro *“Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade,”* no qual estabelece o conceito de modernidade a partir do conjunto de experiências compartilhado por homens e mulheres, a partir das inúmeras e constantes transformações do mundo capitalista. O autor considera que essa experiência é essencialmente contraditória e que *“ser moderno é viver em paradoxo e contradição,”*<sup>9</sup> já que esse desejo de transformação pode conviver com o fascínio e ao mesmo tempo com o temor ao moderno e as mudanças por ela provocadas.

Berman salienta ainda que o conceito utilizado está ligado a outros dois termos que dizem respeito ao mesmo fenômeno de modernidade. Modernização, ligado às mudanças estruturais operadas nas esferas política, econômica e sociais<sup>10</sup> e ainda modernismo, que sustenta essas mudanças num plano mental.

---

<sup>9</sup> BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Cia das Letras, 1986, p. 13.

<sup>10</sup> Segundo Norberto Bobbio, essas esferas têm caracterizado a modernização nos dois últimos séculos. Cf. BOBBIO, Norberto & MATTEUCCI, Nicola & PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de política**. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1992, p. 768.

A percepção desses termos foram suprimidas ao longo do século XX, que como ele próprio argumenta, onde a modernidade estabeleceu-se como um reflexo da modernização, sem estar ligada ao modernismo. Na perspectiva dos modernistas do século XIX isto não aconteceu, um exemplo é o *flâneur* de Baudelaire,<sup>11</sup> que em suas perambulações pela cidade via o mundo, estava no centro do mundo e permanecia oculto ao mundo, sentindo a modernidade como um todo.

A tentativa de romper com todo um aparato oligárquico em favor de um projeto burguês se realizou mais facilmente no campo econômico e político, do que no campo mental, onde esta mentalidade moderna, cosmopolita, instaurou-se de forma lenta e gradual. Esta mudança de mentalidade voltada para as luzes do progresso encontrou nos meios de comunicação um suporte para se legitimar, o que foi possível graças ao próprio desenvolvimento da imprensa que precedeu “*do desdobramento do campo político e, em particular, da necessidade das classes e frações de classes sociais fazerem-se representar e valer seu arbitrário político-cultural no campo social.*”<sup>12</sup>

Constituindo-se a imprensa “*como um dos espaços de gestação e manifestação de novas significações e projetos sociais,*”<sup>13</sup> a Revista do Globo, editada entre os anos de 1929 e 1935, é objeto dessa pesquisa. Inserindo-se como uma fonte que ajudou a construção e a transformação da sociedade e da vida urbana, essa revista proporcionou visibilidade dos projetos de uma elite letrada, cujo discurso “*não só [sugeria] um percurso pelo qual a cultura letrada avançava sobre terrenos sociais anteriormente alheios ao seu processo de constituição/instituição como [instituiu] um campo extremamente dinâmico da disputa cultural.*”<sup>14</sup>

---

<sup>11</sup> Ver BAUDELAIRE, Charles. **Sobre a modernidade: o pintor da vida moderna**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

<sup>12</sup> RÜDIGER, Francisco Ricardo. “O nascimento da imprensa no Rio Grande do Sul.” In.: **Instituto de Filosofia e Ciências Humanas**. Porto Alegre, vol.13, 1985, p. 116.

<sup>13</sup> CRUZ, Heloisa de F. **op. cit.**, p. 20.

<sup>14</sup> **idem**, p. 20.



Buscando estruturar uma nova realidade, a Revista do Globo constituiu-se, conforme Francisco das Neves Alves,<sup>15</sup> como um discurso que consolidou-se à medida em que sua historicidade discursiva se produziu em determinadas condições, recriando a tradição, o passado, ao mesmo tempo que influenciou os novos acontecimentos.

A instauração da novidade fomentada pelas novas tecnologias nos anos 30 se deu de duas formas, pelo discurso e pela prática. A Revista do Globo nesta pesquisa está sendo utilizada como um discurso da modernidade que deveria ser compartilhado por toda sociedade, e sua eficácia esteve na sua *“aptidão em suscitar a adesão de um conjunto de sujeitos.”*<sup>16</sup>

Nesse sentido, a revista promoveu um discurso de inclusão das camadas mais populares, relacionando-as ao novo contexto da cidade. Ao mesmo tempo, essa prática discursiva apresentou-se na remodelação urbana do centro, direcionando-a para uma dinâmica moderna e burguesa. Com um discurso higienizante, a cidade de Porto Alegre nos anos 30 continuou sua reorganização social com Alberto Bins num contínuo projeto de modernização urbana.

Contudo, esse discurso materializou os ideais da cidade moderna, cosmopolita no sentido que propagou a própria experiência da modernidade, atingindo os mais diversos leitores, discurso inclusivo, porém excluindo as camadas mais populares, já que estas não situavam-se neste novo contexto de modernidade.

Essa alternância na busca pela modernidade e pelo reforço da nova identidade é um tema bastante discutido pelos pensadores latino-americanos desde o início do século XIX. Eduardo Devés Valdés defende que cada período histórico atribui uma especificidade a cada um desses elementos, ou seja, identidade e modernização se alteram em sucessivas ondas. No

---

<sup>15</sup> Cf. ALVES, Francisco das Neves. “Imprensa e política: algumas reflexões acerca da investigação histórica.” In.: **História em Revista**. Núcleo de Documentação Histórica. Instituto de Ciências Humanas. EFPEL – Pelotas, 2001 – vol. 7, Nº 1 (Dez, 2001), p. 98

<sup>16</sup> **idem**, p. 101.

início do século XX, pensadores como José E. Rodó, protagonizaram uma onda identitária, já ao final de 1930 aos anos de 1940 e 1950 o projeto voltou-se à modernização. Conforme o autor, apesar de uma das alternativas ser hegemônica em um determinado momento, a outra não desaparece completamente.<sup>17</sup>

Mas como essas questões aparecem na revista?

Discurso e prática mesclaram-se num contexto de disputa não apenas econômica e política, mas cultural e intelectual entre as oligarquias tradicionais, ligadas ao projeto primário-exportador e aquelas mais próximas ao setor industrial, ou que compreendiam a necessidade da mudança, representando o prenúncio da burguesia brasileira. A fragilidade do setor primário-exportador ligado as velhas oligarquias definiu a postura dos editoriais, artigos e reportagens da Revista do Globo, possibilitando construir assim, um discurso legitimador das práticas desta nova sociedade urbano-industrial.

Como ela assinala essa alternância entre identidade regional e, ao mesmo tempo, busca a modernidade?

O discurso da revista parece opor-se à identidade regional, entretanto na análise dos artigos verificou-se que ao mesmo tempo ela prega noções de progresso tecnológico, incitando uma modernidade conservadora e centralizadora, buscando no passado uma legitimidade para o seu discurso.

E os leitores, identificaram-se com esse discurso?

É pertinente salientar que não será analisada a forma como os leitores apreenderam este discurso e sim como a Revista do Globo produziu e veiculou suas matérias, já que é necessário observar que nem sempre a mensagem transmitida é a mesma assimilada pelo

---

<sup>17</sup> Cf.: DEVÉS VALDÉS, Eduardo. **El pensamiento en el siglo XX. Entre la modernización y la identidad, tomo I, Del Ariel de Rodó a la CEPAL (1900-1950)**. Buenos Aires: Biblos, Centro de Investigaciones Diego Barro Arana, 2000. Ver principalmente introdução.

público, tendo em vista a especificidade da imprensa como uma fonte que “*apresenta os fenômenos históricos de acordo com as perspectivas daqueles que o produziram.*”<sup>18</sup>

Diante dessa perspectiva, toma-se os meios de comunicação, neste caso a Revista do Globo, como um elemento atuante e formador de opinião no processo de transição em que o país se encontrava. A revista salientou uma identidade regional concomitante a modernidade que reordenava a cidade, instituindo novos espaços de sociabilidade. Ao final da década de 20, Porto Alegre era profundamente marcada pela política positivista e seu cenário contava com um circuito cultural bastante diversificado: cinemas, cafés, confeitarias, livrarias, onde as pessoas encontravam-se nas calçadas da Rua da Praia e discutiam o futuro da Nação. Neste contexto, a Livraria do Globo, fundada em 1883 por Laudelino Pinheiro de Barcellos, encontrou as condições favoráveis para investir em mais um projeto editorial.

Em cinco de janeiro de 1929 foi lançada a primeira edição da Revista do Globo, que ao longo de 38 anos veiculou os mais diversos temas, abrangendo um público leitor heterogêneo, identificados com seu discurso, que apresentava-se como um projeto modernizador e cosmopolita. Ao mesmo tempo, esse projeto expandiu suas fronteiras além Rio Grande do Sul. Percebendo-se uma intenção regional/internacional desde seu primeiro número, quando esta utilizou “*a proliferação de culturas [e] a riqueza cultural pré-existente*”<sup>19</sup> para romper as fronteiras regionais, tornando-se a maior revista de circulação nacional fora do eixo Rio-São Paulo.

Inserida em um contexto de mudanças, a revista acompanhou o desenvolvimento do jornalismo rio-grandense, tornando-se a principal publicação deste gênero no sul do país, sendo um importante instrumento divulgador da literatura.

---

<sup>18</sup> ALVES, Francisco das Neves, **op. cit.**, 97.

<sup>19</sup> GELLNER, Ernest. **Nações e Nacionalismo**. Lisboa: Gradiva, 1993, p.89.

Voltada inicialmente para a literatura,<sup>20</sup> porém dotada de elementos jornalísticos já na sua fundação, a Revista do Globo logo caiu no gosto popular, que a viu como um espelho da nova realidade, publicando quinzenalmente temas de interesse geral. Atingiu públicos variados, preocupou-se em registrar e divulgar o Rio Grande do Sul, conforme as palavras de seu primeiro diretor, Mansueto Bernardi, que afirmou no preâmbulo de 05 de janeiro de 1929, que a revista

*“se propõe registrar e divulgar, com o auxílio da Livraria do Globo, tudo o que o Rio Grande houver e doravante ocorrer, digno de registro e divulgação. E ainda **Revista do Globo**, porque deseja constituir uma ponte de ligação mental e social entre o Rio Grande e o resto do mundo (...)”*<sup>21</sup>

Portanto, entender este fenômeno de transição de uma ordem oligárquica para uma ordem burguesa através dos meios de comunicação da época, no caso a Revista do Globo, é uma forma de resgatar este novo espírito burguês, desta nova mentalidade que se instalou no país a partir desta nova elite urbano-industrial, cujo projeto era nacional e desenvolvimentista e que já estava fundamentado no campo político e econômico. Este processo, ocorrido entre 1929-1935 pode ser melhor compreendido na medida em que esta revista passou a ser um referencial para a população gaúcha como um modelo de revista ilustrada bastante diversificada das demais lançadas na década de 20<sup>22</sup>.

A hipótese central deste trabalho é de que a Revista do Globo no Rio Grande do Sul, possuiu um papel aglutinador desta nova mentalidade moderna que passou a consolidar-se a partir da transição da ordem oligárquica para uma ordem burguesa. Sendo um dos primeiros agentes culturais na região, a revista incorporou elementos diversos que a tornaram popular

---

<sup>20</sup> Pode-se caracterizar a Revista do Globo em duas fases: 1929-1938, caráter literário e social, além de abordar os mais diferentes assuntos, a partir de 1939 a revista vai adquirir um caráter mais jornalístico e abrangente.

<sup>21</sup> Revista do Globo Anno I, Nº 1 – Preâmbulo.

<sup>22</sup> *Kodak, Máscara, Kosmos e Madrugada*, foram algumas das principais revistas ilustradas que circularam na década de 20.

entre o público leitor, através de um projeto editorial voltado para a padronização cultural e para a instauração da modernidade, na qual se deu pelo discurso e pela prática, cujo processo de reestruturação e urbanização da cidade constituíram uma nova dimensão aos novos modos de viver e pensar da sociedade urbano-industrial.

Ao mesmo tempo, a Revista do Globo neste trabalho está sendo usada como um discurso da modernidade, resultante das características próprias do contexto. No que tange o discurso jornalístico, optou-se por utilizar a grafia original da revista para desconstruir/reconstruir o universo de relações entre seu discurso e seu *status* de fonte histórica.

Este estudo, que privilegia como fonte documental a Revista do Globo em seus primeiros anos como testemunho de uma época, tem por objetivos: investigar a transição da ordem oligárquica para a ordem burguesa, sua instauração e consolidação, através de um panorama econômico, político, social, ideológico e cultural, priorizando o processo em Porto Alegre relacionado à modernidade dos novos tempos. O processo de urbanização e a legitimação de uma sociedade urbano-industrial, a difusão e popularização da cultura letrada, tendo em vista novas práticas, espaços e hábitos. Posteriormente, a análise se dará no papel dos meios de comunicação neste processo de transição para um projeto nacional (moderno, cosmopolita) nos anos 30, analisando a Revista do Globo, a partir do apoio dado a Getúlio Vargas e seu projeto desenvolvimentista, transformando-se num veículo de construção desta legitimidade no Rio Grande do Sul.

Este trabalho será realizado inicialmente a partir de uma pesquisa bibliográfica com uma análise historiográfica sobre a transição da ordem oligárquica para uma ordem burguesa, nas primeiras décadas do século XX e o papel dos meios de comunicação neste processo de transição para um projeto nacional. Contando com a bibliografia especializada sobre o tema, a análise da investigação incidirá sobre o editorial da Revista do Globo, como um discurso que

instaurou essa nova mentalidade moderna, buscando os elementos que evidenciem tais questões e a forma pela qual a revista estendeu suas fronteiras culturais para além do Rio Grande do Sul, sempre buscando a confrontação dessas informações com a bibliografia especializada.

Destacando a bibliografia já existente sobre a Revista do Globo, é comum encontrar relatos do tipo memorialista sobre a Revista, Livraria e Editora Globo, confundindo-se com a própria história e com o desenvolvimento da Rua da Praia, fazendo dela um ponto referencial da cidade. Trabalhos como o de Nilo Ruschel<sup>23</sup>, Augusto Meyer<sup>24</sup> e Paulo de Gouvêa<sup>25</sup> fomentam a importância da Livraria do Globo como um local da intelectualidade porto-alegrense. “*No Tempo da Flor*” e “*O Grupo: outras figuras, outras paisagens*”, tratam da importância da Livraria do Globo e da Editora Globo como elementos fundamentais para a formação de grupos literários como por exemplo o Grupo do Café Colombo, no qual faziam parte Augusto Meyer, Theodomiro Tostes, Paulo de Gouvêa, João Santana, Athos Damasceno Ferreira, João Manuel de Azevedo Cavalcanti, entre outros.

Nesta mesma linha destaca-se o artigo de Elizabeth Torresini<sup>26</sup>, publicado em Estudos Ibero-Americanos, que trata da movimentada vida cultural, tendo nas ruas centrais de Porto Alegre os locais de debate e de produção da cultura, no qual a Rua da Praia é o centro difusor do mundo dos negócios e da política. Em seu artigo, Elizabeth dá uma maior ênfase à Livraria e cita a Revista do Globo como um patrimônio que leva a marca Globo.

---

<sup>23</sup> RUSCHEL, Nilo. **Rua da Praia**. Porto Alegre: Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 1971.

<sup>24</sup> MEYER, Augusto. **No Tempo da Flor**. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1966.

<sup>25</sup> GOUVÊA, Paulo de. **O Grupo: outras figuras, outras paisagens**. Porto Alegre: Movimento/Instituto Estadual do Livro, 1976.

<sup>26</sup> TORRESINI, Elizabeth W. R. “POA: dos cinemas, cafés, jornais, livrarias e praças. A capital dos livros (1929-1948)”. In.: **Estudos Ibero-Americanos**. PUCRS, v. XXI, n. 1, 1995.

O trabalho de Erico Veríssimo, “*Um certo Henrique Bertaso: pequeno retrato onde o pintor também aparece*”<sup>27</sup>, possui um tom mais nostálgico contando a saga da família Bertaso, cujo bibliografado, Henrique Bertaso, insere-se na paisagem sócio-cultural gaúcha.

José Otávio Bertaso relembra seu ofício de editor e faz uma narrativa de fatos pitorescos e significativos da época, sem a preocupação com a ordem cronológica em seu livro “*A Globo da Rua da Praia*”<sup>28</sup>. A idéia deste livro surgiu a partir de uma entrevista e posterior leitura da dissertação de Elizabeth Torresini.<sup>29</sup> Nela a autora trabalha com a formação da Editora Globo no Rio Grande do Sul, enfocando que esta destacou-se frente à indústria cultural e de um modo geral, à produção de livros no Brasil.

Tratando especificamente da Revista do Globo, encontra-se uma bibliografia diversificada, desde dissertações e artigos até reportagens de revistas e jornais.

Entre as dissertações de mestrado, destaca-se a de Valdéria Thorstenberg<sup>30</sup>, que trabalha com a descrição e análise dos elementos literários das páginas de rosto da Revista do Globo, enquanto elemento dos mais significativos do peritexto editorial. Apesar de tratar da Revista do Globo, esta dissertação dá ênfase à literatura.

“*A imagem de Hitler e da Alemanha na Revista do Globo de Porto Alegre (1933-1945)*”, de Mateus Dalmáz<sup>31</sup>, trabalha com imagens e matérias da Alemanha e de Hitler na Revista do Globo e como estas projetaram distintas imagens ao longo dos treze anos abordados, considerando o apoio da revista a Vargas e seu governo e bem como os caminhos seguidos pela política externa brasileira.

---

<sup>27</sup> VERÍSSIMO, Erico. **Um certo Henrique Bertaso: pequeno retrato onde o pintor também aparece**. Porto Alegre: Globo, 1973.

<sup>28</sup> BERTASO, José Otávio. **A Globo da Rua da Praia**. São Paulo: Globo, 1993.

<sup>29</sup> Em 1999 essa dissertação resultou no livro: “*Editora Globo: uma aventura editorial nos anos 30 e 40*”, publicado pela Universidade de São Paulo Com-Arte e pela Universidade/ UFRGS.

<sup>30</sup> THORSTENBERG, Valdéria. **Página de Rosto: uma amostra do potencial literário da Revista do Globo**. Porto Alegre, Dissertação de Mestrado, Teoria da Literatura, PUCRS, 1998.

<sup>31</sup> DALMÁZ, Mateus. **A imagem de Hitler e da Alemanha na Revista do Globo de Porto Alegre (1933-1945)**. Porto Alegre, Dissertação de Mestrado, História, PUCRS, 2001.

A dissertação “*A publicidade nas revistas ilustradas: o informativo cotidiano da modernidade. Porto Alegre: anos 20*”, de Alice Trusz<sup>32</sup>, trabalha com a Revista do Globo como um dos periódico que circulou nos anos 20 na categoria de revista ilustrada. Seu trabalho incide diretamente sobre a produção publicitária veiculada nessas revistas da época e a Revista do Globo se inclui entre elas.

“*A Experiência da modernidade na Seção de Desenho da Editora Globo – Revista do Globo (1929-1939)*”, de Paula Ramos<sup>33</sup>, analisa a seção de desenhos da Editora Globo através da Revista do Globo, seus ilustradores e sua iconografia.

Dentre as reportagens, destaca-se o histórico feito por Eduardo Nasi na Revista Aplauso<sup>34</sup> ao longo dos 38 anos em que a Revista do Globo circulou e a Revista ZH de 20 de junho de 1993, que dedicou cinco páginas para homenagear a Livraria, Editora e Revista do Globo.

O artigo de Adriana Brum,<sup>35</sup> enfatiza o caráter cosmopolita da revista, mais especificamente nos anos 50 e 60. Também o artigo da revista Megainfo<sup>36</sup> dá ênfase aos principais colaboradores da revista como Mansueto Bernardi, Erico Verríssimo e Justino Martins.

Além da bibliografia mencionada, há outros trabalhos que citam a Revista do Globo. Em 1996, o Ir. Elvo Clemente escreveu um artigo intitulado “*As revistas da Livraria do Globo*”<sup>37</sup> no qual trata das revistas publicadas pela Livraria do Globo ao longo dos anos: Almanaque do Globo (1917), Revista do Globo (1929), Província de São Pedro (1945) e

---

<sup>32</sup> TRUSZ, Alice. **A publicidade nas revistas ilustradas: o informativo cotidiano da modernidade. Porto Alegre: anos 20.** Porto Alegre, Dissertação de Mestrado, História, UFRGS, 2002.

<sup>33</sup> RAMOS, Paula. **A Experiência da modernidade na Seção de Desenho da Editora Globo – Revista do Globo (1929-1939).** Porto Alegre, Dissertação de Mestrado, Instituto de Artes, UFRGS, 2002.

<sup>34</sup> NASI, Eduardo. “A Revista que Seduziu o País”. **Revista Aplauso.** Porto Alegre, ano I, nº 8, jan., 1999.

<sup>35</sup> BRUM, Adriana. “Do Rio Grande para o Brasil”. In.: **Revista Press.** Vol. 1, n. 9, 2001.

<sup>36</sup> **Revista Megainfo: comunicação, desing, marketing e mais.** Ano II, vol. 16, dez, 1999.

<sup>37</sup> CLEMENTE, Ir. Elvo. “As revista da Livraria do Globo”. In.: **Continente Sul Sur.** Revista do Instituto Estadual do Livro. Porto Alegre, nº 2, nov. de 1996.



Revista Letras de Hoje (1967). Nesse artigo o autor enfatiza a Revista do Globo como grande divulgadora da literatura, democratizando-a para todo o público leitor.

O artigo, “*O rádio nas páginas da Revista do Globo (1929-1967)*”, das autoras Doris F. Haussen e Adriana R. Duval<sup>38</sup>, procura resgatar a forma como esta nova tecnologia (rádio) foi registrada na revista, já que praticamente o rádio (1924) e a própria revista (1929) iniciaram suas atividades simultaneamente em Porto Alegre.

“*Tendências do Jornalismo*”, de Francisco R. Rüdiger<sup>39</sup>, destaca a Revista do Globo como um projeto da livraria e como um exemplo de imprensa que ele classifica como “*jornalismo informativo moderno.*”

Dentre os artigos e reportagens que não tratam especificamente da Revista do Globo e sim da Livraria e Editora, destacam-se o *Jornal Livros*<sup>40</sup>, com um texto que fala da reforma que modernizou a Livraria do Globo. O *Correio do Povo*, de 19 de outubro de 1983, fala sobre o aniversário de fundação da livraria e a *Revista ZH* de 20 de junho de 1993, destaca a editora<sup>41</sup>.

O artigo da *Revista Kronika*<sup>42</sup> de 1981 iniciou uma série de reportagens destacando os locais tradicionais da Rua da Praia. Apesar de destacar a Livraria do Globo e a Editora, a reportagem não fala propriamente da Revista do Globo.

Além desses trabalhos, há o “*Relatório da diretoria. 100 anos: 1883-1983*”<sup>43</sup>, o “*Álbum de 50 Anos de Trabalho da Livraria do Globo 1883-1933*”<sup>44</sup> e “*Meio Século de*

<sup>38</sup> HAUSSEN, Doris F. e DUVAL, Adriana R. “O rádio nas páginas da Revista do Globo (1929/1967)”. In.: **Revista FAMECOS**. Porto Alegre, abril de 2001, nº 14.

<sup>39</sup> RÜDIGER, Francisco R. **Tendências do Jornalismo**. Porto Alegre: Ed. Da Universidade/UFRGS, 1998.

<sup>40</sup> “Livraria do Globo volta às vitrines da Rua da Praia”. In.: **Jornal Livros**. Ano III, n. 5 – out/mar 1997.

<sup>41</sup> Há ainda algumas reportagens e artigos que tratam superficialmente da Revista do Globo. O jornal *Zero Hora*, 11/08/98 e 30/09/99, *Correio do Povo*, 19/10/83; FORTES, Gabriel P. Borges. “A Tipografia no Brasil. Visão Panorâmica da Imprensa do Rio Grande do Sul.” In.: NEUBERGER, Lotário (org.). **RS no contexto do Brasil**. Porto Alegre: CIPEL, EDIPLAT, 2000; REVERBEL, Carlos. **Barco de Papel**. Porto Alegre: Globo, 1979.

<sup>42</sup> “Rua da Praia não é mais a mesma e a ‘Livraria do Globo’ também”. In.: **Revista Kronika**. Vol 4, n. 50, agosto de 1981.

<sup>43</sup> LESSA, Barbosa. **Relatório da Diretoria. 100 anos: 1883-1983**. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1983.

<sup>44</sup> **50 Anos de Trabalho da Livraria do Globo 1883-1933**. Porto Alegre – RS – Brasil – álbum comemorativo;

*Trabalho Construtivo – homenagem dos funcionários da Livraria do Globo ao seu chefe José Bertaso: 1890-1940*<sup>45</sup>, cuja ênfase foi assinalar datas comemorativas da Livraria e Editora.

Neste breve levantamento bibliográfico sobre a Revista do Globo pode-se notar que há muitas lacunas. No que tange aos trabalhos que tratam da revista, muitos consideram-na como um empreendimento de sucesso da Livraria e Editora do Globo, servido como uma grande vitrine para seus produtos, ou seja, um divulgador da literatura e do pensamento da elite que participava dos grupos de intelectuais da cidade, freqüentando os locais de sociabilidade.

Confundindo-se com o próprio desenvolvimento urbano, a Revista do Globo passa a ser encarada como um veículo de comunicação, nos moldes das revistas ilustradas, porém a revista atuou como em elemento catalizador de uma nova mentalidade, abordando um universo de relações até então não tratados na imprensa contemporânea a ela.

Voltada inicialmente para a literatura, a revista ganhou espaço e consolidou-se como portadora de um discurso cosmopolita, apoiando a modernização, refletindo as mudanças renunciadas pelas crises ocorridas durante a República Velha, contribuindo para o novo projeto modernizante instaurado por Getúlio Vargas, porém a partir do seu próprio *locus*.

Este estudo tem por objetivo suprir esta lacuna existente na bibliografia, analisando a Revista do Globo como um discurso da modernidade que auxiliou a construção de um imaginário benévolo da nova sociedade urbano-industrial.

Considerando as características específicas da Revista do Globo é necessário observar a questão do uso da imprensa escrita como fonte de pesquisa. Folhear a Revista do Globo é sem dúvida uma volta ao passado. Seu conjunto de páginas são uma fonte histórica importante, cuja riqueza de informações devem ser amplamente estudadas, sem desconsiderar sua totalidade econômica, política, social, ideológica e cultural e nunca esquecendo que a leitura desta fonte deve ser diferenciada e meticulosa, já que a história construída pelas suas

---

<sup>45</sup> Meio Século de Trabalho Construtivo – homenagem dos funcionários da Livraria do Globo ao seu chefe José Bertaso: 1890-1940. Porto Alegre, Globo, 1941.

páginas estão, neste momento, deslocadas de seu tempo presente. Além disso é imprescindível a confrontação das informações contidas no periódico com a bibliografia especializada e uma análise historiográfica sobre o tema, tendo em vista que não se pode somente utilizar o periódico como única fonte de pesquisa histórica.

Os capítulos que estruturam este estudo trabalham com o projeto editorial da Revista do Globo e questões referentes à idéia de modernidade estampada nas matérias e artigos publicados entre 1929 à 1935. O primeiro capítulo intitulado *A transição das ordens frente ao projeto desenvolvimentista*, trará uma contextualização histórica da década de 20, rupturas e continuidades, a transição de uma ordem oligárquica para uma ordem burguesa a partir de um novo projeto. Neste contexto, o surgimento da Revista do Globo como um veículo *informativo moderno* que retratou a experiência da modernidade e atuou como um instrumento de apoio a Getúlio Vargas, a partir da cobertura jornalística da campanha presidencial da Aliança Liberal no Rio Grande do Sul, legitimando seu discurso pautado no Estado moderno e totalizante.

O segundo capítulo, *Os novos tempos – as demandas da modernidade: industrialização e urbanização*, analisará a revista como um veículo de expressão da modernidade, estando inserida neste processo de transição para uma nova ordem. Nesta perspectiva, a Revista do Globo retratou em suas páginas a dinâmica do mundo moderno em Porto Alegre nos primeiros anos da década de 30. A reestruturação da cidade a partir da nova realidade urbano-industrial foi projetada na Revista do Globo como uma mudança favorável ao desenvolvimento e ao progresso da cidade, através de um projeto editorial conforme as novas demandas da sociedade, e também documentando o novo espírito burguês.

*A popularização da cultura letrada*, terceiro capítulo deste estudo que enfocará a experiência da modernidade no projeto editorial da Revista do Globo, a partir da aproximação

da cultura popular e cultura letrada num discurso homogeinizador que instituiu novos modos de viver e pensar, associados à idéia de modernidade.

## CAPÍTULO 1

### A TRANSIÇÃO DAS ORDENS FRENTE AO PROJETO DESENVOLVIMENTISTA

A revista encanta e desperta a curiosidade do público leitor. Basta andar pela cidade para encontrar uma banca de revistas para entender o fascínio que este tipo de publicação exerce sobre os leitores. Há revistas de todos os assuntos possíveis, desde temas especializados até aquelas para consumo imediato, semanais, mensais, não importa, o que desperta o encantamento é a novidade que ela traz em suas páginas. O novo, o moderno está lá e basta um folhear para que o mundo da efemeridade desperte a atração inconfundível que uma revista tem sobre o leitor.

O espetáculo multicolorido das revistas que hoje existem nasceu há pouco tempo, em 1812 “*de um maço mal encadernado de folhas de papel, trinta páginas monotonamente recoberta de texto, sem uma ilustração que fosse.*”<sup>46</sup> Com apenas dois exemplares. “*As Variedades*” foi a primeira revista a circular no país, e como algumas de suas sucessoras, não tinha a preocupação com a notícia e sim em ser uma publicação erudita, já que o público leitor deste período era muito restrito e ligado aos movimentos literários.

---

<sup>46</sup> **A Revista no Brasil.** São Paulo: Editora Abril, 2000, p.16.

Porém a popularidade deste tipo de imprensa não demorou a chegar, no qual “o *progressivo enraizamento das revistas na vida nacional acabaria por criar a necessidade de atender públicos cada vez mais diversificados.*<sup>47</sup> A popularização das revistas tornou-se um meio eficaz de comunicação e os *reclames* foram os grandes responsáveis por esta façanha, atraindo o público leitor, dando uma considerável sustentação econômica para elas assumindo, conseqüentemente, um caráter mercantil.

Ao mesmo tempo, as revistas foram uma resposta à diversificação dos interesses dos leitores que procuravam acompanhar a proliferação das informações. Diante disso, novos grupos sociais precisaram ser incorporados política, econômica, social e ideologicamente, a medida em que ocorreu no Brasil a transição de uma ordem oligárquica na Primeira República para uma ordem burguesa. Nesse contexto, este tipo de imprensa fez parte do processo, concomitante aos meios de comunicação da época –cinema, rádio e jornal - que destacaram-se na formação e transformação da vida urbana.

Constatou-se que a influência da imprensa sobre o comportamento das massas e dos indivíduos tendeu à unidade e à uniformidade através da “*universalização de valores éticos e culturais [e também] pela padronização do comportamento,*<sup>48</sup> ou seja, as revistas tornaram-se um instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social estruturando-se num contexto econômico, político e social.

Esse desenvolvimento da imprensa através das revistas pressupôs um conjunto de condições e possibilidades compatíveis com os novos tempos, no qual a produção e circulação das informações alcançaram plena expansão. Os avanços técnicos dos meios de comunicação (cinema, rádio, jornal e revista) iniciaram uma nova era na área da comunicação, a partir da qual o tempo e o espaço estiveram a serviço da divulgação de informações e da cultura. Ao mesmo tempo, a concentração urbana permitiu a abertura de novos mercados e novos

---

<sup>47</sup> *idem*, p. 22.

<sup>48</sup> SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Martins Fontes, 1983, p.1-2.

consumidores que, atraídos pelos *reclames*, passaram a consumir cada vez mais as revistas da época e os produtos que elas passaram a oferecer. As revistas ilustradas contribuíram para essa nova mentalidade voltada para o sonho da modernidade, para as luzes do progresso e do caráter lacônico do tempo, da novidade. As revista caracterizaram-se por ser a

***“expressão intermediária entre o livro e o jornal, a revista, em cada nova hora do planeta espraia o seu domínio.***

***O problema que atropela o homem moderno é o problema que se reduz ao aproveitamento máximo do tempo, em todas as suas frações possíveis. A revista, de certo modo, veio trazer-lhes uma solução, pondo-lhes ao alcance o que o livro não permitiria e simplificando-lhes a tarefa de continuas aquisições mentaes, nos vários ramos do saber e da literatura. Nós somos uns gulosos da novidade, com o espírito a arder numa sede perpetua. Mas foi necessário inventar fórmulas rápidas, condensadas e fulgurantes de satisfação de tão humana volúpia de curiosidades. Inventaram-nas. Dahi a victoria do jornal, do cinema e da revista. Dahi a victória do automóvel, do aeroplano e do sem-fio. O homem actual quer ter na vida essas sensações instantâneas, e justamente porque passou a considera-la, nostálgico da fascinação misteriosa das cousas eternas, como um frêmito fulgaz. Em última analyse: vida-intensidade. Numa civilização vertiginosa, a revista logo se tornou um dos índices da nova phase da humanidade. Para creaturas ephemeras ella dá a medida do ephemero – a novella, a reportagem graphica, o poema, o traço caricatural, a ironia esvoaçante, a anedocta, a chronica fugitiva dos salões.***

*No próprio mundo científico, a revista tende a substituir os longos, severos e graves livros de exposição e discussão de theorias, de exhaustivas observações, de minunciosos preconceitos. Em toda a parte, nas metrópoles da cultura universal, circulam as revistas de especialidade, na technica industrial, na economia política e na medicina. Mas onde mais preponderante se affirma o prestígio dellas é no movimento literário. Ellas constituem centros de atracção e convergência dos valores militares nas letras de uma cidade, de uma região ou de um paiz. Muitas vezes, na maioria das vezes, esses valores ficariam para sempre dormentes na tristeza da obscuridade revelar e sagrar, com a estima da multidão.*

*Ellas lançam clarões em torno de si, iluminando o ambiente.*<sup>49</sup>

As experiências modernas vividas pela sociedade na década de 30 mostram um ritmo urbano, novos padrões estéticos e comportamentais que exprimiam as necessidades dos novos tempos. As revistas ilustradas dessa época além de possuírem uma função informativa e cultural, elas acabaram por legitimar-se enquanto portadoras das próprias experiências modernas. O editorial acima resume o imaginário da época, cujas premissas imprimiram um novo ritmo urbano pela busca incessante do novo.

Moda, vida social, cinema, cantores e artistas, concursos de beleza, folhetins, anúncios de produtos de beleza e utilidades domésticas transformaram as revistas num pólo irradiador da novidade. Essa “gula” legitimou discursos e práticas modernas instituídas pelas páginas das revistas que passaram a englobar um público cada vez mais heterogêneo devido ao conteúdo de seus artigos e reportagens.

Ao mesmo tempo, os anos 20<sup>50</sup> entraram para a história como um período de aprofundamento da crise sociopolítica da Primeira República, apresentando sinais de desgaste através de sucessivas crises que refletiram a própria mudança estrutural da década.

O regime oligárquico inaugurado por Campos Sales (1898 a 1902), criou um esquema de domínio representando as oligarquias centrais (São Paulo e Minas Gerais) que possuíam o controle econômico e político em aliança com as oligarquias periféricas, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e alguns estados nordestinos. Nesse contexto, o Partido Republicano Paulista e o Partido Republicano Mineiro destacaram-se nacionalmente disputando a presidência da República, sempre alternando o poder através da aliança café-com-leite, evidenciando a superioridade econômica e política dessas regiões, mantendo alianças com regiões periféricas que legitimavam as candidaturas em troca de apoio nas eleições regionais, formando a

---

<sup>49</sup> Revista do Globo, Anno I, N° 10. (Grifos meu)

<sup>50</sup> Para fins de análise, neste trabalho destacou-se os acontecimentos históricos ocorridos na década de 20 entre os anos de 1922 à 1929.



Política dos Governadores. Daí que a “*existência de grandes desigualdades regionais também [foi] fruto de uma permanência da tradição oligárquica. As regiões que acumularam capitais através do setor primário-exportador e que foram privilegiadas no contexto político do sistema oligárquico, foram as regiões que mais cresceram e se industrializaram e que seguem liderando grande parte das riquezas do país.*”<sup>51</sup>

Entretanto, a crise econômica dos anos 20 esteve intimamente relacionada com as transformações da sociedade, cujo sistema político da República Velha mostrava-se incapaz de absorver os novos segmentos sociais que surgiam. Assim, o aparecimento de divergências entre as oligarquias periféricas e centrais, associadas à marginalização política dos militares trouxeram à tona crises conjunturais que levaram a República Velha a um progressivo desgaste.

No plano econômico, ocorreu a transição de uma economia baseada na exportação de produtos primários para uma economia que se industrializava progressivamente e que diversificava a própria produção primária. No plano social, uma explosão de reivindicações operárias e lutas sociais, culminaram com a fundação de um partido, o Partido Comunista do Brasil. Além da fundação do PCB, a Semana de Arte Moderna e a primeira etapa do movimento tenentista destacaram-se em 1922, estabelecendo a gênese da transformação da sociedade brasileira. Outros acontecimentos também destacaram-se na década de 20: a Revolução de 23 no Rio Grande do Sul, a Coluna Prestes (1924-27), a Reforma Constitucionalista de 1926, onde o presidente da República ganhou mais poderes de intervenção nos Estados e os governadores não puderam mais ser reeleitos, entre outros.<sup>52</sup>

---

<sup>51</sup> WASSERMAN, Claudia, 1998. **op. cit.**, p. 67.

<sup>52</sup> Sobre esses temas ver as obras de FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo: Fundação de Desenvolvimento da Educação, 1998; MENDONÇA, Sônia R. de. “Estado e Sociedade: A consolidação da República oligárquica.” In: LINHARES, M<sup>a</sup> Yedda (org.). **História geral do Brasil**. Rio de Janeiro: Campus, 1996; PESAVENTO, Sandra J. **História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997 e VIZENTINI, Paulo F. **A crise dos anos 20: conflitos e transição**. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1998.

No plano cultural, a modernidade tomava conta do cenário mundial, no qual a arte e a literatura passaram a expressar os novos tempos, as grandes metrópoles, a tecnologia, a velocidade das máquinas, enfim, as mudanças da nova realidade.

Brasileiros ligados às artes que viajavam à Europa traziam as novidades do modernismo. Na música, literatura e pintura destacavam-se correntes como o cubismo, o expressionismo, o surrealismo que romperam com as antigas convenções, dando total liberdade de criação para os artistas.

Aos poucos começaram a geminar essas idéias no país. Em São Paulo foi organizada a Semana de Arte Moderna. A Semana aconteceu em três noites no Teatro Municipal. Entre os aplausos e as vaias, o evento desencadeou um importante movimento artístico-cultural no país, reunindo escritores, poetas, pintores, músicos, como Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Menotti Del Picchia, Heitor Vila-Lobos, Anita Malfatti, Di Cavalcanti, Vítor Brecheret, Osvaldo Goeldi, entre outros.

O Partido Comunista do Brasil (PCB) teve como principais participantes ex-anarquistas, operários, estudantes e intelectuais. Fundado em Niterói em março de 1922, nunca ultrapassou o número de mil membros até 1930. Logo após a sua fundação foi proibido e perseguido, onde permaneceu na ilegalidade em quase toda sua história. Nos anos 20 ainda era um pequeno partido que atuava clandestino e disputava a liderança sindical com os anarquistas, atuando na legalidade em dois breves períodos, em 1922 (entre março e julho) e em 1927 (entre janeiro e agosto).

Editando jornais, livros e revistas, o PCB explicava e defendia suas idéias. Seus ideais culminaram com o crescimento das cidades e das indústrias que desenvolvia uma classe

média urbana que dependia cada vez menos dos grandes proprietários e da política agro-exportadora.

No decorrer do ano de 1922 o clima político nacional era tenso, tanto a oposição civil quanto a militar negavam a legitimidade da eleição de Artur Bernardes (1922-1926), onde questionavam a ordem oligárquica reivindicando reformas político-eleitorais. O movimento tenentista<sup>53</sup> personificou o descontentamento da classe média, embora não tenha sido capaz de organizar essa insatisfação, deu indícios de uma crise que progredia consideravelmente, apesar de não possuírem um projeto definido.

A mobilização desses tenentes tomou corpo com a revolta do Forte de Copacabana, em 5 de julho de 1922 com protestos que não se estenderam as outras unidades do Exército, mas que desenvolveu um movimento político-ideológico e militar que abalou os alicerces do Estado oligárquico.

Embora esses acontecimentos em si não tenham sido revolucionários, serviram como indicadores da crise que evidenciava o desgaste da República Velha. Além disso, *“os três elementos que formavam até então a base sobre a qual se apoiava o sistema político da Primeira República (a grande propriedade cafeeira e de criação; a economia primário-exportadora e o controle do poder político pela oligarquia rural), com as transformações que ocorreram a partir do final da década de 1910, alteraram suas bases no plano estrutural e ideológico, pois em decorrência da industrialização havida no pós-guerra surgiram novas contradições, não apenas materiais, mas também político-ideológicas.”*<sup>54</sup>

---

<sup>53</sup> Em relação aos movimentos armados, da década de 20 destacaram-se também a Revolução no Rio Grande do Sul em 1923, embora não fosse dirigida contra o governo federal, pode-se dizer que se tratou de um movimento civil regido pela própria fração da classe dominante gaúcha na oposição. Só obteve pacificação com o Pacto das Pedras Altas, acordo político mediado pelo governo federal, entre o PRR e a oposição rebelada; em 1924 também no estado, a Coluna Gaúcha, comandada por Luís Carlos Prestes que unindo-se à Coluna Paulista formou-se a Coluna Prestes que percorreu o interior do Brasil, contribuiu para o desgaste da República Oligárquica, embora não tenha alcançado seus objetivos imediatos e por fim, em 1925 Honório Lemos invadiu o estado objetivando derrubar o governo de Borges de Medeiros, sendo derrotado.

<sup>54</sup> VIZENTINI, Paulo G. F. **Os liberais e a crise da República Velha**. São Paulo: Brasiliense, 1983, p. 23.

Essas contradições promoveram ainda em 1922, a formação de uma frente oposicionista, congregando os estados do Rio Grande do Sul, Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro que uniram-se na chamada Reação Republicana contra a candidatura de Artur Bernardes, cujas críticas denunciavam a política inflacionária e bem como o desequilíbrio orçamentário.

Em 1926 surgiu em São Paulo um partido de oposição, o Partido Democrático, organizado por cafeicultores dissidentes do PRP e profissionais liberais também ligados à agricultura por laços familiares. Estavam descontentes com a trajetória política e financeira do governo federal. Com raízes elitistas e agrárias propunham reformas políticas representando o rompimento da hegemonia do PRP.

O movimento das oposições liberais gaúcha e paulista mostraram o grau de mobilização política dos diversos grupos sociais – estes articularam o que se denominou de “projeto liberal” para superação da crise da década de 20, que mais tarde levaria a criação da Aliança Liberal que derrubou a oligarquia cafeeira do poder.

Contribuindo para imagem de Getúlio Vargas como um político realizador e empreendedor, foi realizado em julho de 1929, em Porto Alegre, o Congresso das Municipalidades que reuniu intendentess de quase todos os municípios para discutir questões referentes ao desenvolvimento e ao progresso do Estado.

Segundo Luciano A. Abreu, “a realização do Congresso das Municipalidades foi (...) o primeiro passo no sentido da formação da Frente Única Gaúcha (FUG)”<sup>55</sup> e esta na estruturação da Aliança Liberal como uma forma de atuação nacional na disputa para sucessão presidencial.

Através dessa mobilização temos “a formação da Aliança Liberal (...) [constituindo-se] num forte indicativo da decadência desse sistema oligárquico fechado e tradicional, cujos

---

<sup>55</sup> ABREU, Luciano Arone. **Getúlio Vargas: a construção de um mito (1928-30)**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996, p. 89.

*fatores somam a criação do Partido Democrático em São Paulo, que representou uma dissidência no próprio interior das oligarquias centrais, ou melhor, o rompimento da hegemonia do Partido Republicano Paulista; a união entre republicanos e libertadores no Rio Grande do Sul, com a formação da Frente Única Gaúcha (FUG), como um instrumento inédito de pressão na oposição aos paulistas; o movimento tenentista que desde 1922 auxiliava na desestabilização do regime; e vários grupos oligárquicos estaduais dissidentes que se sentiam prejudicados pela política do governo central.”<sup>56</sup>*

Diante desse panorama, a década de 20 foi marcada por profundas crises política e social, intimamente ligadas a uma série de transformações da sociedade brasileira. Mudanças estas que abalaram a estrutura econômica, levando à contestação do sistema político e apesar dessas transformações não significarem uma revolução social profunda, as necessidades políticas de desenvolvimento do capitalismo tensionaram as estruturas do regime oligárquico que entrava em crise devido as suas próprias contradições internas.

A República Velha baseada em um sistema que predominavam os interesses do setor primário-exportador, representados pela burguesia paulista e mineira, estava estruturalmente instável. Devido as oscilações dos preços internacionais do café no mercado externo, da oposição que se firmava e ansiava por uma moralização política que reivindicava uma maior participação no poder federal, além da marginalização dos setores urbanos-industriais que passaram a questionar o sistema, este passou a desestabilizar-se internamente.

No plano internacional, a ascensão do capitalismo financeiro de caráter monopolista foi acelerado desde o fim da Primeira Guerra Mundial, já que a industrialização tinha ganho força na conjuntura de 1914-1918, priorizando a importação de produtos industrializados durante a guerra, possibilitando no Brasil o surgimento e posterior fortalecimento da uma

---

<sup>56</sup> WASSERMAN, Claudia. **Palavra de Presidente**. Porto Alegre: Ed. Universidade, 2002, p. 67-68.

burguesia industrial, de um proletariado urbano e de camadas médias urbanas ligadas ao processo de industrialização e ao setor terciário.

Os efeitos externos desta mudança global e o acirramento das contradições internas da sociedade brasileira prenunciavam o desgaste do sistema oligárquico, que estava limitado por um modelo agroexportador. Enquanto que a política de valorização do café consistia na compra dos estoques excedentes pelo governo, ocorreram na década de 20 constantes crises de superprodução e quedas dos preços, causando ônus para o governo. Esta proteção foi feita às custas das economias estaduais, num processo que concentrou os ganhos nas mãos das elites cafeeiras causando um progressivo descontentamento nas oligarquias estaduais e na população em geral, principalmente nas camadas médias.

Ao mesmo tempo, os novos grupos sociais que surgiram com o desenvolvimento urbano tiveram um papel decisivo. Mesmo sendo um país essencialmente agrário, as cidades tiveram um crescimento bastante acelerado, principalmente com o despontar das indústrias. A vida urbana nos anos 20 fez surgir, através da industrialização, novos grupos sociais que romperam com práticas, hábitos e valores provocando modificações bastante significativas em toda a sociedade.

Essa série de acontecimentos, juntamente com os conflitos políticos e sociais que contestaram a ordem estabelecida, cuja hegemonia política estava baseada em um estrutura agrária, modificaram práticas, costumes, valores e mentalidades.

Ao mesmo tempo, o final da década de 20 e o início da década de 30 revelou características complexas da sociedade. Como salienta Rui Guilherme Granziera, “*a sociedade tem base econômica e social agrária, mas o que fervilha é a vida urbana; na cidade existe um número significativo de indústrias, mas é o café que dita os rumos da política econômica; os serviços públicos multiplicam-se, mas na cidade, dificilmente chegando ao mundo rural; a política parece ser reservada aos profissionais liberais e aos*

*militares, que são urbanos, mas o que o sistema eleitoral garante é a representatividade dos fazendeiros; a arte e o moderno insuflados da Europa também têm seu lugar na cidade – tangidos em geral pelos filhos dos ricos proprietários rurais -, mas a sociedade agrária é fechada e patrimonialista, aparentemente intangível por esse tipo de movimento.”*<sup>57</sup>

Entretanto, a emergência dos elementos políticos, econômicos, tecnológicos, sociais, culturais e ideológicos, juntamente com a valorização dos setores médios urbanos e a industrialização que crescia consideravelmente provocaram alterações que afetaram o cotidiano urbano, que fez do desenvolvimento urbano um meio para a modernização.

A modernidade das grandes cidades implicou nas reformulações urbanas, onde as “*velhas estruturas urbanas foram rompidas para dar lugar às noções de contemporaneidade, com o que desapropriaram-se áreas construídas e limitaram-se os becos.*”<sup>58</sup> Tais medidas possuíam um caráter higienista, visando modernizar a cidade através da urbanização, do embelezamento e da higienização, tendo em vista o crescimento da cidade e da população.

A construção de parques, praças e grandes avenidas como Alberto Bins, Farrapos, Borges de Medeiros na década de 20, sob a administração Otávio Rocha, redesenharam a cidade de Porto Alegre, equiparando-a aos grandes centros urbanos do país. Ao mesmo tempo essa reformulação da cidade implicou na verticalização da área central, atribuindo uma noção de cosmopolitismo e contemporaneidade.

Essas intervenções nos espaços públicos, pautados nos padrões sanitários e estéticos, acabariam por interferir na própria sociabilidade urbana, deslocando-a para os espaços privados. Bares, clubes, cafés, confeitarias tornaram-se um ponto obrigatório da burguesia ascendente que tinha nesses locais importantes espaços para discussões políticas e culturais.

---

<sup>57</sup> GRANZIERA, Rui G. “O Brasil depois da grande guerra.” In.: DE LORENZO, Helena C. E COSTA, Wilma Peres da. **A década de 1920 e as origens do Brasil moderno**. São Paulo: Editora da UNESP, 1997, p. 135.

<sup>58</sup> PESAVENTO, Sandra J. **Memória Porto Alegre: espaços e vivências**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1999, p. 99.

As cidades tornaram-se o centro nervoso das agitações políticas e sociais. Segundo Elisabeth R. Torresini: *“toda a cidade tem seus bares, cinemas, livrarias, casas de comércio. Tem ainda, a gente que se movimenta nesses e noutros espaços consagrados em busca de lazer, sobrevivência e satisfação de infinitos anseios. Tem também seus intelectuais, que são orgânicos a ela como são os bares, os cinemas, as livrarias. Os intelectuais pensam a cidade e refletem de uma forma diferente do resto da população, porque acabam transformando-a em memória. Através deles a cidade ganha história e torna-se livro, quadro, cinema, teatro, música.”*<sup>59</sup>

Nesse contexto a cultura e o progresso foram peças chaves para a construção de uma elite intelectualmente atuante. Foi indispensável unir politicamente esta elite para que houvesse a incorporação dos novos grupos sociais e políticos. A aproximação destes grupos se deu em termos de uma cultura partilhada, ou seja, reunindo elementos culturais diversos, a revista possibilitou avultar seu público leitor através de um discurso homogeneizador.

A década de 20 e toda sua turbulência chegava ao fim e com ela a necessidade de um mundo novo, moderno e cosmopolita, *“progressivamente, consolidava-se uma ordem urbano-industrial, na qual a cidade era o centro de irradiação de padrões e valores burgueses, assim como era o centro das operações comerciais e financeiras(...)”*<sup>60</sup> e Porto Alegre tinha na Rua da Praia um centro difusor do mundo dos negócios e da política.

A rua passou a ser o centro dos acontecimentos e o palco das transformações da modernidade. A Rua da Praia era um espaço de sociabilidade e convívio, onde as pessoas desfilavam, encontravam-se e viam as novidades nas vitrines das lojas, que nesta época eram valorizadas como uma forma de lazer, permitindo o sonho e despertando o desejo de consumo das novidades.

---

<sup>59</sup> TORRESINI, Elisabeth R. **Editora Globo: uma aventura editorial nos anos 30 e 40**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Com-Arte; Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1999, p. 50.

<sup>60</sup> PESAVENTO, Sandra J. **op. cit.**, p. 57.



O espaço público passou a ser a representação dos padrões culturais, onde as pessoas passam a ser vistas. Como um espaço público, a rua democratizou o *footing*. O passeio pelas ruas e pela Praça da Alfândega redimensionou o centro da cidade, pois tanto as atividades comerciais e culturais reuniam-se na mesma calçada, correspondendo o prenúncio de cidade moderna, num processo que a consagrou como o “*lugar de transformação dos padrões comportamentais, produtivos, estéticos, funcionais e tecnológicos, segundo a configuração de uma nova estrutura urbana, de uma nova paisagem, enfim, de um novo ambiente (...)*”<sup>61</sup>

Não apenas retratando as elegantes senhoras passeando com seus trajes e os homens de negócio pela Rua da Praia, a Revista do Globo ajudou a construir a imagem da rua que simbolizava a proximidade com o progresso e com a modernidade.

*“A Rua da Praia, [na] hora do **footing**.  
É essa a hora do encanto da cidade.  
A rua da Praia perde a sua *physionomia* grave e preocupada de trabalho. Os homens não se movem com aquela quase irritante indiferença de quem ‘vae a negocio’. E isto porque mesmo que movidos por imperativos *commerciaes*, elles param, a cada passo, para olhar, com um doce sorriso de *sympatia* para o movimento urbano (...)*”<sup>62</sup>

Nessa passagem, o editorial exalta a Rua da Praia buscando o seu encanto no movimento urbano, primando pela simpatia popular e pela busca do lazer. Aos poucos a sociedade contemplou o crescimento de Porto Alegre a partir de suas calçadas e da remodelação urbana que buscava o progresso e a experiência da modernidade, tendo em vista uma visão de cidade voltada para o futuro.

---

<sup>61</sup> BELLO, Helton Estivalet. “Arquitetura e planejamento urbano em Porto Alegre: dos anos 30 aos anos 70” In.: KRAWCZYK, Flávio (org.). **Da necessidade do moderno: o futuro de Porto Alegre do século passado**. Porto Alegre, EU/Secretaria Municipal da Cultura, 2002, p. 103.

<sup>62</sup> Revista do Globo, Anno I, Nº 16. (Grifo meu)

*“Porto Alegre colonial vae desaparecendo aos poucos.*

*Quer dizer: a velha Porto Alegre de nossos Paes, a Porto Alegre que – infelizmente! – muitos de nós alcançaram, cede passo, gradativamente, a uma cidade moderna, uma cidade americana, igual a todas as outras cidades.*

*Porto Alegre, cidade internacional...”<sup>63</sup>*

É interessante notar, que a Revista do Globo a partir de um discurso modernizante ajudou a construir uma imagem do presente conectada ao futuro, deixando para trás um passado longínquo.

Buscando igualar-se às grandes metrópoles e ao ritmo cosmopolita, o trecho também revela um tom saudosista, cuja tradição é destacada. Infelizmente a Porto Alegre colonial vai desaparecendo e dando lugar a um novo cenário, igual a todas as outras grandes cidades, ruindo com suas antigas características, em nome do progresso.

Como parte integrante desse cenário, a Livraria do Globo<sup>64</sup> localizada na Rua dos Andradas, nº 1416, caracterizou-se como um local de encontro da intelectualidade portoalegrense e que ao final da década encontrou condições favoráveis para investir em mais um projeto editorial. Apoiada no desenvolvimento do processo de industrialização, a Livraria do Globo incrementou a indústria cultural e os meios de comunicação, distinguindo-se como uma empresa industrial voltada ao comércio livreiro, atuando como difusora da arte e da literatura.

Ainda na primeira metade do século do XX a Livraria do Globo atingiu a dimensão de um complexo industrial, podendo ampliar seu ramo de negócios a partir da implantação da energia elétrica em 1907, aumentando e facilitando os trabalhos gráficos, substituindo o trabalho tipográfico manual por uma máquina de compor elétrica. Simultaneamente, vendia

---

<sup>63</sup> Revista do Globo, Anno I, Nº 5.

<sup>64</sup> A Livraria do Globo foi fundada sob a denominação de L. P. Barcellos & Cia, em 1917 a razão social da firma muda para Barcelos, Bertaso & Cia, tendo como sócio-diretor José Bertaso e somente em 1948 passaria para Livraria do Globo S. A.

uma diversidade de produtos em sua loja, como objetos para escritório, material escolar, brinquedos, enfeites, livros, jornais, entre outros.

Esse panorama permitiu o primeiro grande empreendimento da Livraria do Globo, como editora: em 1916 surgiu o *Almanaque do Globo*, anuário com uma média de trezentas a quatrocentas páginas, publicando os mais variados assuntos trazia em sua capa a frase *Urbi et Orbi* (da cidade para o mundo), mostrando já naquela publicação qual era sua concepção de imprensa moderna. Mansueto Bernardi, que posteriormente destacou-se como o primeiro diretor da Revista do Globo, foi contratado para orientar as edições do *Almanaque*, atuando também como “*administrador e divulgador intelectual da secção de obras e edições de 1918 a 1930, justamente o período em que a Livraria do Globo começa a editar autores sul-rio-grandenses, como Augusto Meyer, Dyonélio Machado, Ruy Cirne Lima, Paulo de Gouvêa e Vargas Neto.*”<sup>65</sup>

A atividade editorial da Livraria abriu as portas para alguns autores gaúchos que até então permaneciam no ineditismo. Segundo José Otávio Bertaso, em seu livro “*A Globo da Rua da Praia*”, enfatiza que o sucesso da Livraria como editora deveu-se a alguns cuidados tomados como a escolha de “*obras de boa qualidade; no caso de tradução, assegurar a fidelidade e fluência do texto; realidade eficiente de comercialização.*”<sup>66</sup>

Com o sucesso da editora e capital suficiente para novos investimentos, surgiu a idéia de se ter em Porto Alegre uma revista diferente das publicadas anteriormente. Revistas ilustradas como *Máscara*, *Kosmos*, *Kodak* e *Madrugada*, romperam com a exclusividade dos jornais, mediante a demanda do público leitor. Com o intuito de divulgar e registrar os acontecimentos sociais, políticos e culturais, além da literatura em geral, surge a Revista do Globo como uma resposta à diversificação dos interesses.

---

<sup>65</sup> TORRESINI, Elizabeth W. R. 1995, *op. cit.*, p. 14.

<sup>66</sup> BERTASO, José Otávio, 1993. *op. cit.*, p. 24.

Francisco Rüdiger<sup>67</sup> caracterizou a Revista do Globo como um dos primeiros agentes culturais da região, pois recolheu diversos elementos populares, atuando como um veículo de informação portadora de um discurso moderno, definindo assim o horizonte de seus artigos.

Enquanto a Universidade ainda não tinha força para reunir os intelectuais, locais como a Livraria do Globo e Biblioteca Pública, serviram para encontros e discussões de política. Em uma dessas reuniões, por sugestão de Vargas, surgiu a idéia de uma nova publicação, uma revista diferente que uniria num mesmo espaço os aspectos literários e sociais, associados a artigos, reportagens, coluna social, literatura e cultura em geral, instituindo-se como um novo espaço da modernidade.

Pensar a Revista do Globo como portadora de um projeto de elite, porém simpática à cultura popular, fez com que ocorresse uma extensão dos seus limites culturais nos seus limites físicos, ou seja, a revista recolheu e mesclou elementos culturais diversos, para com isso articular, constituir e instituir novos modos de viver e pensar. Conforme a revista inseria-se na sociedade, sendo reconhecida como portadora de um discurso moderno e cosmopolita, a direção da revista deixou de intitula-la de “*Quinzenário de Cultura e Vida Social*”, passando a discriminá-la como “*Magazine de Grande Circulação em todo Brasil*”, tendo em vista o grande alcance de sua circulação. O “*Magazine*” se propôs a cumprir sua linha editorial a partir das premissas da modernidade estampada ao longo de suas páginas, visando uma padronização cultural.

Tendo em média 48 a 50 páginas, um formato de 25 x 18,5 cm, a revista era vendida a um preço bastante acessível, cerca de 1\$500. A primeira edição da Revista do Globo circulou em 5 de janeiro de 1929 e alcançou uma excelente repercussão, manifestando logo no seu primeiro número, que os propósitos de romper as fronteiras seria um objetivo a ser alcançado brevemente. A justificativa da escolha do nome – Revista do Globo – e as intenções do novo

---

<sup>67</sup> RÜDIGER, Francisco Ricardo, 1993.**op. cit.**

empreendimento da Livraria do Globo destacaram-se no preâmbulo escrito por Mansueto Bernardi na primeira edição<sup>68</sup> que ostentava uma capa assinada por Sotero Cosme<sup>69</sup>:

*“Esta revista que hoje nasce já tem uma história. Uma pequena história prénatal. Devia chamar-se Coxilha.*

*Escolhera-lhe esse nome, porque se me afigura ser a coxilha o melhor simbolo material, a mais perfeita representação física do Rio Grande.*

*Na coxilha pastam os rebanhos. Na coxilha descansam os mortos. Na coxilha peleiam os vivos. Na coxilha se alongam as estradas. Na coxilha se erguem os umbus com sua fronde larga e hospitaleira.*

*Verde, ascendente, graciosa, harmoniosa, a coxilha é ânsia de movimento, sêde de altura, avidez de horizonte, impulso de sublimiçãõ.*

*O título não teve, entretanto, por diversas razões, o mérito de agradar. E foram, em troca, alvitrados Charla, Querência, Renascimento, Pampa, Guahyba, Sul, Piratiny. Mas nenhum satisfez.*

*Enquanto se perdia ou ganhava tempo questionando com frequencia se nos perguntava na rua: - Quando sae a revista do Globo?*

*Foi dahi que proveio o nome afinal imposto a este quinzenario.*

*Revista do Globo. Este título, que contentou a todos, não o lembrou nenhum de nós. Foi, por assim dizer, o próprio povo que o sugeriu. E foi aceito por dois motivos: primeiro, porque caracteriza a filiação economica, o laço de parentesco intimo da revista com a livraria e casa editora, de quem tem irradiado a maior parte de movimento intelectual riograndense destes últimos anos; segundo, porque **a revista ambiciona ser um aparelho de recepção notaveis do pensamento contemporaneo.***

*Revista do Globo, porque se propõe registrar e divulgar, com o auxilio da Livraria do Globo, tudo o que o Rio Grande houver e doravante ocorrer, digno de registro e divulgação.*

*E ainda Revista do Globo, porque deseja constituir **uma ponte de ligação mental e social entre o Rio Grande e o resto do mundo.***

***Cumprê que irradiemos para além das proprias fronteiras as nossas idéias.***

***Cumprê que nos demos a conhecer melhor.***

<sup>68</sup> ANEXO 2 – A capa da primeira edição da Revista do Globo não refletia o seu conteúdo jornalístico, mas imprimiu uma identidade própria que consagrou a publicação pela beleza estética de suas capas.

<sup>69</sup> O quinzenário tornou-se uma escola de profissionais, tanto na área artística como jornalística.

***Cumpra fazermos circular, a par dos outros, lá fóra, os nossos legítimos valores espirituais.***

*Cumpra que saibamos o que se faz, o que se diz, o que se pensa, o que se inova e se renova, longe de nós e em torno de nós.*

*Cumpra contribuirmos com o nosso capital de saúde e juventude, de idealismo e de optimismo para a formação e o soerguimento da mentalidade nacional.*

***Cumpra, em suma, que nos afirmemos.***

*Contra todas as vozes negativas, que se entrecruzam no ar, ressoantes de ironia, de indiferença e de descrença, a Revista do Globo quer ser uma voz de estímulo e de afirmação.*

*Quer ser um órgão-centro de coordenação e mobilização de energias moraes, para um fim superior de utilidade social.*

*Fóra de partidos e acima de partidos, nesta fase auspiciosa de apaziguamento das paixões, de audazes iniciativas públicas e particulares, de ventilação dos espiritos; de transmutação de valores, a Revista do Globo quer constituir qualitativamente para o Rio Grande do Sul.”<sup>70</sup>*

Com desígnios de tornar-se uma revista de sucesso e reconhecida no *Rio Grande e no resto do mundo*, esta inovou a imprensa escrita com propósitos de manter a isenção política quando afirmava que estava acima de partidos, possuindo uma intenção regional/internacional desde seu primeiro número.

Nesse sentido a Revista do Globo atuou como um veículo que apropriou-se da experiência da modernidade, construindo e afirmando uma identidade. Enquanto defendeu o alargamento das fronteiras físicas através da valorização cultural e das raízes gaúchas frente ao Brasil, em seu discurso propunha a defesa de um projeto modernizador, frente ao novo mundo pautado na modernidade proporcionada pelas novas tecnologias e uma realidade urbano-industrial que influenciaram os modos de viver e pensar das elites ligadas ao ideal cosmopolita como forma de padronização cultural.

---

<sup>70</sup> Revista do Globo, Anno I, Nº 01.

Aparentemente opostos, modernidade e identidade determinaram as diretrizes do projeto editorial da revista, constituindo-se como um importante meio de divulgação desta nova mentalidade e deste novo espírito burguês.

Os elementos incorporados por ela (identidade e modernidade) poderiam tensionar a sua posição frente o público leitor, mas contrário a isso, eles foram incorporados através de uma cultura partilhada.<sup>71</sup> Para que essa cultura fosse partilhada entre os diferentes grupos, foi indispensável criar condições sociais para esta aproximação. Conforme Ernest Gellner, *“quando as condições sociais gerais conduzem a culturas eruditas standartizadas, homogêneas e centralizadas, abrangendo populações inteiras e não apenas minorias de elite, surge uma situação em que as culturas unificadas, educacionalmente sancionadas e bem definidas, constituem na prática o único tipo de unidade com que os homens se identificam voluntariamente e muitas ardentemente. A partir de então, as culturas parecem constituir os repositórios naturais da legitimidade política.”*<sup>72</sup>

Fundamentando-se como um veículo aglutinador da cultura e da construção da visibilidade pública, ampliou socialmente seus meios de difusão, por meio de uma linguagem e um estilo próprio que refletiram o cotidiano urbano e os modelos de progresso estruturados nos novos tempos.

Emergindo como um *“campo dinâmico da disputa pela afirmação desse horizonte burguês”*<sup>73</sup> a revista foi o produto dessa nova conjuntura que tornou-se legítima diante da identificação da sociedade com seu projeto editorial e seu discurso homogeneizador, que buscou dar visibilidade a esta nova ordem vigente. A partir daí, parcelas significativas da população conquistaram espaços ou foram incorporadas progressivamente nos circuitos da cultura letrada.

---

<sup>71</sup> No capítulo 3 essa questão será analisada no contexto do projeto editorial da Revista do Globo.

<sup>72</sup> GELLNER, Ernest. **op. cit.**, p. 88.

<sup>73</sup> CRUZ, H. de F. **op. cit.**, p. 82.

Ao mesmo tempo em que tornou-se legítima, a Revista do Globo esteve inserida em um contexto de mudanças, a Revista acompanhou o desenvolvimento do jornalismo rio-grandense, tornando-se a principal publicação deste gênero no sul do país. Em “*Tendências do Jornalismo*,” Francisco Rüdiger, assinala que este processo na imprensa escrita caracterizou-se por duas fases: *político-partidária* e a fase *informativa moderna*, na qual a Revista do Globo é uma representante.

Num primeiro momento, da segunda metade do século XIX até aproximadamente 1930, as publicações praticamente não visavam o lucro, possuindo um objetivo mais doutrinário do público leitor, sendo organizadas por políticos e partidos, cujas publicações acabaram tendendo para suas posturas políticas, sem um princípio de neutralidade.

Enquanto as publicações ainda caracterizavam-se pela fase *político-partidária*, surge o *jornalismo literário* sem as preocupações doutrinárias, cujos propósitos vinham romper com o jornalismo político-partidário, já que este “*sempre acalentou o sonho de formar e também de dirigir a opinião pública; o novo jornalismo literário tende a abdicar desse papel, tomando como parâmetro de seus posicionamentos diante do mundo o ponto de vista vigente previamente no seu público leitor, confundido com a opinião pública.*”<sup>74</sup>

No Rio Grande do Sul, esta imprensa literária sofreu com a ausência de um público consumidor, visto que não houve uma sustentação econômica suficiente para revistas como *Máscara* (1918-1928), *Kodak* (1912-1915). Esta última foi uma das primeiras revistas ilustradas, lançando a reportagem social e o noticiário de variedades no Estado e segundo Rüdiger modernizou bastante o nosso jornalismo, “*seja pela sua qualidade gráfica, rica em material fotográfico, seja pela linha editorial, aberta às tendências comportamentais do mundo moderno.*”<sup>75</sup>

---

<sup>74</sup> RÜDIGER, Francisco R. “Contribuição à História da Publicidade no Rio Grande do Sul”. In.: **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n.3, 1995, p. 45.

<sup>75</sup> **idem**, p.53.



Estas porém, sobreviveram por pouco tempo, estabelecendo um campo promissor que marcou a transição para a modernidade, sendo um grande laboratório para as posteriores publicações do gênero.

A partir das primeiras décadas do século XX, consolidou-se então o *jornalismo informativo moderno* que desenvolveu-se a partir do processo de industrialização e modernização. A consolidação deste jornalismo estruturou-se a partir das notícias e da publicidade que garantiram a consolidação dessa imprensa. O investimento em novas técnicas como os primeiros linotipos e impressoras rotativas, garantiram melhorias gráficas e uma maior tiragem nos exemplares.

A publicidade ou os *reclames* como eram chamados, transformaram-se numa das principais formas de financiamento na fase do jornalismo *informativo moderno*. Promovendo comercialmente produtos e serviços, a publicidade dinamizou o jornalismo estabelecendo seu progresso e fazendo com que a própria imprensa tomasse consciência de que “*sua sobrevivência e progresso não poderia depender mais exclusivamente dos seus assinantes e leitores, descobrindo na prestação de serviço publicitário um significativo meio de desenvolvimento e sucesso,*”<sup>76</sup> passando a atrair cada vez mais recursos via publicidade.

A própria Revista do Globo em seus números iniciais não contava praticamente com os *reclames*. Contudo, a revista nº 12 investiu contra a falta de anunciantes, tomando como exemplo o comércio norte-americano, ela propunha métodos de ação para incentivar a publicação dos *reclames*, despertando o interesse para os anúncios e como estes poderiam tornar-se úteis nas relações mercantis.

“(…)Uma revista, *colheciona-se*; o anuncio que nella se insere ‘fica’ portanto. Como ela nunca envelhece inteiramente, o reclame em suas paginas sempre se renova, incidindo sob tantos olhares curiosos, no

---

<sup>76</sup> **ibidem**, p. 43.

*consultório médico, no gabinete do dentista, nos salões de barbearia, em toda a parte e por todos os modos.”<sup>77</sup>*

Compreendendo a utilidade da publicidade, a revista aposta na qualidade do trabalho oferecido quando ela diz que “*está em condições tanto pela sua crescente difusão em todas as camadas sociais, como pelo seu aparelhamento técnico, de servir de veículo aos altos interesses do anunciante,*”<sup>78</sup> oferecendo preços especiais conforme o tamanho do anúncio:

**Tabela 1**

<b>ANNUNCIOS</b>	<b>VALORES</b>
1/16 de pg.	30\$000
1/8 de pg.	50\$000
¼ de pg.	90\$000
½ de pg.	120\$000
1 de pg.	200\$000
2ª pg. da capa	300\$000
3ª pg. da capa	300\$000
4ª pg. da capa	400\$000

Adaptado da Revista do Globo, Anno I, Nº 3.

Sinalizando o crescimento de bens e serviços no espaço urbano, a publicidade participou do processo de formulação da modernidade, afirmando novos valores, renovando antigas propostas, criando desejos e necessidades, enfim influenciando nos hábitos e costumes da sociedade.

A Revista do Globo soube explorar os *reclames* passando a romper com o texto jornalístico em si. Ou seja, por meio das propagandas, ela enfatizou as dimensões da experiência da modernidade. Destacando qualidades como a modernidade, exclusividade, distinção e novidade, os anúncios prometiam modernizar e simplificar a vida cotidiana,

<sup>77</sup> Revista do Globo, Anno I, Nº 12

<sup>78</sup> *idem*, Nº 12.

tornando a propaganda “*um elemento essencial, não só da sustentação financeira, mas também da própria conformação editorial de um periódico de sucesso.*”<sup>79</sup>

O novo empreendimento instaurou logo nas suas primeira edições os ideais da modernidade através de um discurso cujos propósitos auxiliaram na construção do imaginário da sociedade urbano-industrial.

A repercussão do primeiro exemplar demonstra que a revista passou a ser entendida não só como instrumento de discussão de uma elite letrada, mas também como um veículo de formação cultural do povo. A *Federação* de 10 de janeiro de 1929 assinalou que a publicação vinha sendo esperada com ansiedade e demonstra a satisfação com a publicação desta revista ilustrada que veio suprir as lacunas deixadas pelas anteriores, ao mesmo tempo, enaltece o trabalho dos profissionais envolvidos:

*“O seu primeiro numero correspondeu magnificamente a essa expectativa. Veio, portanto, a “Revista do Globo” preencher uma verdadeira lacuna em nosso meio e podemos dizer, no Rio Grande, tendo em vista a repercussão que terá o seu aparecimento em todo Estado. Em verdade, esta revista vem a publico com todos os elementos para vencer, impor-se ao conceito geral e influir na vida social e cultural.*

*A colaboração com que já agora se apresenta é selecta e excellente, figurando nelle alguns dos nomes mais acatados das nossas letras.*

*Também as ilustrações photographicas, muito nítidas, assignalaram acontecimentos elegantes da nossa melhor sociedade.(...)”*<sup>80</sup>

Correspondendo as expectativas, o *Correio do Povo* de 06 de janeiro de 1929 escreveu que a Revista do Globo encantou os seus leitores que puderam usufruir de uma

*“copiosa materia editorial de atualidade farta e escolhida colaboração, admiraveis paginas de desenhos e um abundante serviço photographico urbano, social e do*

<sup>79</sup> CRUZ, H. de F. *op. cit.*, p. 161.

<sup>80</sup> A Federação, 10/01/29 (Grifos meus).

*exterior, eis o que fazem o interesse deste primeiro numero da 'Revista' que surge victoriosa."*

Exaltando o evento e nomeando os convidados da festa o *Diário de Notícias* deste mesmo dia também destaca o grupo de profissionais, a multiplicidade dos artigos e reportagens, a qualidade gráfica, além do papel de divulgadora da literatura e das artes:

*"Anciosamente esperado, não só porque vinha suprir uma falta na nossa imprensa, como ainda porque já era uma garantia de seu exito o facto de ser editado pela Livraria do Globo e o de contar com um **brilhante corpo de redactores e colaboradores**, o novo quinzenário teve grande difusão, sendo muitissimo apreciado.*

*A sua capa traz um excellente desenho a três cores, de Sotéro Cosme.*

*A revista, que apresenta um **magnífico aspecto graphico**, traz numerosas paginas a cores, entre as quaes se destacam "Helena de Magalhães Castro"; e "Ave Nocturna", por José Lagado.*

*São **paginas de arte que apparecem ao lado de variada e interessante materia de redacção e de pagina com ampla reportagem photographica de actualidade**: festas de Natal, recepções de anniversário, bailes, banhista na Pedra Redonda, instantâneos da Rua da Praia, banquetes, concorcios, etc.*

*A "Revista do Globo" presta uma linda homenagem ao poeta Eduardo Guimarães, há pouco fallecido, publicando versos seus, traducções de Beaudelaire e Rabindranath Tagore, uma caricatura por Sotéro Cosme, uma photographia, uma poesia em autographo, notas bio-graphicas, além de chronicas a seu respeito.*

*Entre a materia de collaboração figura um artigo de João Pinto da Silva.*

*"A'margem do regionalismo", "Uma entrevista com Villaespesa", por De Souza Junior; e chronicas de Ruy Cirne Lima, Andrade Queiroz, Tristão de Athayde e outros.*

*Antes da saída da revista, foi inaugurada a sua redacção, as 17 horas.*

*A esse acto compareceram o dr. Getúlio Vargas, presidente do Estado; D. João Becker, arcebispo metropolitano; dr. Oswaldo Aranha, secretário do Interior; João Pinto da Silva, dr. Moysés Moraes Vellinho, Assuero Garritano, Amrdrade Queiroz, dr. Luis Vergara, dr. Walter Sarmanho, dr. Rubem Rosa, Theodomiro Tostes, José Rasgado, João Fahrion, dr. João*

*Soares, dr. Abdon de Mello, Joao Sant'Anna, dr. Arístides Casado, dr. Vargas Netto, Sotero Cosme, e os nossos colegas Fernando Caldas, director do "Correio do Povo", Francisco de Paula Job, da redacção daquela folha; dr. João Carlos Machado, director interino d'A Fedreação; André Carrazoni e Angelo Guido, nossos companheiros de redacção.*

*Os convidados foram recebidos pelos redactores da revista e pelos srs. José Bertaso, Oswaldo Rentzsch e Mario Barcelos, proprietários da Livraria do Globo.”<sup>81</sup>*

O reconhecimento da imprensa jornalística ao noticiar o lançamento do novo empreendimento da Livraria do Globo corroborou para o seu sucesso, entusiasmando novos leitores, dando visibilidade e demarcando práticas, espaços e hábitos, instituindo-se portanto como um veículo delineador da vida urbana e dos diferentes grupos sociais. Cumprindo seu papel político frente à Revolução de 30, tinha o objetivo de refletir a sociedade que freqüentava os locais importantes da cidade como o Theatro São Pedro, Confeitaria Rocco, entre outros, refletindo assim, o mundo que girava em torno da Livraria. Mesclando artigos, reportagens, coluna social e literatura, a revista tornou-se um veículo informativo que refletiu a modernidade.

Ainda sobre a repercussão do lançamento, em sua quarta edição, a revista transcreveu o comentário de um jornal do interior do Estado que congratulava a realização de um projeto grandioso, salientando que uma revista com características modernas deveria ser sustentada pelo grande público, o que não demorou a acontecer. Ela beneficiou-se da fácil aceitação do público, devido à imediata identificação destes leitores com reportagens e notícias internacionais, contos, crônicas, poesias, humor, notas sociais, bailes, valorizando a cultura local e ao mesmo tempo, exteriorizando a cidade e o mundo, trazendo a modernidade para os leitores.

---

<sup>81</sup> Diário de Notícias, 06/01/29 (Grifos meus).

Notificando a importância desse evento para a intelectualidade sul-riograndense, está explícito no trecho abaixo o objetivo do projeto editorial da Revista do Globo em transformar a cultura erudita em uma cultura mais palatável ao gosto popular, visando superar as tentativas anteriores das revistas ilustradas que fracassaram por não possuírem esta visão de integração entre o erudito e a cultura popular.

*“A ‘Revista do Globo’ concretiza uma realização que o desenvolvimento social no Rio Grande do Sul, destes últimos annos, vinha, havia muito, impondo como etapa inescusavel do nosso progresso mental.(...) Tentativas anteriores, de uma publicação desse gênero, fracassaram sempre, por motivos diversos, entre os quaes, o habito de transformar as paginas de uma revista, que deve ser sustentada pelo grande publico, em torresinhas de exclusividades literárias, do alto das quaes esthelas, torturados e mal compreendidos, atravez o mirante egypcio da sua arte falam, uns para os outros, uma dialectica interminável de elogios mútuos”.*

Prossegue assinalando o papel que esta exerceu sobre os leitores através de um projeto editorial próprio refletindo seus ideais, através de uma nova mentalidade dominante:

*“A revista é o meio mais próprio e adequado para um intercambio de valores intellectuais.*

*Meio termo entre a folha diária, - que mais reflecte factores do que idéias, e pela qual o leitor passa rapidamente o olhar, - e o livro – que exige maior tempo e meditação, ella preenche os intervalos do labor quotidiano; ella divulga os factos comuns sob a synthese authentica da imagem photographica; cogita das artes e das sciencias, informa e orienta, **é enfim uma expressão periodicamente renovada e elegante da mentalidade dominante, a actuar e influir sobre a classe social mais alta, que a lê(...)***

*Fóra de partidos e acima de partidos, nesta phase auspiciosa de apaziguamento das paixões, de audazes iniciativas publicas e particulares, de ventilação de espíritos, de transmutação de valores, a ‘Revista’ quer construir qualitativamente para o Rio Grande do Sul (...)”<sup>82</sup>*

---

<sup>82</sup> Revista do Globo, Anno I, Nº 4. (Grifos meus)

Esta mentalidade caracterizou a Revista do Globo pela sua parcial isenção política apaziguada por causa de Getúlio Vargas, visto que a revista foi fruto de uma das inúmeras reuniões de intelectuais que desejavam um espaço para expor, além de uma postura política velada, um meio intelectualmente ativo para as idéias.

Vargas passou a expressar o desejo de mudança, de progresso e futuro, sendo necessário a utilização da revista como um meio eloqüente para que esses valores fossem incorporados pela sociedade em geral, unindo os aspectos eruditos e populares para um melhor entendimento das novas práticas e mentalidades vigentes na época.

Tendo por objetivo atender um público cada vez mais diversificado, a revista primou pela qualidade de seus artigos, instituindo elementos que a caracterizaram como uma revista cultural e moderna: conteúdo diversificado, circulação, preços populares, aspectos gráficos de qualidade e seções de interesses gerais (cultura, esporte, política, moda, etc), além de um grande número de fotografias que encantou o público leitor. Investindo nos avanços técnicos para seduzir o leitor, a revista também buscou nas suas capas mecanismos de atração e originalidade com desenhos e/ou reproduções de artistas. O colorido das capas dava vida própria à revista, incitando a curiosidade para o interior dos artigos e reportagens.

Contando com o apoio de uma redação privilegiada composta por Justino Martins, Carlos Reverbel, Mário Almeida Lima, Julieta e Carlos Coutinho, Cremilda, Araújo Medina, Mário Quintana, Erico Veríssimo, entre outros que destacaram-se nacionalmente, o grupo de trabalho contava com jornalistas, editores, redatores, fotógrafos, desenhistas, escritores e muitos colaboradores, a revista dispunha também de ilustradores como Sotero Cosme, João Fahrion, Nelson Boeira Faedrich, Vitório Ghenno, Edgar Koetz, sob a coordenação do mestre alemão Ernest Zeuner.

Além de servir como uma escola de profissionais, a revista estabeleceu padrões de referência para diversas outras publicações. O rápido sucesso alcançado pelo periódico contou

também com um corpo diretivo que contribuiu para que esta se tornasse um veículo promissor na imprensa gaúcha.

Abaixo encontra-se a relação dos diretores da Revista do Globo que atuaram no período de 1929 a 1935:<sup>83</sup>

**Tabela 2**

<b>DIRETORES</b>	<b>FASCÍCULOS E ANO DE ATUAÇÃO</b>
Mansueto Bernardi	1/1929 – 11/1931
João Pio de Almeida	7/1930 – 9/1930
Octávio Tavares	12/1931 – 17/1932
Erico Veríssimo	19/1932 – 196/1936
Henrique Maia	23/1933 – 241/1938 e 243/1939 – 246/1939

Adaptado de THORSTENBERG, Valdiria. **Página de Rosto: uma amostra do potencial literário da Revista do Globo**. Porto Alegre, Dissertação de Mestrado, Teoria da Literatura, PUCRS, 1998, p. 46.

Ao assumir a direção da revista em 1932, Erico Veríssimo contou em seu livro<sup>84</sup> que a “fome” de novidade muitas vezes o obrigou a improvisar, pirateando publicações alheias, preferencialmente estrangeiras, utilizando a tesoura e o vidro de goma-arábica como seus grandes colaboradores.

Ao mesmo tempo, a consciência de Erico para a necessidade de “recheiar” a revista com as novidades do mundo moderno, vem ao encontro das novas demandas da sociedade, orientadas pelo cosmopolitismo. Trazer as novidades do mundo para as páginas da revista sustentou grande parte de seus editoriais, tornando-a um meio que instituiu a experiência da modernidade no início dos anos 30.

<sup>83</sup> Além do corpo diretivo acima descrito, a Revista do Globo contou com a colaboração de: Luís Estrela (197/1936 – 218/1937); De Souza Júnior (219/1937 – 226/1938); Luís Estrela (227/1938 – 237/1938); Justino Martins (243/1939 – 433/1947); Henrique D’Avila Bertaso (434/1947 – 562/1952); José Bertaso Filho (563/1962 – 941/1967).

<sup>84</sup> VERÍSSIMO, Erico, **op. cit.**



O surgimento de um veículo informativo, no qual as pessoas puderam identificar-se e ao mesmo tempo sentir-se pertencentes a um mundo novo, moderno, acabou estabelecendo um vínculo muito próximo com a sociedade. Atuando como um mecanismo eficaz para a construção de um espaço, permitiu a identificação de muitos leitores, dando a noção de lugar de pertencimento e lugar comum.

A concepção de modernidade aberta às influências externas e com a receptividade da elite, deu a Revista do Globo a idéia de “internacional” diante da conjuntura específica de desenvolvimento, no qual os anos 20 foram responsáveis por essas influências, cujos propósitos modernos mesclavam-se as rupturas e continuidades do período anterior.

Apesar dos propósitos de isenção política, desde o momento de sua fundação a Revista do Globo prestou inúmeras homenagens<sup>85</sup> a Getúlio Vargas posicionando-se ao seu favor e em momentos específicos: em campanha com a Aliança Liberal, seus comícios, eventos e propostas, a Revolução de 30 e a campanha de nacionalização.

Mas porque a revista posicionou-se a favor se tinha a idéia de não ser partidária?

Em seu propósito inicial de isenção política, rompendo com a fase *político-partidária* da imprensa, ela se propôs *a coordenar e mobilizar as energias moraes, tendo por um fim superior de utilidade social*. Contudo, suas páginas retrataram o apoio irrestrito a Vargas.

Diante dessa postura da revista, neste estudo será analisada a campanha da Aliança Liberal como um exemplo de campanha pró-Getúlio, cumprindo um papel político às vésperas da Revolução.

---

<sup>85</sup> Em 1934 a Revista do Globo, Nº 151 dedicou um número especial a Getúlio Vargas.

## 1.1. A campanha da Aliança Liberal no Rio Grande do Sul - a cobertura jornalista da Revista do Globo

Convocando os gaúchos a comparecerem maciçamente em sessões, comícios, missas campais, cortejos cívicos e outras cerimônias semelhantes, porque só assim que todos

*“os nossos companheiros de cruzada das outras unidades federativa [terão] a solidariedade da nossa indefectível solidariedade, a firmeza e o fervor com que marchamos para a luta e a certeza que nutrimos de vencer.”<sup>86</sup>*

Em meados de 1929, acontecimentos encerrariam a década de 20 demonstrando a decadência do sistema político oligárquico. O estopim aconteceu no momento em que o presidente Washington Luís em vez de apoiar um candidato mineiro para as eleições, insistiu na candidatura do paulista Júlio Prestes, um político de rápida ascensão dentro do PRP. Na Revista do Globo de 31 de agosto de 1929 encontra-se uma nota na seção *Radiografias* condenando a candidatura do paulista Júlio Prestes acusando-a de opulenta e interesseira, na medida em que se apóia na força resultante do capital industrial.

Todavia, a questão industrial tão criticada nesse momento, vai ser exaltada pela Revista do Globo como um expoente da modernidade, como um símbolo do progresso e desenvolvimento.

*“Os ‘comitês’ que se organiza, em São Paulo, para a propaganda da candidatura de Sr. Julio Prestes, estão gastando diariamente a média de duzentos contos de réis. Nós sabemos que São Paulo é uma unidade opulenta da Federação e a fortuna particular, em que se reflecte a pujança da riqueza publica, lá se expressa em cifras deslumbradoras. Sabemos também que se formou uma concentração de interesses industriaes ao redor do Catete e tanto assim que a ironia popular já baptizou a feliz*

---

<sup>86</sup> Revista do Globo, Anno I, Nº 17.

*criação do sr. Washington Luiz de “candidato das Indústria Reunidas.”*<sup>87</sup>

Este fato forçou a articulação de uma candidatura de oposição. Buscando apoio no Rio Grande do Sul, o governador de Minas Gerais, Antônio Carlos de Andrada, latifundiário descendente de José Bonifácio de Andrada e Silva, líder do PRM, propôs aos gaúchos enfrentar abertamente São Paulo, rompendo definitivamente com a aliança café-com-leite. Iniciaram então as articulações para a formação da Aliança Liberal (julho de 1929), que aglutinou forças oposicionistas dos estados de Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Paraíba em torno de uma candidatura alternativa contra o candidato Júlio Prestes. Após inúmeras relutâncias Getúlio Vargas aceitou representar a Aliança Liberal.

Getúlio Vargas nasceu em São Borja – RS em 19 de abril de 1883, filho do militar e fazendeiro Manuel do Nascimento Vargas e Cândida Dornelles Vargas. Realizou seus estudos na Escola de Ouro Preto (Minas Gerais) com seus irmãos Protásio e Viriato Vargas e os concluiu entre São Borja (6º Batalhão de Infantaria) e Rio Pardo (Escola Preparatória e Tática). Assim como seu pai, Getúlio permaneceu na carreira militar até ingressar em 1904 na Faculdade de Direito em Porto Alegre, onde participou do Bloco Acadêmico Castilhistas (“Geração de 1907”), do qual também fazia parte João Neves da Fontoura, Flores da Cunha, Lindolfo Collor, Paim Filho, Maurício Cardoso e Osvaldo Aranha, sendo defensores dos ideais castilhistas-positivistas. Getúlio ainda em 1907 formou-se bacharel.

Em 1909, Getúlio elegeu-se pela primeira vez deputado estadual pelo Partido Republicano Rio-Grandense e logo transformou-se em líder deste na Assembléia Legislativa, já que por três mandatos consecutivos foi eleito deputado (1909-1913-1917).

Diante da brilhante carreira política e com notável habilidade, Vargas foi eleito Deputado Federal em 1923, sendo o mediador entre o governo federal e estadual durante a Revolução de 23 no Rio Grande do Sul. Seu prestígio aumentou com o Pacto das Pedras

---

<sup>87</sup> Revista do Globo, Anno I, Nº 16.

Altas, que trouxe de volta a paz ao Estado. Em 1925, participou da reforma constitucional e atuou junto à Comissão de Economia e Finanças da Câmara Federal, onde desempenhou com grande sucesso suas atividades.

Anos mais tarde, foi empossado no Ministério da Fazenda pelo então presidente da República Washington Luís. Neste período foi determinado um plano de estabilização financeira que favoreceu Getúlio neste cargo devido ao seu êxito. Segundo Luciano Abreu, no livro *Getúlio Vargas: a construção de um mito (1928-30)*,<sup>88</sup> o sucesso de Vargas nesse cargo deu a ele “*a imagem de homem certo no lugar certo.*”

Neste Ministério, Getúlio não permaneceu por muito tempo, pois foi convidado a representar o PRR nas eleições para governador do Estado em 1928, sendo posteriormente o representante da Aliança Liberal contra a oligarquia paulista e o presidente Washington Luís.

Estava formada a oposição. Conforme as palavras de Getúlio na Revista do Globo Nº15,

*“a Aliança Liberal é uma corrente de idéias com propósitos definidos, um conjunto de princípios políticos e normas de administração reflectindo uma mentalidade que se renova e exige uma maior e mais directa intervenção do povo na escolha dos seus representantes.”*<sup>89</sup>

Esta passou a procurar aliados nas várias dissidências oligárquicas estaduais, nos tenentes, nas massas urbanas e também no Partido Democrático, formado por profissionais liberais e cafeicultores dissidentes do PRP.

Buscando apoio de todos os insatisfeitos com o sistema oligárquico, defendia em seu programa que o governo federal tinha de incentivar tudo o que o país exportava e não apenas o café, mas produtos como trigo, algodão, couro, etc.

---

<sup>88</sup> ABREU, Luciano A., **op. cit.**

<sup>89</sup> Revista do Globo, Anno I, Nº 15.

Em outubro, a quebra da Bolsa de Valores em Nova Iorque atingiu o sistema capitalista mundial. O *crash* provocou uma crise que parecia incontrolável, reduzindo investimentos e o consumo, provocando uma recessão do comércio entre os países industrializados alcançando também os países produtores de matérias-primas, que tentaram compensar as perdas plantando e vendendo mais as safras produzidas por um preço cada vez mais baixo.

A Revista do Globo no intuito de registrar tudo o que era importante para a informação e cultura de seus leitores apresentou em algumas revistas reportagens sobre a mendicância nos Estados Unidos, resultantes da crise de 20 e posteriormente apresentou aspectos sobre as eleições presidenciais no país.<sup>90</sup>

A conjuntura aberta por essa crise afetou o nosso principal produto de exportação – o café, que teve seu preço em queda no mercado internacional. Conforme Hobsbawm, “*o Brasil tornou-se um símbolo do desperdício do capitalismo e da seriedade da Depressão, pois seus cafeicultores tentaram em desespero impedir o colapso dos preços queimando café em vez de carvão em suas locomotivas a vapor,*”<sup>91</sup> numa tentativa de diminuir a oferta do produto e manter estáveis seus preços no mercado. Essa política não impediu a falência de alguns cafeicultores, que solicitaram a imediata intervenção federal por meio de concessão de créditos e a prorrogação dos pagamentos das dívidas contraídas.

Diante da recusa de Washington Luís, o setor cafeeiro acabou, de certa forma, colaborando com a Aliança Liberal que constituiu-se finalmente como uma frente de oligarquias oposicionistas abarcando uma plataforma política baseada em questões amplas e de interesse nacional. Para abrigar os diferentes grupos, as questões constituíram-se da seguinte forma: anistia (plena, geral e absoluta); revogação das leis compressoras da liberdade do pensamento; legislação eleitoral; reorganização da Justiça Federal; reforma do Ensino

---

<sup>90</sup> Revista do Globo, Anno, IV, Nº 17.

<sup>91</sup> HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991**. São Paulo: Cia das Letras, 1995, p. 97.

Secundário e Superior; constituição de um Código do Trabalho; autonomia do Distrito Federal; questão social, imigração, exército e armada; funcionalismo público, plano financeiro, instrução, educação e saneamento; colonização da Amazônia, vias de comunicação; reforma do Banco do Brasil, entre outras.

Todas essas propostas eram defendidas em grandes comícios, uma novidade para a época, nos quais reuniam milhares de pessoas entusiasmadas. Diante das multidões, Getúlio Vargas falava em leis trabalhistas e em reformas políticas. Daí o forte apoio da classe média, operários e tenentes, que até então estavam fora do sistema político.

Participando ativamente do momento político, a Revista do Globo noticiou e cobriu com longas reportagens fotográficas os comícios da Aliança Liberal no Estado, além de publicar inúmeras frases na sua seção *Breviário Cívico* no qual enaltecia os políticos da mesma, cujos “*conceitos referentes [são] aplicáveis ao actual momento político*”.

*“Sob o ponto de vista político este movimento traz em si duas medidas que já adquiriram força irresistível: a decretação da amnistia e a reforma eleitoral do voto. A formula que seria instituída a respeito dessa última parte é assumpto que será devidamente estudado e encaminhado de acordo com o pensamento da maioria da nação expressa através dos seus órgãos de representação constitucional.”*

(Getúlio Vargas)

*“Qual o princípio que despertou as energias mineiras e do nosso povo pacífico faz uma legião de combatentes? O principio é o de propugnar para a nação brasileira o direito de escolher o seu supremo magistrado. Minas Gerais, no passado, sempre se ergueu com o maior desassombro contra o predomínio do poder pessoal no exercício do governo. Na defesa da liberdade política, neste momento, cumpria a Minas, fiel as suas tradições, erguer-se contra as tentativas do poder presidencial, usurpando a soberania nacional.*

*Si não fora o brado contra essa audaciosa tentativa teríamos regressado, no terreno político, ao império do absolutismo em que a sucessão no throno é entregue ao arbítrio exclusivo de seu detentor.”*

(Antonio Carlos de Andrada)

*“Essa campanha na qual entro de consciência tranqüila, campanha que ninguém mais deterá e que terá sem dúvida alcance formidável, não comporta analyses de pessoas nem attitudes pessoais, trata-se agora, de uma ação conjugada do paiz inteiro, com princípios e idéias mais liberaes, para que a nação possa, por um processo mais democrático, escolher livremente o seu futuro presidente.”*

(Getúlio Vargas)

A frente oposicionista encontrou apoio no Rio Grande do Sul. Através do discurso aliancista, que evidenciava os problemas regionais, este atacava diretamente os dirigentes do país demonstrando que as suas práticas não eram democráticas, objetivando sensibilizar e ganhar o apoio da classe média.

Oswaldo Aranha, no editorial da revista de 28 de setembro de 1929 elogiava o programa aliancista e pedia pela moralização da República. Rebatendo as acusações de regionalismo sofridas pelos gaúchos, pedia pela moralização da República *“venha do norte, do centro, do sul, venha de onde vier o candidato. Trazendo esta bandeira, arrastará o nosso povo cada vez mais unido pela grandeza do Rio Grande e pela moralização da República.”*<sup>92</sup>

Além de adequar o discurso pela moralização e pelo fim das fraudes eleitorais, Getúlio afirmava uma política de valorização dos setores excluídos. Para preservar os interesses do país apoiava a industrialização e ao mesmo tempo defendia a valorização dos recursos naturais como fonte de progresso e riqueza.

Através dos inúmeros comícios e discursos de Vargas na capital gaúcha, nos quais milhares de pessoas participavam, a Aliança Liberal apresentava-se como única possibilidade

---

<sup>92</sup> Revista do Globo, Anno I, N°18.

de mudança, capaz de transformar as velhas estruturas do poder, a partir da constituição de um mercado interno para o desenvolvimento do país.

Conforme as palavras de André Carrazzoni no editorial da revista Nº 17,

*“(...) esta reacção, que já commóve o paiz, representa a consciencia do povo, artífice maravilhoso da história, a actuar na revolta moralizadora e salubre. Expressão viva dos nossos sentimentos e das nossas idéas, chamem-na como quizerem – milagre civico ou imprevisto magico – porque em nada lhe alterará o supremo sentido integrador. **Reacção integradora, sim: a consciencia da patria que tende a totalizar-se, o espírito federativo, liberto da macula de privilégios e parcialidade desegradantes, que aspira a entrar na órbita de sua soberania. E isso vale mais do que um programma de governo, porque é um programma de uma nacionalidade. Com elle, vibrar-se-a o “coup de grace” nas hegemonias de instinto feudal que envenenam a paz do solar federativo. O Brasil não será só São Paulo – official, segundo a rhetorica regionalista. O Brasil será o Brasil indiviso e indivisível, desde a floresta amazônica às coxilhas do extremo-sul. Nenhum Estado materialmente poderoso, terá o direito de feitorizar os demais irmãos e de trata-los como os escravos, perdidos na distancia das terras coloniaes. Em lograr do arbítrio, a razão; em vez do domínio das mediocridades, que politicamente enriquecem nos bamburrios da oligarchia, o primado das capacidades e o revesamento da intelligencias (...)**”<sup>93</sup>*

O sentimento nacional adotado como indicativo de ordem neste editorial cumpre o papel legitimador do discurso da revista. O “*espírito federativo*” e a “*consciencia da pátria*” representaram a busca pela integração que segundo o texto, somente a *Reacção integradora* seria capaz de proporcionar.

Criar um sentimento imediato de identificação e ao mesmo tempo defender uma proposta moralizante e desenvolvimentista, a Aliança Liberal apropriou-se das inúmeras reportagens publicadas na Revista do Globo sobre ela, criando um ponto de referência e apoio no Rio Grande do Sul.

---

<sup>93</sup> Revista do Globo, Anno I, Nº 17. (Grifos meus)



O número cada vez maior de leitores da revista favorecia essa identificação. Contando também com a proposta de *marketing* publicitário em torno das eleições presidenciais, o quinzenário realizou um concurso com seus leitores para saber quantos votos a Chapa Getúlio Vargas – João Pessoa fariam no pleito de 1º de março. Para participar da votação e poder concorrer aos prêmios descritos abaixo, bastava preencher os cupons encartados na própria revista.

A simbologia do progresso uniu-se às novas práticas e mentalidades da época que perpetuaram-se nos prêmios oferecidos aos vencedores do *Concurso de palpites*. Expostos nas vitrines da Livraria do Globo, representavam os ideais da modernidade da sociedade urbano-industrial, permitindo o sonho e a fantasia acerca dos prêmios.

A apuração do *Concurso* foi realizada por uma comissão de jornalistas, contabilizando um total de 742.794 votos.<sup>94</sup>

*1º prêmio: 01 machina de escrever Royal, portátil, último modelo*

*2º prêmio: moderna machina de costura e bordar da afamada masca Pfaff*

*3º prêmio: 01 phonographo da Panotrope=Brunswick*

*4º prêmio: fogão Wallig esmatado, nº 2*

*5º prêmio: 01 rica pendula Masson*

Apesar dos apoios, a Aliança Liberal não alcançou seus objetivos e Júlio Prestes venceu as eleições de 1º de março de 1930, marcada pela fraude eleitoral. Não aceitando esses resultados, os aliancistas encontraram nos tenentes, o recurso às armas, como a única saída para a oposição.

O pretexto para o levante ocorreu com o assassinato de João Pessoa, explorado politicamente. Um movimento militar partiu de Belo Horizonte e Porto Alegre em 3 de outubro de 1930 e nos dois dias seguintes tropas federais e revoltosos entraram em choque.

---

<sup>94</sup> A divulgação dos vencedores foi publicada na Revista do Globo, Anno II, Nº 11.

Forças governistas aconselharam Washington Luís a renunciar, já que as tropas oposicionistas ocupavam a capital federal, o que não aconteceu. No dia seguinte o Palácio Guanabara foi cercado e a prisão do presidente decretada. Chegava ao fim a República Oligárquica.

No editorial de 11 de outubro de 1930, assinado por todos seus colaboradores, a revista mostrava claramente sua postura de apoio ao movimento que pôs fim ao período da história conhecido como República Velha. Com um ferrenho discurso, o texto acusa o governo de corrupção, no qual a Constituição e as leis só tinham existência fictícia, mostrando o descontentamento gaúcho, o editorial justifica a tomada de poder:

*“(...) poucas palavras bastam para assentar, perante o mundo civilizado, as razões do nosso protesto armado. No Brasil dos nossos dias, a Constituição e as leis só tem existência fictícia: não são cumpridas nem respeitadas. Os homens públicos, a começar por aquelle que deveria ser o chefe imparcial e austero da Nação, outra cousa não fazem sinão offender e desmoralisar as leis e a Constituição. Fóra da lei e em opposição a vontade do povo, não há governo legal, mas arbítrio, tyrania e abuso de poder. Contra a força bruta, exgottados todos os recursos da lei e da persuasão, só se póde agir com a força. É o que está fazendo a Nação Brasil, na mais justa, na mais legítima e necessária das reivindicações collectivas.” (...)*

E prossegue convocando os leitores para uma marcha pela vitória:

*“Rio-grandenses!  
 Communiquemos ao povo brasileiro a certeza de que não nos arreceiamos de provações nem de sacrificios, por amor do Brasil, pela dignificação da Republica e pelos direitos do cidadãos!  
 Rio-grandenses!  
 Todos unidos em marcha para a Victoria!”<sup>95</sup>*

A ideologia gaúcha transportou-se para a política nacional sem nenhum conflito com a chegada de Vargas ao poder, ocorrendo a substituição das oligarquias tradicionais por uma

---

<sup>95</sup> Revista do Globo, Anno II, Nº 19.

nova elite, portadora de um projeto reformador e modernizante, personificado na figura de Getúlio. A partir de sua chegada ao poder federal, emergiram novas propostas, novos símbolos, uma nova prática política e um novo discurso, instaurando-se assim um novo período na história.

Nesse sentido Edgar de Decca<sup>96</sup> afirma que esta divisão cronológica, apontando a Revolução como um acontecimento que inaugura o “novo”, um “discurso de poder” legitimado como oficial que edificou o futuro, ao mesmo tempo que refez o passado à luz de seus interesses, qualificou os agentes com seu próprio sentido, fazendo parte do exercício de dominação.

A Era Vargas<sup>97</sup> inicia com o que se convencionou chamar de Governo Provisório (1930-1934) em meio a crise mundial gerada pela quebra da Bolsa de Valores de Nova Iorque. Getúlio Vargas apropriando-se do discurso oficial, tomou para si a idéia de que o Estado é o único representante legítimo dos ideais nacionalistas,<sup>98</sup> corporificando em si a figura do Estado-nação.

A Revista do Globo reproduziu parte de um manifesto de Getúlio à nação, no qual ele assume que corporificou um pensamento coletivo quando diz que foi “*para restaurar o domínio da lei e reimplantar a moral, a justiça e o direito que nós todos do Rio Grande, acompanhados pela acção e pela consciencia cívica do resto do país – nos pusemos a caminho da guerra civil (...)*”

Defendendo a unidade e a identidade da nação, os editoriais da Revista do Globo buscaram reunir os elementos nacionais e regionais para que a identificação dos novos grupos fosse alcançada com mais facilidade, através da aproximação dos elementos culturais reconhecidos nos projetos de desenvolvimento e modernidade.

---

<sup>96</sup> DECCA, Edgar S. de. **1930: O Silêncio dos Vencidos. Memória, história e revolução**. São Paulo: Brasiliense, 1992, p. 108-110.

<sup>97</sup> Governo Provisório: 1930-34; Governo Constitucional: 1934-37; Estado Novo: 1937-45 e na fase populista de 1950-54.

<sup>98</sup> DECCA, Edgar S. de. **op. cit.**, p. 24-25.

Ao mesmo tempo, Pedro Vergara em seu artigo justifica a Revolução como um movimento de consciência social promovido pela cultura, em nome do desenvolvimento:

*“(...) foi a nova cultura do Brasil que fez a revolução. Foram os seus novos estadistas que golpearam a Nação com a vara mágica das revoluções sedutoras e dos estímulos irresistíveis.*

*Um povo sem cultura, é um povo de fanáticos ou de escravos (...)*

*Mas foi a cultura livresca despensiva, que se enamora e alimentado de ideologias estéreis.*

*Foi a cultura no sentido histórico: o producto da reflexão sobre as próprias necessidades do paiz; foi o exemplo da história, as exigências do presente e as promessas do futuro o que desencadeou na alma dos homens moços do Brasil o pensamento ardente da Revolução (...)*

*Era uma aspiração que se formará nas altas esferas sociaes, através de decennios de erros e desordens, por successivas sedimentações.*

*Era todo um accervo de experiências que pontificava no esplendido meio-dia da nacionalidade.*

*Esta revolução feita pelo Brasil, como producto immediato da sua evolução mental, sublevou todas as energias da Nação, todas as suas possibilidades, todas as suas tendências (...)”<sup>99</sup>*

A “nova cultura” nesse artigo foi utilizada como justificativa para a revolução. Mas que cultura é essa? A Revista do Globo expressa claramente sua postura diante da novidade dos novos tempos e das demandas da sociedade, através de um discurso que auxiliou a construção do imaginário urbano-industrial, projetando os ideais de modernidade instaurados a partir de uma nova ordem.

A pretensão de apoiar Vargas está bastante nítida nas páginas da Revista do Globo através de seus editoriais, reportagens e artigos. Mas então por que a revista posicionou-se a favor do presidente se ela tinha a idéia de manter a isenção política, conforme afirmava Mansueto Bernardi em seu preâmbulo?

---

<sup>99</sup> Revista do Globo, Anno II, Nº 22.

Com uma tiragem de 20.000 exemplares, em 1930 circulou em todo país um número especial sobre a Revolução de 30.<sup>100</sup> Porém, no editorial desta edição, envolto com uma bandeira do Brasil, o corpo editorial assumia sua postura de apoio a Getúlio Vargas e João Pessoa.

O constante apoio dado a Vargas e ao governo iniciou ainda durante a campanha da Aliança Liberal, na qual a Revista do Globo fez questão de registrar amplamente. Com um discurso moderno a revista, cujas páginas traziam a novidade e o cosmopolitismo para os leitores, não poderia deixar de apoiar o novo presidente que tinha participado com a sugestão para o surgimento de uma nova revista.<sup>101</sup>

*“(...) em 1929, como presidente do Estado, congregava a seu redor os membros nomes da intelectualidade do Rio Grande e que uma tarde, por ocasião de uma de suas memoráveis palestras na Livraria do Globo, lembrou aos que o cercavam a necessidade de fundar em Porto Alegre uma revista que fosse o espelho da vida social e cultural do Estado.*

*A ‘Revista do Globo’, pois, nasceu duma sugestão do dr. Getúlio Vargas, que encontrou decidido apoio da parte dos sócios da firma proprietária da Livraria do Globo (...)”<sup>102</sup>*

O próprio Mansueto Bernardi escreveu justificando este apoio:

*“(...) veio a revolução. Sem um momento de hesitação, sem atitudes dúbias, a Revista do Globo pos-se ao serviço da causa do Rio Grande, que era a causa do Brasil. E fiel a ela se manteve desde os dias incertos e dolorosos da luta até a manhã radiosa da vitória (...)”<sup>103</sup>*

A Revista do Globo se dizia imparcial nas questões relacionadas à política, apoiando Getúlio a partir de diversos exemplos acima descritos. Defendeu uma identidade regional,

<sup>100</sup> Com aproximadamente 486 páginas, o *panfleto de luxo* custou 20\$000 para o volume brochado e 30\$000 para o encadernado. Os assinantes da revista tiveram um abatimento de 20%.

<sup>101</sup> ANEXO 3 – fotografia como os principais colaboradores da Revista do Globo. Embora a pesquisa privilegie o período entre 1929-35, esta fotografia foi retirada do ano de 1940.

<sup>102</sup> Revista do Globo Anno VI, N° 23.

<sup>103</sup> **idem**, N° 23.

mas ao mesmo tempo inseriu-se como portadora de um novo discurso modernizante e cosmopolita. Colaborou com a idéia de que Getúlio Vargas era “*um modelo de homem civilizado,*”<sup>104</sup> um gaúcho que transportou para os ideais nacionais novas perspectivas voltadas para as luzes do progresso do desenvolvimento.

A partir de então, a fundação de “*uma revista moderna e digna do nosso ambiente cultural,*”<sup>105</sup> passou a dar maior visibilidade as transformações ocorridas no período, construindo a imagem de “*uma capital de ritmo quase cosmopolita, com quatrocentos mil habitantes (...)*”<sup>106</sup> para além das suas fronteiras físicas, estendendo seus limites e possibilidades de aceitação.

Uma revista que rompeu com o senso comum, constituindo-se como um instrumento de articulação e formação cultural, a partir das novas práticas e demandas. Diversificada, atualizada, dinâmica, moderna, foi um medidor do progresso do centro urbano tendo como desafio transitar entre o local e o universal, legitimando-se como uma expressão e um símbolo de imprensa moderna, buscando concentrar em seu projeto editorial os atributos da modernidade.

Nesse sentido, legitimando-se como um veículo informativo que construiu o discurso da modernidade em suas páginas, a partir de um projeto editorial pensado e produzido por uma elite, a Revista do Globo tornou-se um meio de aproximação das diferentes parcelas da população, visto que através de seu projeto editorial puderam reconhecer-se como integrantes de uma nova ordem.

Portadora de um discurso cosmopolita, incorporou as expectativas da sociedade urbano-industrial, à medida que recolheu elementos diversos para criar uma padronização cultural. Buscando a legitimação do projeto modernizante e desenvolvimentista, a revista

---

<sup>104</sup> Revista do Globo, Anno I, Nº 5.

<sup>105</sup> Revista do Globo, Anno I, Nº 1.

<sup>106</sup> **idem.**

apropriou-se desse discurso para que seus limites fossem estendidos além de suas fronteiras físicas.

O apoio a Vargas desde a campanha da Aliança Liberal, concentrou um discurso homogeneizador, voltado para uma identidade pautada na ânsia de civilização, ao mesmo tempo que incorporou o nacionalismo como símbolo de um processo pelo qual os diferentes grupos tornaram-se visíveis. Isto é, a homogeneização estabelece as convenções simbólicas para a legitimidade e neste sentido, a Revista do Globo apresentou-se com um veículo fundamental de articulação, processos e práticas culturais, que mesclou os interesses e projetos dos sujeitos sociais ao mesmo tempo em que ampliou o espectro social da cultura e da modernidade compatível com os novos tempos.

## CAPÍTULO 2

### OS NOVOS TEMPOS – AS DEMANDAS DA MODERNIDADE: INDUSTRIALIZAÇÃO E URBANIZAÇÃO

*“Com botas de sete legoas chegou o anno novo. Novinho em folha.*

*Entrou sem pedir licença e ficou parado na atitude de um ponto de interrogação.*

*Você me conhece? Meu nome é futuro. Trago no bolso uma caixinha de surpresa para a criança eterna chamada homem. Apesar de todas as desilusões, ainda existe muita novidade no mundo. O Tempo é um Fregoli que entra por um lado e sai pelo outro completamente transformado. 1929. Em vez de um oito escreva um nove. E verá como tudo lhe parece diferente. Porque você também não é o mesmo, leitor ou leitora. Aprenda commigo a ser futurista, a se voltar para a cancha aberta do Anno Novo.”<sup>107</sup>*

O passado consagrado pelas tradições e costumes fica para trás, já o futuro chega e institui-se como a mudança, o progresso, a novidade. Explícita ou implicitamente o futuro sublinha o advento da modernidade, validando uma nova cultura baseada no processo desenvolvimentista de mudança.

Ser “*futurista*” é voltar-se para o progresso dos novos tempos, é estar aberto para as mudanças que impõem uma nova mentalidade, na medida em que vai tornando-se legítima

---

<sup>107</sup> Revista do Globo, Anno I, Nº 1.



através da aceitação da modernidade, sugerindo novas dimensões do processo, redefinindo as formas de pensar e viver a cidade.

Compondo progressivamente o cenário urbano, a Revista do Globo apresentou-se como um espaço de formulação e articulação do discurso da modernidade, instituindo-se como portadora legítima das novas práticas culturais, instauradas a partir dos processos de transição para a nova ordem burguesa, que proporcionou uma outra dinâmica na vida urbana, resultando em um processo de mudança e organização social.

O Brasil e o mundo despediam-se da efervescência das primeiras duas décadas do século XX, nas quais caracterizaram-se pela emergência de novos elementos políticos, econômicos, ideológicos, culturais, sociais e tecnológicos.

Os *loucos anos 20* foram responsáveis por grandes transformações na sociedade da época: a indústria não parava de inventar novos bens de consumo e o capitalismo transformava tudo em mercadoria, em negócio, resultando numa euforia econômica que tomou conta da burguesia nas grandes cidades.

O *crack* da Bolsa de Nova Iorque, em outubro de 1929 foi o resultado de um processo decorrente da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e de um *boom* capitalista dos anos 20. A recuperação das cidades destruídas pela guerra, a expansão capitalista que favoreceu a produção industrial e proporcionou o aumento dos preços das matérias-primas, juntamente com a afirmação de novos valores políticos, econômicos e culturais são, entre outros fatores, fundamentais para entender a crise desencadeada pelo *crack*, que levou ao aumento do custo de vida e a uma grande recessão.

A crise de 29 afetou o Brasil revelando a falência de todo um modelo de desenvolvimento do capitalismo baseado numa economia agro-exportadora, demonstrando a necessidade de reordenar o sistema produtivo nacional. O eixo de sustentação da economia nacional perdia sua hegemonia, na medida que a crise internacional esgotava a manutenção do

modelo de acumulação interna do país. Agricultura, indústria e finanças sofreram com o impacto da crise que atingiu, primeiramente, os países produtores e exportadores de matérias-primas, agravando-se ainda mais nos anos de 1930 e 1931.

Para superar essa situação, o governo procurou incentivar a produção de outros gêneros para atenuar os efeitos da crise. Um exemplo foi o incentivo à plantação de algodão em diversas regiões do país e usinas de açúcar ocupando áreas que antes eram destinadas ao café, necessitando contudo, da intervenção estatal para poder superar a crise. Essas medidas buscaram diversificar a produção agrícola para superar os problemas decorrentes da dependência de um único produto de exportação: o café.

Esse processo conduziu à expansão do capitalismo a partir de um novo modo de acumulação, baseado na produção industrial. A introdução do livro *Tecnologia e industrialização no Brasil: uma perspectiva histórica*<sup>108</sup> coordenado por Shozo Motoyama, faz uma discussão referente à história do relacionamento entre a tecnologia e a industrialização no Brasil, cabendo destacar algumas linhas de pensamento de autores que debateram sobre a origem do desenvolvimento industrial brasileiro.

Baseando-se na historiografia, o autor Roberto Simonsen, que em 1939, com outros pensadores consideravam o processo industrial como uma decorrência das dificuldades no setor externo da economia. Guerras e crise dificultaram a importação de produtos manufaturados, estimulando a produção local.

Na década de 50, essa teoria conhecida como *teoria de choques adversos* foi reforçada pela doutrina da Cepal (Comissão Econômica para América Latina), que justificou a industrialização nos países periféricos com as crises internacionais, como a decorrente da I Guerra Mundial, que fez a economia voltar-se para o mercado interno, o que não aconteceu nos momentos de normalidade, já que essas economias eram voltadas para a exportação de

---

<sup>108</sup> MOTOYAMA, Shozo (coord.). **Tecnologia e industrialização no Brasil: uma perspectiva histórica**. São Paulo: Ed. da Universidade Estadual Paulista: Centro de Ed. Tecnológica Paula Souza, 1994.

matérias-primas, sendo dependentes do mercado externo. Com o desajuste da ordem econômica vigente, “(...) a industrialização teria a função vital de deslocar o centro de decisão para os próprios países periféricos, acarretando mudanças econômicas, políticas e sociais.”<sup>109</sup>

Partidários das idéias cepalinas, Celso Furtado e Maria da Conceição Tavares, explicaram o fenômeno da industrialização como um processo anterior à crise de 1929-32, resultado este decorrente do crescimento do setor exportador que propiciou o surgimento do mercado interno para manufaturados.

A crise do café a partir de 1930, vai proporcionar uma mudança no desenvolvimento industrial. Este vai se fortalecer por meio da crise do setor exportador, favorecendo investimentos voltados para o mercado interno.

Essa *industrialização substitutiva de importações* só foi possível por causa do “(...) deslocamento do capital do setor de importação para as atividades econômicas internas, não só pela diminuição do coeficiente de importação, mas também pela mudança em sua composição, privilegiando a compra de bens de consumo supérfluos.”<sup>110</sup>

Um crítico às idéias cepalinas e à teoria dos choques adversos foi W. Dean que explicou o crescimento industrial a partir dos ciclos de expansão das exportações. Dean defende que a industrialização foi resultado do sucesso do setor cafeeiro e que a crise produzida pela I Guerra Mundial foi um fator negativo para a industrialização, já que gerou um efeito paralizante nas indústrias, principalmente aquelas localizadas em São Paulo.

Outra corrente que critica a teoria dos choques adversos é a do *capitalismo tardio*, sustentada pela lógica da acumulação do capital como essencial para o processo de industrialização. Essa acumulação foi consequência do capital cafeeiro ainda no final do

---

<sup>109</sup> **Idem.**, p. 16-17.

<sup>110</sup> **Ibidem.**, p. 18.

século XIX, sendo beneficiado por novas tecnologias, o que favoreceu sua expansão, como por exemplo a construção de estradas de ferro para o escoamento da produção.

Portanto, esse *complexo exportador de café* possuiu algumas condições para o surgimento do capital industrial, que segundo Motoyama são “*a acumulação prévia de capital para investimento no setor, [a] criação de mercado interno capaz de absorver os produtos industrializados e [a] formação de um mercado de trabalho livre.*”<sup>111</sup> Contudo, o autor prossegue ressaltando que o capital industrial possuiu uma relação contraditória com o capital cafeeiro, “*isso porque, embora a expansão do segundo estimula a acumulação do primeiro, este não se coaduna com as características mercantis daquele que, por sua vez, se subordina ao capital internacional.*”<sup>112</sup>

Há ainda na historiografia outras abordagens sobre a industrialização brasileira, como por exemplo aquela que dá ênfase ao significado de proteção alfandegária de desenvolvimento industrial.

Essa discussão sobre a origem da industrialização trouxe uma série de avanços ao conhecimento histórico, na medida que cada uma possibilitou importantes contribuições para o estudo das origens do desenvolvimento industrial brasileiro.

Portanto, no intuito de atenuar os efeitos da crise, a diversificação das atividades econômicas e o incentivo à indústria voltada para o mercado interno, foram os caminhos encontrados para superar um esgotado modelo de acumulação baseado na economia agroexportadora .

Sem a importação de produtos estrangeiros, a indústria local passou a suprir a população com produtos alimentícios e têxteis, constituiu-se de forma lenta e gradual como uma nova forma de acumulação de capital. É evidente que nem toda esta estrutura industrial

---

<sup>111</sup> **Ibidem.**

<sup>112</sup> **Ibidem.**, p. 18-19.

conseguiu expandir a sua economia. Conforme Edgard Carone<sup>113</sup>, muitas indústrias fecharam suas portas por falta de um mercado consumidor e outras apesar da baixa produtividade continuaram existindo, mesmo trabalhando por algumas horas ou alguns dias na semana, retomando um ritmo mais acelerado somente durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

A intervenção do estado na economia incentivando a diversificação agrícola trouxe como consequência imediata, uma integração entre as economias regionais, colaborando assim com o “*abastecimento interno do país [e com a ] sociedade urbano-industrial que se desenvolvia.*”<sup>114</sup>

Esta crise atingiu todas as regiões e o Rio Grande do Sul. Nesse contexto consagrou-se como um tradicional estado de economia periférica, baseando o seu desenvolvimento na agropecuária, sendo o charque seu principal produto de exportação.

De um modo geral, a crise atingiu os estados que baseavam sua economia no setor primário e o Rio Grande do Sul foi um exemplo desta crise. Durante a I Guerra Mundial, o Estado ampliou seus ganhos devido a grande demanda de suprimentos de produtos agropecuários no mercado internacional. Entretanto, com o fim da guerra, os mercados iniciaram um processo de retração nas suas economias, culminando na crise internacional dos anos 20, sendo necessário diversificar sua economia para atrelar-se ao novo padrão de acumulação capitalista do país.

Paralelamente a esse processo, a indústria incluiu-se na dinâmica do abastecimento interno e aquelas consideradas “naturais” receberam o apoio do interventor federal no Estado, Flores da Cunha, beneficiando algumas matérias-primas locais como óleos vegetais, produtos têxteis, banha, farinha de trigo, etc.

---

<sup>113</sup> Cf.: CARONE, Edgard. **Brasil: anos de crise (1930-1945)**. São Paulo: Ática, 1991.

<sup>114</sup> Cf. PESAVENTO, S. J. **RS: a economia e o poder nos anos 30**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

Em dois registros diferentes, a Revista do Globo exaltou o interventor Flores da Cunha em sua atuação no estado.

*“A nomeação do general Flores da Cunha para interventor federal no Rio Grande do Sul satisfaz, plenamente, a uma aspiração geral de todas as classes (...)*

*Não seria justo recair sobre os ombros do interventor a plena responsabilidade de uma tarefa, para a execução da qual lhe faltasse a correspondente liberdade de iniciativa e de movimentos.*

*Esta é a hora da colaboração, da renúncia e do sacrifício.*

*A da defesa dos interesses e pontos de vista individuais ou de grupos virá depois, com o restabelecimento da normalidade constitucional.”<sup>115</sup>*

*“Quem é? Conhecem? A primeira vista parece o ‘Kaiser’ Guilherme II no exílio na Holanda, mas a gente vê logo que as barbas estão muito negras; não, senhor, não pode ser o ex-imperador, si bem que a figura que aqui vemos tenha também majestade, será o general Luís Carlos Prestes? Impossível; o ilustre exilado não tem esta compleição robusta; além disso os seus traços physiônicos são diferentes.*

*Então em que ficamos?*

*O Leitor acabará exclamando: ‘É o Gal. Flores da Cunha!’ Muito bem acertou, este homem de rosto enérgico, sobrolho cerrado, é o nosso querido interventor, o homem que o Rio Grande todo admira, respeita e estima (...)*

*Leitor, você se lembra da história das rãs que queriam um rei? Pois o Gal. Flores da Cunha representa com justeza o tipo maravilhoso de governante, um termo médio e ideal entre os dois reis da fábula.*

*E é por isso que elle vai ficando sob applausos geraes.”<sup>116</sup>*

Uma das primeiras medidas tomadas pelo governo foi o fechamento do Congresso Nacional, assembleias estaduais e municipais, destituindo os governadores e nomeando

<sup>115</sup> Revista do Globo, Anno II, Nº 23.

<sup>116</sup> Revista do Globo, Anno IV, Nº 3.

interventores nos Estados. Procurando corrigir a descentralização administrativa e política da República Velha, Vargas reestruturou o acesso ao poder.

Criou dois ministérios: Educação e Saúde Pública e o Ministério do Trabalho, nos quais esboçavam uma preocupação com a chamada questão social, tentando com isso minimizar os conflitos, além de criar leis que beneficiaram os trabalhadores urbanos, adotando um modelo corporativista, transformando-os em agentes de sustentação do governo.

Na área econômica, Getúlio enfrentou os problemas decorrentes da crise mundial que afetou os preços do café no mercado internacional. Adotando uma política protecionista, reeditando a política de valorização do café, estocando e posteriormente destruindo os estoques do produto.

Tratando de concentrar essa política protecionista, foi criado em 1931 o Conselho Nacional do Café (CNC), em substituição ao Instituto do Café do Estado de São Paulo, sendo finalmente substituído em 1933 pelo Departamento Nacional do Café (DNC).

Além dessas medidas centralizadoras, o governo declarou a necessidade de uma nova Constituição, realizando em 1933, as eleições para a Assembléia Nacional Constituinte. Promulgada em julho de 1934, a nova Constituição, manteve uma estrutura política liberal e ao mesmo tempo apresentou novos aspectos. Inspirada na Constituição de Weimar, preservou o federalismo, ampliando o poder central e incorporando aspectos de cunho nacionalista e social, estabelecendo um equilíbrio dos três poderes (Executivo, Legislativo e Judiciário), encerrando o Governo Provisório.

Economicamente, a substituição da importação de produtos manufaturados pela produção interna causou resultados positivos. O projeto modernizador de Vargas, no qual o Estado assumiu o papel de agente do desenvolvimento econômico,<sup>117</sup> redefinindo “*o status de um país fundamentalmente agrícola em prol de um projeto de desenvolvimento econômico de*

---

<sup>117</sup> A partir do Estado Novo esse papel vai se intensificar, evidenciando a orientação econômica do governo.

*perfil urbano-industrial (...)*<sup>118</sup> Ao mesmo tempo esse desenvolvimento esteve relacionado à diversificação das atividades econômicas, trazendo como conseqüências o crescimento e o desenvolvimento das cidades, além do aumento da população urbana.

O quadro apresentado por Elisabeth R. Torresini, que mostra o crescimento populacional no Rio Grande do Sul entre os anos de 1929 a 1935, demonstra um aumento significativo da população urbana na cidade de Porto Alegre nesse período:

**Tabela 3 - Crescimento Populacional no Rio Grande do Sul (1929-1935)**

ANO	POPULAÇÃO DO ESTADO	POPULAÇÃO DE PORTO ALEGRE
1929	2.723.240	270.000
1930	2.948.130	280.890
1932	3.031.170	297.600
1935	3.146.100	313.500

Adaptado de TORRESINI, E. R. **Op. cit.:** p. 41. O quadro comparativo exposto pela autora apresenta o crescimento populacional do Estado entre os anos de 1923 a 1940.

O aumento populacional e o crescimento desordenado das cidades decorrentes do processo de industrialização e do próprio fenômeno urbano, fez surgir problemas de ordem estrutural, relacionados aos transportes, a habitação, ao saneamento, os serviços, a segurança, exigindo medidas modernizantes.

O desejo de modernidade foi traduzido pela idéia de progresso urbano que se contrapunha à imagem da cidade já existente. Os novos valores incorporados por essa sociedade urbana transformaram a cidade num centro de poder e de transformações, que influenciou novos hábitos e estruturou novos comportamentos.

---

<sup>118</sup> SVARTMAN, Eduardo M. “As orientações fundamentais da política externa do primeiro governo Vargas.” In.: **Anos 90**, Porto Alegre, n. 5, julho 1996, p. 140.



A adoção de um novo paradigma, associado a modernidade e ao progresso, transformou o estilo de vida urbano, consagrando a cidade como um lugar de transformação dos padrões culturais, estéticos, comportamentais, funcionais, produtivos, etc.

Entretanto a cidade é feita de reminiscências do passado e de projetos de futuro que traduzem os desejos próprios da época. Segundo Ana Maria Essus, *“uma nova geografia do ser moderno se impôs sobre a cidade, elegendo como espaços de aparência, salões, confeitaria, cafés, cinemas, livrarias e a própria rua. Tal como um cenário de pura fachada, estes espaços existem para que novos grupos sociais em ascensão, ligados às atividades tipicamente urbanas, tais como comércio e finanças, se identificassem no seu processo de vir a ser, à medida que só passariam a existir, como classe, em função de uma vivência social.”*<sup>119</sup>

Esse novo momento constituído pela tríade modernização, industrialização, urbanização foi, pouco a pouco, transformando a sociedade urbana como um todo.

A cidade sonhava-se moderna. A implantação da ordem burguesa nas grandes cidades em decorrência do processo de transição capitalista, veio potencializar o ingresso de projetos que possibilitaram mudanças concretas, tanto no plano material, quanto mental, favorecidas principalmente pela crescente industrialização e o aumento da população como fenômenos essencialmente urbanos.

A modernidade, segundo Marshall Berman<sup>120</sup> é um conjunto de experiências no qual as pessoas vivem e sentem as constantes transformações provocadas pela sucessiva modernização capitalista. Ao mesmo tempo, afirma que a este fenômeno da modernidade estão ligados os termos modernização e modernismo. O primeiro provocado pela

---

<sup>119</sup> ESSUS, Ana M<sup>a</sup> M. de S. A. “O espelho do poder: fotografia, sociabilidade urbana e representação simbólica do poder no Rio de Janeiro da *belle époque*”. In.: SOUZA, Célia F. de e PESAVENTO, Sandra J. (org.). **Imagens urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1997, p. 286.

<sup>120</sup> BERMAN, Marshall, **Op. cit.** Ver principalmente a introdução (p. 15-35)

transformação capitalista (mudanças materiais, estruturais e espaciais) e o segundo é responsável pela sustentação dessas mudanças num plano mental.

Conforme seus argumentos, o século XX passou a ver a modernidade de forma dicotômica, deixando de lado a ligação com o modernismo, apenas como um resultado do processo de modernização.

Porto Alegre neste contexto, sonhava com a modernidade a partir de uma remodelação do seu espaço urbano. Transformações estas, iniciadas nas primeiras décadas do século. O programa de melhoramentos, realizado por Otávio Rocha (1924-1928) nos anos 20, sintetizou na prática o discurso e as estratégias de controle e continuísmo do Partido Republicano Riograndense (PRR), cujo objetivo era “*adaptar Porto Alegre aos ‘novos tempos’, adequando-a às exigências de uma nova sociedade,*”<sup>121</sup> partindo de modificações nas áreas centrais da cidade.

“Conservar melhorando” e “ordem e progresso” refletiam a posição do PRR que considerava a ordem como a peça fundamental para o progresso social e material, permitindo assim, um caráter conservador-progressista. Neste sentido, Célia Souza e Cláudia Damásio argumentam que “*de repente, abrir espaços, limpar a cidade, desmanchar becos e amontoados de casas ou casebres que representavam um perigo em termos de focos de doença e proliferação, passou a ser, também, a bandeira política (...)*”<sup>122</sup>, na medida que Porto Alegre crescia em população e em circulação, intervenções e adequações urbanas tornaram-se necessárias.

O projeto de remodelação do espaço urbano em Porto Alegre só foi possível graças a uma reforma administrativa, fiscal e da revisão do Plano Geral de Melhoramentos e

---

<sup>121</sup> SOUZA, Célia F. de e DAMÁSIO, Cláudia P. “Os primórdios do urbanismo moderno: Porto Alegre na administração Otávio Rocha.” In.: PANIZZI, Wrana M. e ROVATTI, João F.(org.) **Estudos urbanos: Porto Alegre e seu planejamento**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS/Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 1993, p. 143.

<sup>122</sup> **idem**, p. 144.

Embelezamento de 1914.<sup>123</sup> Otávio Rocha promoveu uma reforma administrativa visando a reorganização da própria administração municipal, criando novas diretorias “*voltadas diretamente ao fornecimento, ampliação, manutenção e controle dos serviços públicos no espaço urbano,*”<sup>124</sup> passando a chamar-se Diretorias de Higiene, Assistência Pública e Eletricidade, Inspetoria de Veículos, Fiscalização de Serviços, Sub-Intendências Urbanas e Administração do Asseio Público, além da ampliação das diretorias responsáveis pelas Obras Públicas, Água, Esgoto, Gás, Estrada de Ferro, entre outras.

Na medida em que propunha a reforma administrativa, a reforma fiscal tornou-se uma necessidade, devido ao déficit orçamentário. A criação de impostos e taxas públicas foi a solução encontrada para sanar este problema,<sup>125</sup> tornando possível a remodelação da cidade a partir do Plano de Melhoramento de 1914, inserido perfeitamente no discurso da época, apresentando soluções que seguiam o chamado “modelo haussmanniano”.<sup>126</sup>

Com propostas à frente de seu tempo, o plano propunha grandes obras como a abertura de grandes avenidas como a Júlio de Castilhos, Farrapos, Otávio Rocha e Borges de Medeiros. Na medida em que representaram o discurso urbanístico da época, essas construções resultaram do “*temas impostos pelas escolas de Paris e da estética urbana, [mediada] pela postura higienizante*”<sup>127</sup> que traduziu um discurso mais teórico do que político.

Adaptar Porto Alegre aos novos tempos adequando-a as novas exigências determinou um maior ordenamento e atenção da administração pública. A reestruturação da cidade sob o signo da modernidade, do progresso envolveu novos e velhos sujeitos sociais, que

<sup>123</sup> O Plano Geral de Melhoramentos foi um plano urbano realizado pelo engenheiro-arquiteto Moreira Maciel em 1914, orientado pelo trinômio: trânsito, beleza e higiene.

<sup>124</sup> MONTEIRO, Charles. **Porto Alegre: urbanização e modernidade: a construção social do espaço urbano.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995, p. 57.

<sup>125</sup> Para maiores informações sobre a reforma administrativa e fiscal, consultar MONTEIRO, Charles, **op. cit.**

<sup>126</sup> O modelo assim chamado provinha das obras realizadas pelo Barão Haussmann em Paris (1853-1870), transformando-o no símbolo da modernidade do século XIX, cujo discurso defendia a limpeza da cidade, sempre tendo presente também a questão estética.

<sup>127</sup> Cf.: SOUZA, Célia F. de e DAMÁSIO, Cláudia P, **op. cit.**, p. 141.

manifestavam suas experiências “*nos processos de construção dos [seus] modos de viver*”<sup>128</sup>, confrontando-se com os “novos tempos”, resultantes de uma ordem burguesa, da industrialização, urbanização, dos avanços técnicos e do novo redimensionamento do panorama urbano que passou a assumir um ideal coletivo de modernidade através da reestruturação dos espaços.

Essas mudanças para modernização da sociedade conceberam novos ambientes urbanos e uma nova coletividade. O circuito urbano contava com os espaços de sociabilidade característicos da época: cafés, confeitarias, livrarias, clubes, cinemas, locais estes que sinalizavam o desenvolvimento cultural e econômico da cidade, além de propagarem os padrões culturais da época.

Na década de 30, os novos padrões culturais passaram a ser difundidos através dos meios de comunicação de massa: cinema, rádio, imprensa escrita (jornais, almanaques, anuários e revistas ilustradas), sua legitimação foi possível graças aos avanços tecnológicos, ao desenvolvimento industrial, às novas descobertas e aplicações da eletricidade e ao aperfeiçoamento da indústria gráfica cuja tecnologia incrementou e dinamizou o mercado.

A grande diversão das massas nesse período foi o cinema, cujas produções hollywoodianas foram capazes de juntar multidões em suas salas escuras, modificando o modo de ver a realidade, proporcionando aos espectadores um novo mundo, que através da tela puderam vislumbrar os indícios da modernidade: cidades com grandes avenidas, modernos automóveis e novos padrões arquitetônicos.

Porto Alegre também contou com estes novos espaços de sociabilidade e a Revista do Globo construiu um discurso onde colocava Porto Alegre num patamar elevado de modernização e consolidava a influência que esses espaços exerciam sobre a sociedade urbana, comparando a cidade com os grandes centros do país. A capital gaúcha

---

<sup>128</sup> CRUZ, Heloisa de Faria. **op. cit.**, p. 63.

*“é justamente um mixto de São Paulo e do Rio de Janeiro. Há que trabalhe e há que se divirta. O que é certo é que as ruas, desde oito horas da manhã as 11 da noite, vivem sempre cheias. Dahi a grande influencia nos cafés, nos ‘bars’ e nas confeitarias. Porto Alegre tem as casas de chá, ponto de reunião da sociedade fina e elegante, como o Rio. Tem grandes cinemas e theatros, cujas sessões e espetáculos contínuos sempre se realizam com os salões repletos”<sup>129</sup>*

Ainda nos anos 20, cinemas como o Recreio Ideal, o Apollo, o Petit Cassino, o Rio Branco, o Carlos Gomes e os cine-teatros Guarany e Coliseu, encantaram os espectadores, impondo um novo ritmo no cotidiano urbano. Colaborando na popularização dos cinemas, a Revista do Globo publicou artigos e reportagens que assemelhavam-se a propagandas, como esta abaixo que cita o cine Rio Branco como um cinema central que atraía um grande número de expectadores devido a sua localização e confortáveis acomodações.

*“Seguindo as normas modernas em construcções de cinemas (...)*

*O cinema ‘Rio Branco’ que possui accomodações para 1.500 pessoas, é situado no Caminho do Meio, sendo servido por numerosos automnibus, que permitem uma rápida comunicação com o centro da cidade (...)”<sup>130</sup>*

Além disso, a revista legitimou o cinema afirmando que este rompia com as fronteiras, aproximando os cidadãos, prossegue

*“(...) o cinema, como os aviões, passa por cima das fronteiras. É mudo; por conseguinte, todos o entendem.*

*Quando a América toma alento, inunda o mundo com seus films.*

*Subitamente, um progresso prodigioso: o filme sonoro! (Progresso americano)”<sup>131</sup>*

<sup>129</sup> Revista do Globo, Anno I, Nº 20.

<sup>130</sup> Revista do Globo, Anno II, Nº 16.

<sup>131</sup> Revista do Globo, Anno VI, Nº 4.

A Revista do Globo perseguia a idéia de futuro, modernidade vinculada com o progresso proporcionado pela tecnologia, buscando nos exemplos externos a experiência da modernidade para tornarem-se ícones dos novos tempos.

Americanizando o mundo através do cinema, os atores de Hollywood rapidamente tornaram-se ídolos mundiais difundindo elementos culturais e divulgando *the american way of life* através de suas produções, influenciando costumes e práticas.

Outro veículo de comunicação surgido nas primeiras décadas do século XX, o rádio foi o responsável por uma verdadeira revolução social. Eric Hobsbawm coloca que “*ao contrário do cinema, (...) o rádio não transformou de nenhum modo profundo a maneira humana de perceber a realidade. Não criou novos meios de ver ou estabelecer relações entre as impressões dos sentidos e as idéias (...) [Porém] sua capacidade de falar simultaneamente a incontáveis milhões, cada um deles sentindo-se abordado como indivíduo, transformava-o numa ferramenta inconcebivelmente poderosa de informação de massa.*”<sup>132</sup>

Tornando-se uma ferramenta de informação, o rádio foi um importante meio que coadunou o projeto político inaugurado por Vargas ao assumir a presidência e a idéia de Estado-nação.

A popularidade do rádio espalhou-se rapidamente, alcançando os mais diferentes locais, trazendo o mundo à sala dos ouvintes, criando sua própria esfera pública. Apesar de ser apenas auditivo, primou pelo uso da imaginação, caracterizando-se como um veículo de diversão, propaganda e informação, vindo ao encontro dos novos tempos. A amplitude de suas transmissões influenciou os ouvintes e não tardou para que industriais e comerciantes percebessem o seu potencial comercial na divulgação de seus produtos e serviços.

Em Porto Alegre o rádio iniciou suas transmissões como uma experiência amadora em 1924 com a Rádio Sociedade Riograndense, atuando como um importante divulgador de

---

<sup>132</sup> HOBBSAWM, Eric. 1997. **op. cit.**, p. 194-195.

informação e cultura. Esta nova era na área da comunicação foi oficialmente legitimada em 1927 com a criação da Rádio Sociedade Gaúcha, cujas primeiras transmissões levaram ao ar valores locais, artistas internacionais, informação e cultura. Consolidando-se nos anos 30, esta emissora foi considerada como uma *“força educadora, como expressão artística, como – enfim – fator de civilização, (...) sendo ouvida com perfeição em todo nosso Estado e mesmo fóra dele: em Santa Catarina, Paraná, São Paulo, até Minas Gerais.”*<sup>133</sup>

A popularização do rádio foi retratada na Revista do Globo que valeu-se da idéia de que era preciso romper com as fronteiras culturais. Defendendo o empreendimento gaúcho (Rádio Sociedade Gaúcha), defendeu uma cultura global, sem fronteiras e sem barreiras lingüísticas por meio das línguas universais, que deveriam ser democratizadas para todos, conforme o artigo publicado em 1932:

*“Os magnatas das indústrias e os grandes commerciantes começaram imediatamente a tirar proveito dessas installações fazendo por meio dellas ampla propaganda dos seus productos. Organizaram-se então programmas artísticos, conferências scientificas, cursos de dança, tudo pelo Radio. Hoje em dia não há política cujo discurso não seja feito em frente de um microfone. A Allemanha, berço do ‘chopp duplo’ e da ‘disciplina militar’ foi a primeira a introduzir ao programma das suas irradiações, aulas de gymnastica que foram rigorosamente ouvidas e executadas por innúmeros ouvintes, que a voz de commando do ‘speaker-teutonic’ executavam seus exercícos musculares. Uma vez chegado a tal ponto, os círculos intelectuaes também interessaram-se vivamente para a divulgação de suas idéias por esse meio de comunicação.*

*Formaram-se cursos de toda espécie, literatura, recitação, idiomas. Os ouvintes mais distantes, dos logares mais remotos do globo podiam ouvir os sons das línguas diversas: Alemão – Inglez – Russo – Francez – Japonez – Portuguez – e não sei que mais. Os esquimós na sua terra frigorífica aprenderam a dizer ‘How do you do!’. Os filhos do império celeste se cumprimentavam dizendo ‘Bon jour’ e os mujiks na Sibéria gritavam ‘Alô como vae você!’ Parecia uma nova torre de Babel.*

---

<sup>133</sup> Revista do Globo, Anno IV, N° 16.

*Também entre nós foi introduzido esse costume de aprender pelo Rádio, pois a Rádio Sociedade Gaúcha, desta capital, pioneira do progresso e adepta do modernismo, iniciou em 16/03 p.p. um curso de inglês (...)"<sup>134</sup>*

Privilegiando novos sentidos e linguagens da vida urbana, o discurso da Revista do Globo sugere a importância do conhecimento dos idiomas para um mundo sem fronteiras lingüísticas. A metrópole, incorporando elementos externos e inovadores decorrentes das novas práticas culturais, que penetravam nas mais longínquas regiões através do rádio.

O conhecimento dos diversos idiomas logrou notoriedade, a medida que foi identificado com a modernidade. Falar várias línguas, conhecer os costumes de outros povos rompeu com as fronteiras físicas, apontando para a emergência da informação.

O editorial escrito por Le Corbusier de 28 de fevereiro de 1934 confirma o pensamento corrente naquele tempo, do atraso dos homens que não falam uma língua universal.

*“ E eis que, na marcha geral, na linha geral, o falante retrocede, fecha as portas que se haviam aberto, refaz as fronteiras (...)*

*O descobrimento científico sabotou o progresso. Busquemos antes onde se encontra o mal. Ei-lo aqui: o retardamento do mecanismo das línguas priva o mundo moderno de um dos meios essenciais para qualquer civilização.*

*De um lado, as conquistas: telégrafo, ciências, imprensa, velocidade, interpenetração: fronteiras incessantemente franqueadas. Através desta nova civilização cheia de alento, a barreira atroz das línguas, fonte miserável de ignorância, obstáculo para o progresso (...)"<sup>135</sup>*

A hegemonia cultural norte-americana popularizada pelo cinema simbolizou um novo código que rompeu com as fronteiras culturais, estendendo seus limites, instituindo-se no

<sup>134</sup> Revista do Globo, Anno IV, Nº 8.

<sup>135</sup> Revista do Globo, Anno VI, Nº 4.



discurso da modernidade. Com o conhecimento das línguas, as barreiras foram rompidas no sentido mais amplo de uma aproximação dos modos e costumes cosmopolitas. A euforia modernizante gerada por este novo mundo visto nas grandes telas, na transmissão dos rádios, apareceu igualmente estampado nas páginas das revistas ilustradas.

Através de seus textos e análises da vida política, comercial, literária, social e moral, romperam com o exclusivismo dos jornais como imprensa escrita de caráter doutrinário. O aparecimento e aceitação das revistas ilustradas, resultado da modernização da indústria gráfica, qualidade gráfica e uma linguagem própria, contribuiu para os avanços da imprensa escrita. Veiculadoras de interesses, corresponderam às necessidades pelas quais a sociedade passava e enquanto modelo de progresso e cosmopolitismo elas acompanharam e registraram as mudanças. Ao registrar as transformações, elas próprias passaram a se reconhecer como veículos de expressão da modernidade.

Reconhecendo-se como um veículo da modernidade, as revistas ilustradas também foram exploradas como uma vitrine de consumo, na medida que a publicidade buscava construir a imagem de um produto promovendo-o comercialmente, ela contribuiu para *“construir e disseminar determinada compreensão sobre o mundo, participando da instauração, manutenção e/ou transformação dos padrões estabelecidos ou a estabelecer.”*<sup>136</sup>

Ao mesmo tempo, as revistas passaram a ser vistas também sob o cunho comercial e *“tal comercialização passou a ter um valor de mercado, e sua exploração passou a significar a possibilidade de afirmação do poder econômico e político.”*<sup>137</sup> Ou seja, enquanto instrumento de veiculação de interesses, ela mesmo foi um produto social, onde as novas demandas engendradas pelas relações mercantis, também passaram a moldar os conteúdos das propagandas. Inaugurando a prática de fazer reportagem com textos e fotografias chamativas

---

<sup>136</sup> TRUZ, Alice, **op. cit.**, p. 17.

<sup>137</sup> ARAUJO, J. C. S., GONÇALVES NETO, W., FILHO, G. I., GATTI Jr, D. “Educação, imprensa e sociedade no Triângulo Mineiro: A revista A Escola (1920-1921)” In.: **História da Educação**. Pelotas, ASPHE/FaE/UFPel, abril, 1998, p. 63.

dos estabelecimentos comerciais, produtos e serviços, a propaganda tornou-se um investimento lucrativo para os anunciantes.

Podemos exemplificar isto com dois exemplos retirados da Revista do Globo:

*“CHAMAMOS A ATENÇÃO dos nossos leitores para o annuncio que a conceituada LOTERIA DO ESTADO mandou estampar noutra local deste número. Trata-se de um magnífico plano cujo premio maximo é de mil Contos de réis (...)  
O leitor naturalmente, não desprezará a possibilidade de ir gosar a próxima primavera na Cote d’Azur, em Miami, em Nopoles, na Califórnia, ou no nosso incomparável Rio de Janeiro.  
Com mil contos... Olhem: depende duma bolinha insignificante!”<sup>138</sup>*

Com três paginas de fotografias da *Cia Energia Elétrica Riograndense*, a primeira edição da Revista do Globo, mostra os aspectos da nova usina: *turbinas, parte externa do edificio, fachada do prédio*, entre outros, numa espécie de reportagem-propaganda, mostrando através de texto e imagens o progresso proporcionado pelas avançadas tecnologias da época.

Diante do progresso e das experiências de modernidade promovidos pelos novos tempos, as revistas ilustradas surgiram num momento em que ocorria a multiplicação e a diversificação das formas de comunicação.

Novas práticas e mentalidade marcavam a sociedade urbana e o surgimento deste veículo, acompanhando o progresso e a modernidade decorrentes das mudanças e dos aperfeiçoamentos técnicos. Na medida em que novas práticas e mentalidades marcavam a sociedade urbana, as revistas incorporaram a dinâmica do mundo moderno.

Acompanhando o progresso e a modernidade, as revistas atualizavam as informações, aprimorando-se aos novos padrões. O centro urbano dinamizava a sociedade e este era reproduzido nas revistas através dos padrões modernos da época: nos automóveis circulando

---

<sup>138</sup> Revista do Globo, Anno IV, N° 15.

pelas ruas, nas indústrias de bens de consumo como os eletrodomésticos, nas cidades com suas grandes e modernas avenidas, nos arranha-céus, nos aviões, etc.

## **2.1. Porto Alegre: cidade-progresso**

A nova ordem, instaurada a partir de 1930, implicou em uma forma de organização do poder, fazendo surgir novas forças sociais e políticas. A cidade passou a desenvolver novas estruturas de poder na medida em que englobou os diversos setores da sociedade (classe média, proletariado, burguesia industrial, etc), concentrando em si um ambiente político, econômico e sócio-cultural.

A partir do momento em que a cidade adquiriu predomínio sobre o campo, essas novas forças sociais passaram a obter novas perspectivas políticas e culturais, juntamente aos novos ritmos urbanos proporcionados pelos processos da industrialização e urbanização, que colocaram em evidência novas relações de produção, modificando as feições e as estruturas da cidade.

O desenvolvimento nacionalista aliado à modernização do Estado configurou uma nova estrutura de poder. Transformações econômicas, sociais, políticas, culturais e demográficas acentuaram o mundo urbano-industrial, implicando em mudanças que redefiniram os valores culturais e comportamentais da sociedade.

O ritmo acelerado da cidade trouxe a necessidade de uma re-elaboração de sua estrutura central. O novo ideal de modernidade refletido na cidade, a nova organização do poder e a sociedade urbana tornou-se a expressão dos novos tempos.

A Revista do Globo, em seu discurso, ajudou a construir a idéia de cidade-progresso através do ideal de modernidade proposto pelas obras de remodelação da cidade, provocando uma mudança estrutural e estética no espaço público. A consolidação dessas mudanças pró-

progresso foi reforçada pelo desenvolvimento do centro como um novo espaço de sociabilidade, proporcionado pela ascensão da elite urbano-industrial.

A nova cena urbana não foi apenas refletida nas páginas da revista, mas sim instaurada de forma lenta e gradual no seu projeto editorial, visto que seus inúmeros artigos e reportagens contribuíram para construir a mentalidade voltada para as luzes do progresso. Sob esse aspecto, em 1930, a Revista do Globo publicou um artigo tratando da remodelação da área urbana e suas implicações.

*“A remodelação de um grande centro constitue, sem duvida, obra de larga envergadura, por vulto das dificuldades de dominar. É mais fácil, por isso, num conceito corrente de urbanismo, construir uma cidade de que proceder ao rejuvenecimento de uma capital ou metrople, em que as exigências da evolução esthetica devem ser concilhadas com o respeito das linhas fundamentaes da tradição. Afora esse imperativo de equilibrio entre os dois elementos, a obra de emblezamento requer ainda um severo, rigoroso plano de conjunto, para attender as soluções de ordem social e econômica que aflorem nos dados geraes do problema.*

*Estas considerações, encaradas num caso concreto, examinadas do ponto de vista local, isto é, dos trabalhos de aformoseamento de Porto Alegre, põem em meridiana evidencia a complexidade do problema.*

*(...) É necessário que tenha um plano de conjunto do seu crescimento, abrangendo um futuro dilatado, aproveitando as suas belezas naturaes os seus sítios pitorescos, os seus ellementos tradicionaes e característicos, olhando seus hábitos e a sua situação geographica; que as ruas sejam projectadas, conciliando, o quanto possível o bello com as exigências utilitárias, onde sobressaiam a rêde de esgotos, de água pluviaes, de água potável, a isolação, a areação, illuminação, viação, etc.; que se preveja a localização das escolas, os campos de cultura physica, de esportos e de recreio; do seu systema de parques e avenidas-jardins; dos seus edifícios públicos e semi-públicos; de suas zonas de commercio, de industria, de vida official, de residências e de devertimentos; que se estude o delicatissimo problema de viação, commum a todas as cidades e dia-a-dia aggravado pela velocidade crescente dos vehiculos a motor e generalização do seu emprego, mesmo entre as*

*classes menos abastadas, que possa oferecer ao administrador elementos seguros para a boa taxação e, principalmente, o meio eficaz de sua justa aplicação e cobrança, permitindo, ainda, a apreciação segura do seu porvir.*

*(...) acima descrito (...) está a synthese, traçado o vigoroso programma que as condições do meio reclamam para a transformação da nossa cidade numa bella metrópole moderna (...)"<sup>139</sup>*

A remodelação central constituiu-se como um projeto de futuro, instaurando um novo ritmo à vida urbana e uma nova temporalidade voltada para o progresso. O programa previsto para o centro concentrou reformas significativas para o espaço urbano, levando em consideração o crescimento da cidade e os problemas gerados desse fato, tentando englobar o discurso e a prática ancorados no desenvolvimento capitalista.

A cidade foi o palco do progresso e da modernização, sofrendo intervenções para o reordenamento do espaço urbano, que traduziram a idéia de progresso e de uma nova maneira de viver na cidade. A busca pela modernidade implicou na decisão de remodelar principalmente o centro urbano, visto que ele possui um aspecto agregador para a sociedade. O centro da capital simbolizava o novo espírito burguês, as vitrines mostravam as novidades do mundo moderno e o fetichismo das mercadorias, as confeitarias, os cafés, as livrarias consagravam-se como espaços de sociabilidade e a rua com o *footing* imprimiram novos ritmos e valores à cidade.

Os “*novos valores, assumidos pela sociedade como evidências do progresso, corresponderam à vontade de transformação do cenário da cidade, num processo de substituição do ‘tradicional’ pelo ‘moderno’*,”<sup>140</sup> implicando em demolições e desapropriações que modificaram o panorama urbano a partir dos ideais de modernidade.

Porto Alegre incorporou o discurso modernizante que pregava a remodelação do seu núcleo central, através de um novo paradigma que transformou a cidade a partir da afirmação

<sup>139</sup> Revista do Globo, Anno II, Nº 2.

<sup>140</sup> BELLO, Helton E., *op. cit.*, p. 56.

da burguesia e da legitimação dos demais setores sociais como coadjuvantes desta nova maneira de viver na cidade. Assumindo como um ideal coletivo de modernidade, as pessoas sentiam e faziam parte dessas mudanças, vivendo uma experiência histórica, pessoal e coletiva, percebendo-se num mundo em transformação e mudando com ele, sendo esta a essência do conceito de modernidade, conforme identifica Marshall Berman.<sup>141</sup>

Como foi dito anteriormente, o programa de melhoramentos posto em prática por Otávio Rocha nos anos 20 representou o discurso urbanístico da época, traduzindo-se na política da modernização e abertura de grandes avenidas, objetivando reformas que reorganizaram o espaço global. Esse projeto modernizante esteve inserido no contexto econômico, político e social, cujo desenvolvimento industrial e a emergência dos novos grupos sociais provocaram uma ação sobre o meio urbano.

Com o objetivo de transformar Porto Alegre numa cidade moderna, o intendente transformou a cidade num canteiro de obras, onde esta expressou a *“relação direta entre a higienização do meio físico e do meio ‘moral’ da sociedade porto-alegrense.”*<sup>142</sup>

A vida moderna foi apresentada pelas novidades do mundo moderno, que a direcionou para uma cidade dinâmica e burguesa, cujo ideal de progresso era a Paris do Barão Haussmann.

O discurso higienizante, preocupado com a urbanização, circulação e o embelezamento, estabeleceu um projeto progressista que resultou na abertura de grandes avenidas, modificando o perfil urbano. Conforme Charles Monteiro, *“as novas avenidas deveriam ser contempladas e vivenciadas como uma nova realidade que tendia a reforçar a crença no progresso da sociedade e o sonho da elite dirigente de integrar as classes populares à ‘sociedade moderna’,”* e prossegue afirmando que a abertura dessas grandes

---

<sup>141</sup> Cf.: BERMAN, Marshall, **op. cit.**

<sup>142</sup> MONTEIRO, Charles, **op. cit.**, p. 101.

avenidas emergiram como “*paradigmas para esse projeto de modernidade da elite dirigente na sua nova forma de gerir a cidade (...)*”<sup>143</sup>

Entretanto, contemplar e vivenciar a nova realidade da cidade implicou em medidas higienistas e elitistas, que legitimaram a remodelação urbana, baseando-se no discurso “desapropriar” e “demolir” em nome do progresso.

O sucessor de Otávio Rocha, Alberto Bins (1928-1937) continuou a reorganização social da cidade, imprimindo o continuísmo do projeto de modernização urbana. A Porto Alegre dos anos 30 refletiu as mudanças decorrentes das transformações ocorridas na política, na economia e na sociedade. Em 26 de outubro de 1929, a imprensa traduziu esse sonho de modernidade e progresso.

*“As obras de remodelação e embelezamento iniciadas pelo saudoso Dr. Otavio Rocha prosseguem rapidamente e conduzidas com intelligencia e tenacidade pelo illustre Major Alberto Bins,arão de Porto Alegre, dentro em breve, uma das mais lindas cidades desta terra.*

*Também a iniciativa particular não fica atraz e contribue para este adiantamento. Por toda parte arranha-ceos em construção substituem velhos casarões coloniaes e nos arrabaldes lindos palacetes e “bangalows” demonstram o bom gosto e a operosidade da população (...)*”<sup>144</sup>

A abertura das grandes avenidas - Borges de Medeiros e Júlio de Castilhos - que caracterizaram a década anterior, “*como espetáculo e monumentos da modernidade almejada*”<sup>145</sup> materializaram o ideal de cidade moderna, modificando o perfil urbano em favor do projeto de modernização que beneficiou a burguesia comercial, industrial e imobiliária. Esse ideal esteve alicerçado na preocupação com o desenvolvimento do progresso e da modernidade, ancorados em aspectos elitistas e moralistas. Nesse sentido, o projeto de

---

<sup>143</sup> **idem.**, p. 139 e 140.

<sup>144</sup> Revista do Globo, Anno I, Nº 20.

<sup>145</sup> MONTEIRO, Charles, **op. cit.**, p. 100.

modernidade emergiu como um paradigma burguês que valeu-se de um discurso no qual foi enfocado a reorganização, o embelezamento e a higienização.

A Revista do Globo, inserida nesse contexto, trabalhou em prol desse discurso para legitimar a adoção de medidas políticas, visando a busca da modernidade e do progresso. O caráter cosmopolita desse discurso apareceu num artigo intitulado *Aspectos Urbanos*:

*“(...) nunca o velho chavão, gasto pela nossa vaidade, teve oportunidade maior. Porque agora não é o nosso legítimo desejo de **desenvolvimento e de progresso** que fala. São os factos, é a vida da cidade que grita e brada a rosa dos ventos: **Porto Alegre se transforma.***

*É inútil relembrar aqui o que tem sido feito em prol da cidade nestes últimos annos mais próximos. A nenhum rio-grandense pôde ter passado despercebida a **febre de renovação e progresso** (...)*

*Ao lado, porém, desses surtos magníficos de aformoseamento e realizações urbanísticas, muita velharia subsiste, que está a chamar pela energia e pela picareta demolidora da Municipalidade (...)”<sup>146</sup>*

Argumentos estéticos, estruturais e higiênicos pautaram-se no desejo de progresso. O discurso da Revista do Globo legitimou a reorganização dos espaços em prol da modernidade e da emergência de uma nova mentalidade, atendendo as demandas burguesas que ansiavam pelo progresso e cosmopolitismos dos novos tempos. O desejo do desenvolvimento e do progresso imprimiram novos ritmos à cidade. A remodelação da área central, o aumento da circulação dos automóveis e da população urbana, aliados ao sonho cosmopolita, legitimou as mudanças que deram visibilidade aos novos espaços de sociabilidade, fossem eles públicos ou não.

Esses novos valores legitimaram a remodelação da área central da cidade, a partir do discurso higienista, no qual exigia a demolição de casas, becos, cortiços, para dar lugar às grandes avenidas, símbolos de progresso e da ordem. Segundo esse novo padrão estético e

---

<sup>146</sup> Revista do Globo, Anno I, Nº 4. (Grifos meu)



higienista, a nova estrutura urbana provocou invariavelmente uma repulsa a esses espaços que contradiziam o discurso modernizador. A busca pela modernização implicou no reordenamento urbano, procurando acabar com os velhos casarões, becos e vielas para a abertura de grandes avenidas e viadutos, buscando consolidar-se como uma cidade moderna.

Nesse contexto a fisionomia urbana modificou-se, alterando o próprio processo de desestruturação da cidade, como salienta Sandra Pesavento,<sup>147</sup> “(...) a cidade de Porto Alegre acompanhou este movimento e procurou adaptar-se a este empenho rumo ao progresso, pondo em prática medidas idealizadas anteriormente, como o Plano de Melhoramentos de Moreira Maciel de 1914. Demolições e desapropriações avolumam-se, e radicaliza-se a intervenção no espaço urbano através de um projeto político de intervenção sobre a cidade que correspondesse a seu papel estratégico nos destinos da vida política não só local, mas nacional.”

E prossegue afirmando que a busca pela modernidade foi uma decorrência da nova ordem instaurada, na qual a burguesia ditou os novos padrões estéticos, “(...) a busca de uma modernidade urbana para a cidade de Porto Alegre, que vem associada a profundas modificações na estrutura econômico-produtiva do País e às transformações político-institucionais que se refletem na forma como os agentes urbanos e os ‘notáveis’ da comunidade local projetam esses novos momentos para a cidade.”

Acompanhando o ritmo das transformações urbanas e do aumento populacional, o sistema de bondes buscou seguir os padrões modernos, importando carros e construindo uma frota a partir de uma indústria própria, consolidando-se na área dos transportes. Com a finalidade de atender as novas demandas e a evolução industrial, a empresa buscou inserir-se no contexto do desenvolvimento industrial e urbano.

---

<sup>147</sup> PESAVENTO, Sandra J., 1999. **op. cit.**, p. 98-99.

O desenvolvimento da empresa Carris foi noticiado pela Revista do Globo com entusiasmo, naturalizando o discurso do progresso passando a traduzir essa melhoria sob o signo da modernidade. A naturalidade da abordagem do artigo revela um discurso que tornou-se legítimo por incorporar elementos criados para o desenvolvimento da modernidade, levando seu discurso a tornar-se uma verdade sustentada na busca do progresso.

*“Todos sabem, **naturalmente**, que o nosso serviço atual de bondes é muito diverso do que era anos atrás, e que tem melhorado continuamente depois que Cia Carris POAlegrense importou dos Estados Unidos uma série de esplêndidos carros modernos. (...) achando-se aparelhada a Cia Carris resolveu construir uma série de bondes em suas próprias oficinas, aproveitando material, técnicos e operários nacionais. Fundou, assim, em Porto Alegre, uma verdadeira indústria transviária (...)”<sup>148</sup>*

A cidade concentrou obras de melhoramentos reforçando a remodelação do centro, justificando a criação, reformulação e/ou modernização de novos espaços, tanto público, quanto privados. Estes novos espaços foram fundamentais para a transmissão dos valores, hábitos, modos de agir e pensar da burguesia que contrapunha o atraso e o provincialismo pela busca do caráter cosmopolita do progresso. A abertura ou o alargamento das grandes avenidas redefiniram a articulação da malha urbana que acompanhou o crescimento da cidade que desenvolvia-se num ritmo acelerado, isto é, a abertura das avenidas Borges de Medeiros, que uniu o porto à zona sul e Júlio de Castilhos, ligando o porto com a ferrovia na Rua Conceição, possibilitaram um maior fluxo de automóveis, símbolos do *status* da vida moderna, materializando portanto, o ideal de cidade-progresso.

Diante da monumentalidade das avenidas construídas sob a égide da modernidade, os projetos de remodelação central continuaram a transformar o cenário urbano. A construção do Viaduto Borges de Medeiros (1929-1932), que teve por objetivo “*diminuir a declividade*

---

<sup>148</sup> Revista do Globo, Anno VI, N° 9. (Grifo meu)

*junto à esquina da Rua Duque de Caxias foi alvo de inúmeros estudos na época,*<sup>149</sup> já que sua grandeza e monumentalidade seguiram os padrões estéticos e higienizantes da época, imprimindo os princípios modernos da urbanística.

Em fevereiro de 1930, a Revista do Globo em sua seção *Suplemento Construções* publicou um aviso sobre as obras de construção deste viaduto:

*“Roga-se aos transeuntes das imediações do Viaducto Borges de Medeiros, ao soar da syrena que inicia as explosões de dynamite naquelle local, procurarem abrigo nas casas, afim de evitar accidentes .*

*Hora dos tiros:*

*De manhã das 6:30 às 7 h.*

*De tarde das 12:15 às 12:45 h.*

*Cia Constructora Dyckerhoff & Widmann S/A.*<sup>150</sup>

O trecho acima mostra o papel da Revista do Globo como portadora de um discurso modernizador, reproduzindo o aviso das obras, justificando os transtornos provocados pela modernização e remodelação central.

Considerando as modificações urbanas de caráter higienista, a remodelação do Campo da Redenção, atual Parque Farroupilha, antiga área alagadiça, em um local de desfrute da burguesia, redesenhou o espaço para um local de sociabilidade.

Além da postura higienizante é importante destacar o resultado estético da remodelação, pois todo o processo de modernização da cidade esteve baseado no discurso urbanístico vigente da época: *circulação, estética e higiene*.

A visão cosmopolita do projeto de embelezamento do Campo da Redenção trouxe uma alusão às grandes metrópoles, infundindo novos hábitos e costumes na dinâmica do lazer.

O editorial de Mansueto Bernardi, apresentando estes aspectos no processo de reestruturação do parque, enfatizou o caráter higienista do projeto,

<sup>149</sup> SOUZA, Célia F. e DAMÁSIO, Cláudia P., **op. cit.**, p. 143.

<sup>150</sup> Revista do Globo, Anno II, Nº 3.

*“o intendente Alberto Bins feliz idea de pedir ao ilustre urbanista Alfredo Agache um projeto geral de embelezamento de Porto Alegre.*

*Por esse projecto, já apresentado ao governador da cidade e divulgado pela imprensa, o actual Campo da Redempção se transformará dentro de pouco tempo num vasto parque de estylo inglez, tendo ao centro um jardim a moda franceza, com bosques, alamedas, canteiros de flores, tapetes de relva, repuxos, lagos e fontes. **Uma visão de paraíso, calma e verde, em pleno inferno da urbe febricitante e cinzenta.** Um ponto de encontro para os namorados, de habitação e concerto para os pássaros, de refugio e devaneios para os poetas. Um solarium para as crianças e os convalescentes. Uma fabrica de oxygenio para os pulmões da cidade, uma estância de recreio para toda a população.*

*Aquella extensa várzea que os primitivos governadores do continente de S. Pedro reservaram para logradouro publico e que o intendente Octávio Rocha começou de embellezar, vae finalmente cumprir a sua dupla missão social: higienizar o ambiente e recrear o povo (...)<sup>151</sup>*

As obras de remodelação da capital também exigiram a criação de espaços públicos voltados para o lazer. A criação de parques e praças instituíram novos hábitos e práticas em conformidade aos ideais de modernidade. Criar espaços arborizados em meio de uma cidade em plena expansão, revestida de ruas calçadas e arranha-céus, permitiram grandes investimentos nas obras de embelezamento, arborização e ajardinamento da cidade.

Para reforçar os requisitos de uma cidade moderna quanto ao embelezamento e a salubridade, foi fundamental ampliar os espaços públicos, instaurando um novo padrão para o progresso da cidade, permitindo a burguesia vivenciar a nova realidade integrada aos padrões internacionais de modernidade. A criação de novas praças e o ajardinamento dos parques modelaram a cidade legitimando a adoção de medidas políticas visando reorganizar o espaço social urbano através do discurso da elite dirigente de embelezar e higienizar a cidade. Neste sentido, a Revista do Globo foi a portadora desse discurso elitista para a remodelação da cidade, reunindo elementos discursivos que a legitimaram como tal.

---

<sup>151</sup> Revista do Globo, Anno I, Nº 2. (Grifo meu).

As reformas e a reestruturação do Parque objetivavam as comemorações do Centenário da Revolução Farroupilha em 1935. O evento congregou milhares de pessoas vindas de todo o país, que visitaram a exposição que mostrou o Rio Grande do Sul não apenas como o “celeiro do país”, mas como um estado totalmente integrado ao projeto desenvolvimentista através de suas indústrias com o mercado nacional.

Congregando os objetivos econômicos e comemorativos, a exposição exerceu um fascínio pela grandiosidade da estrutura montada para a ocasião. A infra-estrutura do evento contou com diversos pavilhões construídos para a exibição dos produtos dos diversos Estados, inclusive do Uruguai, uma mostra cultural, além de dois cassinos para diversão.

Segundo Günter Weimer,<sup>152</sup> a exposição de 35, em termos arquitetônicos, expressou os dilemas do momento sendo construídos prédios de tendências estilísticas variadas, dentre as quais sobressaíam-se as que seguiam orientação nazi-fascista, influenciados pelo tecnicismo característico da política dos países do Eixo.

A Revista do Globo participou registrando a grandiosidade do evento com fotos e textos sobre os festejos. Nas inúmeras páginas dedicadas ao evento, o discurso moderno da revista cedeu lugar as glórias do passado. O tom nostálgico evocava a tradição e o historicismo, num tom conservador e tradicional.

Observando o lazer como a utilização de um tempo livre das atividades institucionais para a realização de tarefas que envolvam prazer físico e mental,<sup>153</sup> as praças e os parques imprimiam essa preocupação, servindo como um local de convívio coletivo.

O projeto modernizante baseado no trinômio: circulação, higiene e embelezamento expulsou a população menos favorecida do centro da cidade, na justificativa do progresso.

---

<sup>152</sup> WEIMER, Günter. “A imagem da cidade e o poder.” In.: SOUZA, Célia F. e PESAVENTO, Sandra J. (org.). **Imagens urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano**. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1997, p. 232.

<sup>153</sup> Cf.: D’AVILA, Naida Lena M. “Na trajetória da modernidade: o lazer e a moral nos ano 50 em Porto Alegre.” In.: KRAWCZYK, Flávio (org.). **Da necessidade do moderno: o futuro da Porto Alegre do século passado**. Porto Alegre: EU/Secretaria Municipal da cultura, 2002.

Segundo Charles Monteiro, “*essa nova ação política no espaço urbano, agindo no sentido de modernizar os espaços urbanos e as formas de sociabilidade pública, promove a expulsão das classes populares e dos hábitos e costumes ‘tradicionais’ ou nocivos à consolidação da nova ordem, da área central da cidade, estabelecendo novos padrões de conduta, um novo imaginário social de cidade e criando o cenário para a manifestação do prestígio da burguesia.*”<sup>154</sup>

Esse processo de higienização do centro da cidade colaborou para o sucesso do projeto modernizador que compreendeu a abertura e/ou alargamento das grandes avenidas, arborização e ajardinamento dos parques, praças e ruas e com as grandes construções, os arranha-céus, deram início a verticalização, complementando assim, a dinâmica do progresso.

*“No continuado desenvolver-se da nossa capital, surgem como por encanto, aos olhos pasmados do passante, novas e **grandes edificações**. Velhos pardieiros derrubam-se, e em lugar d’elles erguem-se uma torre, a clássica torre das **construções de cimento armado**.*

*Depois, por alguns mezes, andaimes, trabalhadores, maquinas...sem que ninguém suspeite o trabalho tenaz que se desenvolve n’esses formigueiros gigantes onde constructores, armadores, eletricitas, decoradores, uma turba multa de trabalhadores se revezam até que um dia ao cair os últimos andaimes, descobre-se, elegante e sóbrio na sua macirsez, **o arranha-céu, maior característica das construções do nosso século.**”<sup>155</sup>*

Ao defender a derrubada dos *velhos pardieiros*, a Revista do Globo instituiu um discurso que rompeu com qualquer identificação com o passado, com o tradicional em nome do progresso e das grandes construções de cimento armado que caracterizavam a nova estética das cidades modernas. Essas construções atendiam as necessidades da cidade urbano-industrial e do desenvolvimento econômico, simbolizando os novos tempos e as novas mentalidades, voltados para o cosmopolitismo das grandes metrópoles.

<sup>154</sup> MONTEIRO, Charles, **op. cit.**, p. 142.

<sup>155</sup> Revista do Globo, Anno I, Nº 19. (Grifos meu)

Como consequência direta da vida urbana, da industrialização, do avanço nos meios de transporte e da comunicação, a cidade-progresso exprimiu o processo dinâmico da modernidade que caracterizou os anos 30, a partir dos novos padrões estéticos acentuados nos países de capitalismo consolidado. O desenvolvimento das cidades legitimou um novo *status* urbano, a partir da remodelação dos espaços, demolindo velhas estruturas em nome do progresso e da modernidade.

As cidades americanas consolidaram um novo paradigma estético, a verticalização com os primeiros arranha-céus, redesenham a paisagem urbanas. A afirmação do edifício como monumento e como obra auto-referencial, conforme M<sup>a</sup> Ângela Leite,<sup>156</sup> esteve inserida numa forma de produção da cidade que pressupôs a destruição da organização social em todos os aspectos urbanos, correspondendo ao espírito da modernidade e do progresso.

Os arranha-céus foram os símbolos do progresso e da prosperidade nas grandes metrópoles urbanas refletindo os padrões modernos da arquitetura e do desenvolvimento econômico. O modelo de cidade-progresso foi Nova Iorque, denominada pela Revista do Globo como a *cidade das vertigens*, devido aos seus grandiosos edifícios, configurados nos novos padrões modernos, simbolizaram o desenvolvimento industrial, o clima de euforia e de confiança no futuro.

Contribuindo para essa imagem, a Revista do Globo publicou inúmeras reportagens fotográficas de Nova Iorque, captando os indícios de modernidade associados às suas construções.

Em seu projeto editorial, a revista procurou trabalhar esse discurso cosmopolita das metrópoles com a transformação da cidade em um centro urbano espelhado na modernidade vinda de fora.

---

<sup>156</sup> LEITE, M<sup>a</sup> Ângela F. P. "Natureza e participação social: uma nova estética para o desenho urbano". In.: SOUZA, Célia F. de e PESAVENTO, Sandra J. **Imagens urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano**. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1997, p. 241.

*“(...) sobe-se num palco. Estamos a 330 metros de altura. Empire State. Um espetáculo soberbo!  
 (...) Cidade monstro, extravagantemente paradoxal. New York, a cidade das soberbas vertigens, das opulências degeneradas e dos secretos martyrios, é uma canção de luz e penumbra que se renova constantemente numa apotheose torturante de glória e de beleza.”<sup>157</sup>*

Na edição seguinte prossegue o fetiche pelos arranha-céus, associando a reportagem à notícia da inauguração de um *majestoso edifício* em Porto Alegre, buscando neste modelo características comuns à modernidade.

*“Na Prefeitura de Nova York foram registrados, no dia 02/10 os planos para construção do edifício mais alto do mundo a ser construído pára servir de sede ao City Bank Farmers Trust Company, subsidiário do The Noticial City Bank of New York.*

*Este edifício terá 925 pés de altura, acima do nível da rua e 65 abaixo da terra; 71 andares e mais 4 andares subterrâneos.*

*A constucção interna será feita por 30 elevadores, dos mais modernos e rápidos e as demais instalações internas serão as mais aperfeiçoadas (...)”*

*“O maior acontecimento social-commercial da quinzena passada, foi, sem duvida, a solene instalação do Novo Hotel Yung no majestoso edifício Frederico Mentz (...)”<sup>158</sup>*

Práticas e discursos formularam o novo imaginário urbano-industrial na década de 30. Juntamente com um discurso voltado para a modernidade e para o progresso, a Revista do Globo instituiu-se como um meio que não apenas retratou a transformação da cidade, mas legitimou a prática discursiva em suas páginas. A transformação da área central e a pretensão do cosmopolitismo, reformularam os conceitos e as práticas urbanas. Luxuosos hotéis foram construídos, casas de comércio destacaram-se no centro da cidade e novas fábricas imprimiram o novo perfil ao espaço urbano de Porto Alegre.

<sup>157</sup> Revista do Globo, Anno 4, Nº 5.

<sup>158</sup> Revista do Globo, Anno IV, Nº 6.



Refletindo as mudanças na cidade através dos projetos de remodelação urbana, a Revista do Globo procurou acompanhar os avanços da modernidade, correspondendo às expectativas da elite urbano-industrial que desejavam reconhecer-se como pertencentes a este novo mundo. A perspectiva das elites, no sentido da afirmação de um ideal de modernidade foi produto da nova conjuntura política, econômica, social, tecnológica e ideológica proporcionadas pelos novos tempos.

Neste sentido, a Revista do Globo surgiu como um veículo que correspondeu a essas expectativas, através de suas páginas observou-se as transformações dos modos de vida informais que constituíram o sonho da metrópole, ganhando visibilidade novos hábitos e costumes urbanos, traduzindo e cristalizando as formas elitistas de olhar a cidade.<sup>159</sup>

A expectativa do cosmopolitismo desta elite pode ser também justificado pelo poder aquisitivo desta parcela da sociedade que permitia um maior acesso às novidades da modernidade, seja através de viagens aos Estados Unidos ou Europa, seja pelo consumo de produtos importados ou pelas publicações estrangeiras, levando a uma ânsia de civilização.

Correspondendo a esse interesse cosmopolita, a visibilidade dos novos hábitos e costumes urbanos foram estampados nas páginas da Revista do Globo que, sob o signo da novidade, incorporou os ideais de cidade-progresso, conquistando novos e velhos sujeitos sociais.

A reestruturação da área central para o surgimento das grandes avenidas, transformaram o perfil de Porto Alegre, parques e praças embelezaram e sociabilizaram novos espaços e os primeiros arranha-céus deram o ar de metrópole à capital. A idéia de progresso passou a calcar-se na soma das novas edificações.

*“Para se ter idéia aproximada do desenvolvimento dos grandes centros, quase sempre toma-se como base uma estatística das novas construções.*

---

<sup>159</sup> Cf.: CRUZ, Heloisa de Faria, **op. cit.**, 93-113.

*Em Porto Alegre, cidade que aumenta em importância dia a dia, o número de novas construções é assombroso.*

**Edificar é Renovar e Engrandecer.** *Isto realiza-se de facto onde desaparece um pardieiro, moradia anti-higienica de poucas pessoas, para dar lugar ao magestoso arranha-céu, que abriga várias dezenas de famílias em um ambiente saudável e moderno. Na nossa cidade temos exemplos frizantes de progresso nestes enormes cogumelos de cimento armado, que se apresentam imponentes ao olhar deslumbrado do passante.*<sup>160</sup>

Esse trecho, uma espécie de propaganda da firma E. Kemnitz & Cia Ltda, abordou algumas das preocupações da época: higiene, beleza e progresso.

Outro exemplo é o “*Suplemento Construções*” de 12 de outubro de 1929 que ocupou diversas páginas da revista, noticiando a inauguração do Hotel Schmidt, um texto sobre arquitetura, curiosas construções modernas, além da propaganda das indústrias que participaram da construção do hotel.<sup>161</sup>

*“(...) a iniciativa de cérebros progressistas, com a realização d’essas formidáveis concepções, brinda Porto Alegre com uma página mais do livro do Progresso. A RUA ANDRADAS, coração da cidade, e na esquina d’esta com a rua MARECHAL FLORIANO, principal artéria da nossa “Urbs”, inicia a vida desses gigantes. Na rua MARECHAL FLORIANO, ogivalda, convidativa, a entrada do grande prédio de propriedade da sra. Dna. Ávila Moreira de Oliveira. Dois velozes e confortáveis elevadores realizam o transporte dos visitantes, e outro de maior possança, o das cargas. 2º 3º 4º 5º...e o amplo terraço a dominar o mar da cidade, enfaixado pelo preguiçoso Guayba.”*<sup>162</sup>

Além dos arranha-céus símbolos de desenvolvimento, as construções de cimento armado destacaram-se como a novidade do século XX. Diversas fotografias de construções na

<sup>160</sup> Revista do Globo, Anno II, Nº 7. (Grifos meu)

<sup>161</sup> Por exemplo, nas instalações elétricas, Firma Gabor & Ritter e nas cozinhas, Maurício Kor & Malz.

<sup>162</sup> Revista do Globo, Anno I, Nº 19.

revista, enfatizaram nas suas legendas, a utilização do cimento armado nas suas estruturas destacando-o como a grande invenção. “*Como é de domínio publico, o cimento armado vem prestando, desde várias décadas, relevantíssimos serviços nas suas variadas aplicações, factor de primeira ordem na vertiginosa marcha do progresso (...)*,”<sup>163</sup> registros fotográficos da ponte internacional do Rio Jaguarão, edifícios em Nova Iorque com 58 andares, imagens aéreas e até um novo navio de cimento armado, indicam um novo patamar de desenvolvimento e o discurso da Revista do Globo inseria Porto Alegre neste contexto.

As mudanças necessárias para a modernização da cidade foram incorporadas e traduzidas por uma nova maneira de viver na cidade, redimensionando as antigas práticas e costumes, para um panorama urbano que assumiu, dia-a-dia um ideal coletivo de modernidade. Deixando-se penetrar por esse ideal, a Revista do Globo trouxe “*à luz dimensões sociais que exprimiram os inúmeros aspectos do processo de aglutinação e adensamento urbano na formação urbana na formação da cidade,*”<sup>164</sup> traduzindo-se como o espectro da experiência da modernidade.

O discurso da Revista do Globo consagrou a cidade como o lugar da transformação dos padrões segundo a nova estrutura urbana, estabelecida pela remodelação aliada à idéia de modernidade e progresso. A transformação urbana postulou também medidas estruturais, visando o novo ritmo urbano.

*“A nossa capital progride e civilisa-se não há dúvida. Entretanto há numerosos aspectos da vida em que estamos demorados em assumir ‘ares de capital’ e permanecemos em costumes provincianos.*

*Um desses aspectos é a noite. De facto, não obstante a esplendida iluminação actual, Porto Alegre tem a noite um aspecto desolador, fazendo lembrar as ‘cidades mortas’ (...)*”<sup>165</sup>

<sup>163</sup> Revista do Globo, Anno II, Nº 3.

<sup>164</sup> Cf.: CRUZ, Heloisa de Faria, **op. cit.**, p. 121.

<sup>165</sup> Revista do Globo, Anno II, Nº 5. (Grifos meu)

Tal preocupação associou-se não apenas à transformação dos espaços, mas também à mudança do estilo de vida urbano, da década de 30. Integrar Porto Alegre à nova realidade reforçou a necessidade constante de políticas voltadas para o desenvolvimento.

## CAPÍTULO 3

### A POPULARIZAÇÃO DA CULTURA LETRADA

*“O quinzenário do Globo é a melhor publicação ilustrada do Sul do Brasil. Tem uma tiragem de 10.000 exemplares. É lida por todas as camadas sociais. Entra nos collegios, na sociedade, nos estabelecimentos commerciaes... em toda a parte.”<sup>166</sup>*

A elite burguesa freqüentemente imaginou-se cosmopolita, frente as novidades provocadas pela contínua modernização capitalista. O novo ritmo da vida urbana e o desejo de civilização ante os modelos vindos de fora transformaram-se no sonho de modernidade da burguesia urbano-industrial da Porto Alegre nos anos 30.

A Revista do Globo além de registrar as transformações pautadas nos modelos externos de modernidade, acompanhou o processo de remodelação urbana de Porto Alegre apresentando-se como um meio pela qual a sociedade urbano-industrial legitimou suas concepções, processos e práticas culturais. A cidade ideal, reorganizada a partir de um projeto

---

<sup>166</sup> Revista do Globo, Anno, IV, Nº 5.

higienista sintetizou a ânsia de civilização da burguesia que exigiu uma cidade baseada nas grandes cidades desenvolvidas.<sup>167</sup>

Essa ânsia de civilização legitimou a remodelação urbana estabelecendo, através do poder público, a realização de obras resultantes de uma ação direta do Estado, na figura dos interventores, que eliminaram das áreas centrais os pobres e miseráveis, remodelando a cidade com uma estrutura urbana, uma arquitetura moderna, condizente com os novos tempos e com o progresso pretendido.<sup>168</sup>

A cidade ganhou “ares de capital,” a sociedade acompanhou e vivenciou essas transformações buscando novos hábitos e costumes, tornando-as mais próximas desta nova realidade aburguesada da cidade, inspirando-se nos ideais cosmopolitas de desenvolvimento. Nesse sentido, a popularização da Revista do Globo enquanto *veículo informativo moderno*, foi fundamental nesse processo de transformação de Porto Alegre numa metrópole moderna. Incorporando os ideais de modernidade, ela imprimiu vários sentidos do processo de aburguesamento da sociedade, constituindo um novo campo de demandas que pôs em questão as articulações do viver em cidade, procurando trabalhar temas ligados aos espaços e práticas da cultura letrada, que emergiram frente aos outros setores da sociedade.

Além de cumprir um papel político às vésperas da Revolução de Outubro, apoiando Getúlio e seu projeto, a Revista do Globo buscou reunir em seu projeto editorial uma forma de aproximar um número cada vez maior de leitores, correspondendo, às demandas do público, compreendendo as transformações que dinamizaram a experiência da modernidade. Representando o mundo que girava em torno da Livraria, a revista refletiu em suas páginas a sociedade que freqüentava os locais importantes da elite, além de ser um espaço de instituição das novas formas de sociabilidade, na definição e instituição dos novos critérios de absorção e

---

<sup>167</sup> Marshall Berman, no capítulo 4 do seu livro **Tudo que sólido...** trata do modernismo russo na cidade de São Petesburgo, onde argumenta que a modernidade na periferia ocorreu a partir de uma modernização exterior a ela.

<sup>168</sup> Cf.: VARGAS, Anderson Z. “A cidade como artifício corruptor.” In.: SOUZA, Célia F. e PESAVENTO, Sandra J. (org.). **Imagens urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano**. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1997, p. 84.

distinção social, resultando num conjunto de circunstâncias que suscitaram novas formas de vivências e de aproximação das experiências cotidianas.

Funcionando como um veículo de construção da visibilidade pública de inúmeras práticas, com uma mistura de reportagens, artigos, literatura e coluna social, ela dirigiu o seu discurso para uma sociedade urbano-industrial que construía novos modos de agir e pensar, por meio das formas e esteriótipos externos, ganhando por sua vez, uma maior visibilidade, à proporção que ampliava socialmente seus círculos de difusão.

Configuradas nos novos padrões modernos da imprensa, a revista conquistou parcelas significativas da população incorporando-as progressivamente aos circuitos da cultura letrada. Ou seja, na construção desse novo paradigma moderno, sob o signo da novidade e da experimentação, velhos e novos sujeitos sociais foram incorporados aos novos padrões urbano-industriais.

Porém, este processo só foi possível à medida que ocorreu a criação de uma identidade comum a partir da padronização cultural, proporcionando visibilidade para o cidadão no sentido de homogeneidade. Nesse sentido, a educação passou a estabelecer a legitimação da cultura partilhada.

No artigo “O advento do nacionalismo e sua interpretação: os mitos da nação e da classe,” Ernest Gellner salienta que o *“acesso à cultura superior apropriada e a aceitabilidade dentro dela são o bem mais importante e valioso da pessoa: ele instaura uma condição de acesso não apenas ao emprego, mas à cidadania legal e moral e a todos os tipos de participação social. Assim, a pessoa se identifica com sua cultura superior e anseia por pertencer a uma unidade política em que funcionam várias burocracias que usam essa mesma linguagem cultural. Quando isso não acontece, ela espera que as fronteiras ou sua própria localização se modifiquem, para que passe a ser assim.”*<sup>169</sup>

---

<sup>169</sup> GELLNER, Ernest. “O advento do nacionalismo e sua interpretação: os mitos da nação e da classe.” In.: GOPAL, Balakrishnan (org.). **Um mapa da questão nacional**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000, p. 117.

Com a entrada em cena da população urbano-industrial, foi indispensável criar um sentimento de identificação com o projeto nacional e modernizante através da padronização cultural fundamentada pela educação, garantindo à nova sociedade o crescimento econômico e a ordem social, legitimada pela previsão de uma melhora contínua.<sup>170</sup>

Nos anos 20, a política educacional do governo estadual visou atingir uma grande parcela da população, no sentido de diminuir o analfabetismo do Rio Grande do Sul, elevando-o à condição de estado com maior taxa de alfabetizados no país. Concomitante a esse processo, o estado tornou-se um centro industrial formado a partir do desenvolvimento de um mercado interno proveniente dos produtos agropecuários e do enriquecimento dos comerciantes que geraram um acúmulo de capital para outros investimentos.

Segundo Paul Singer, *“as condições propícias à industrialização se dão em todo país, mas é óbvio que elas só podem levar ao surgimento efetivo de indústria nas áreas em que existem alguns pré-requisitos essenciais, o mais importante dos quais é o mercado para os produtos industriais (...)”*<sup>171</sup>

Porto Alegre, Rio Grande e Pelotas destacaram-se como pólos industriais devido as condições favoráveis para o seu crescimento econômico, tornando-se importantes centros para o desenvolvimento do estado. Esse crescimento, resultante do desenvolvimento industrial e do processo de urbanização, foram os princípios fundamentais para a legitimação da sociedade como parte integrante do mundo moderno no contexto da década de 30.

Nessa conjuntura de mudanças, a Revista do Globo estabeleceu uma aproximação entre a cultura letrada e a cultura popular, no intuito de ampliar seu projeto editorial, seus círculos de difusão, e sua visibilidade na sociedade. A medida em que recolheu diversos elementos (cultura popular e letrada), a revista ampliou o seu espectro social, utilizando-os como elementos resultantes da modernidade, através de um discurso homogeneizador, dirigido

---

<sup>170</sup> **idem.**

<sup>171</sup> SINGER, Paul. **Desenvolvimento Econômico e Evolução Urbana.** São Paulo: Nacional/USP, 1968, p. 176.



a pessoas que supostamente têm coisas em comum, articulando a presença dos setores populares, a partir dos diferentes processos de aburguesamento da sociedade, resultando na sua aceitação e popularização.

No intuito de registrar o que *houver e doravante for digno de registro e divulgação*, a revista apontou claramente para a importância da articulação e aproximação da cultura impressa, incorporando novos sentidos e práticas no processo de redefinição e popularização da cultura letrada, correspondendo a emergência de novos interesses para a incorporação de novos leitores.

Apesar de pertencerem a classes sociais distintas, as diferentes parcelas da população almejavam participar de uma mesma unidade, identificada pela experiência da modernidade. O acesso à cultura, adquirida pela escolarização, instaurou a condição de cidadania e participação social, cujos atributos caracterizaram-se, segundo François-Xavier Guerra<sup>172</sup> pela universalidade, igualdade e individualidade.

Conseqüentemente, a identificação com essa cultura letrada, legitimada por uma ordem social e pela previsão de um contínuo aperfeiçoamento, provocou uma ânsia por pertencer a uma mesma unidade, com uma linguagem e práticas comuns. A homogeneização cultural exigiu uma padronização e uma busca constante da educação, conforme salienta Gellner, “*as estruturas políticas ou de autoridade são legitimadas por duas considerações: a possibilidade de elas garantirem o crescimento econômico permanente e a de gerarem, difundirem e protegerem a cultura que é a linguagem da sociedade em questão. Assim, a política e a cultura superior passam a ficar intimamente ligadas (...)*”<sup>173</sup>

Seja sob a denominação de “*Quinzenário ou Magazine*”, a Revista do Globo caracterizou-se como um instrumento de articulação dos projetos de elite e também como um

---

<sup>172</sup> GUERRA, François-Xavier. “El soberano u su reino. Reflexiones sobre la génesis del ciudadano en América Latina.” In.: SABATO, Hilda (coord.). **Ciudadanía política y formación de las naciones**. Perspectivas históricas de América Latina. México: El Colegio de México; Fideicomiso Historia de las Américas; Fondo de Cultura Económica, 1999, p. 41. Conforme argumentação de Pierre Rosanvallon.

<sup>173</sup> GELLNER, Ernest, (2000), **op. cit.**, p. 119.

veículo de formação cultural e moral das diversas parcelas da população. A popularização da revista enquanto um veículo que retratou a experiência da modernidade no processo de formação de uma cultura urbano-industrial, indicou que os setores populares estavam presentes, de certa forma, no seu projeto editorial. Nesse sentido, tornaram-se visíveis a partir da incorporação de sua cultura no processo de padronização cultural, resultando na ampliação dos seus espaços de aceitação, estendendo esses limites além das fronteiras físicas.

Outro fator que contribuiu para o seu sucesso foi a incorporação da linguagem fotográfica. Conforme Nelson W. Sodré,<sup>174</sup> com a publicação de ilustrações, e principalmente dos retratos da elite, a imprensa, neste caso a Revista do Globo, firmou-se como um veículo de comunicação de massa. Ao mesmo tempo, as colunas sociais, como aponta Heloisa de F. Cruz,<sup>175</sup> foram verdadeiros álbuns da vida social das elites dominantes, atraindo leitores que compunham seu repertório de personagens e situações, projetando para outras camadas sociais os padrões de viver e pensar o mundo internacional, projetando para as classes médias e populares os padrões de vida das elites, fazendo-os vivenciar um sentimento de pertencimento àquele mundo, dando visibilidade a sociedade, demarcando assim práticas, espaços e hábitos.

Não apenas como “*álbuns da vida social*,” as fotografias ampliaram a visão de mundo, podendo contribuir para a veiculação de novos comportamentos e representações da classe que possui o controle de tais meios podendo também atuar como eficiente meio de controle social, através da educação do olhar. Conseqüentemente, o uso expressivo de fotografias acabaram por contribuir para a institucionalização dos novos modelos e padrões modernos.

Frente ao processo de urbanização instaurado a partir da entrada em cena da nova ordem burguesa, a revista estabeleceu vínculos com o projeto desenvolvimentista e nacionalista, apoiando Vargas e seu governo, no sentido de legitimá-lo como chefe da nação.

---

<sup>174</sup> SODRÉ, Nelson W., **op. cit.**, p. 330-350.

<sup>175</sup> CRUZ, Heloisa de F., **op. cit.**, p. 142.

Promovendo a articulação de um projeto nacional, cuja identidade foi estabelecida mediante um caráter centralizador, protecionista e desenvolvimentista, com um projeto regional, homogeneizador, que acompanhou o ritmo de desenvolvimento da cidade, a revista tornou-se um veículo de construção da visibilidade urbano-industrial portanto, aglutinador das inúmeras práticas culturais, legitimando-se como a expressão da experiência da modernidade.

Explorando o potencial do instante fotográfico, a Revista do Globo, buscou captar os ideais de modernidade registrando as diferentes formas de percepção e os novos ritmos urbanos, que imprimiram modelos de progresso que estavam de acordo com as expectativas cosmopolitas da burguesia urbano-industrial. Em seu projeto editorial, a Revista do Globo ao mesmo tempo em que tentou incluir uma parcela da sociedade, ela também a excluiu. Ou seja, tentando aproximar-se das classes populares, a revista buscou instituir um discurso de inserção, no sentido de homogeneizar a cultura, porém essa parcela não possuiu um espaço expressivo nas páginas da revista, o que a tornou elitista e excludente. A busca pela homogeneização instituiu novas práticas discursivas voltadas para um projeto editorial instaurado a partir da experiência da modernidade e do cosmopolitismo

A dinamização do progresso esteve ligadas aos avanços tecnológicos desde o início do século XX, promovendo uma modernização técnica que propiciou novas descobertas científicas, melhorias nas áreas de comunicação e transporte levando à uma revolução tecnológica. O telefone, o telégrafo sem fio, o fonógrafo e o cinema, o automóvel e o avião passaram a fazer parte do cenário da vida moderna.<sup>176</sup>

Reafirmando o conceito de *veículo informativo moderno* que retratou a experiência da modernidade, a Revista do Globo publicou diversos artigos e reportagens que expressaram essa dinâmica do mundo moderno. Como reflexo do progresso e do cosmopolitismo, seu

---

<sup>176</sup> Cf.: HOBBSAWM, Eric J. **A era dos impérios 1875-1914**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p. 81.

projeto editorial pautou seu discurso nas múltiplas exigências e expectativas do público leitor, condizentes ao processo de modernização nos anos 30.

Registrando o conjunto de mudanças que marcaram as vivências urbanas, ao mesmo tempo, a proposta editorial da revista correspondeu essas expectativas através da veiculação de matérias que redimensionaram as noções de progresso e modernidade, revelando uma época da velocidade, das novas invenções e percepções da realidade enquanto produto de um novo tempo.

Nesse contexto, a revista procurou acompanhar estes novos ritmos que marcaram o período. A investigação deste capítulo incidirá sobre os aspectos tecnológicos-modernos de um mundo urbano-industrial, que exemplificaram o ideal cosmopolita da sociedade que buscou nos modelos externos novos padrões a serem seguidos.

Aberta às influências externas, a elite urbana criou um imaginário moderno, baseado nas convenções simbólicas estabelecidas pela padronização cultural, gerando uma ânsia de civilização. Como resposta a essas expectativas cosmopolitas, a Revista do Globo, apropriou-se da ânsia de civilização da elite, imprimindo novos ritmos à vida cotidiana.

Entre os anos de 1929 a 1935, a revista publicou vários artigos e reportagens tratando da modernidade e da remodelação urbana que progressivamente, aos olhos burgueses, tornou a cidade cosmopolita reproduzida a partir dos modelos externos de desenvolvimento urbano.

Além disso, os novos modelos internacionais de desenvolvimento e progresso revelaram outros sentidos da realidade, enquanto produtos da modernidade. Reflexos dessa conjuntura, o avião traduziu esta revolução tecnológica.

Como um modelo de progresso e desenvolvimento dos tempos da velocidade – os aviões e o Graf Zeppelin traduziram a nova imagem da modernidade, superando os limites e as tecnologias.

A edição Nº 20 de 1932 trouxe um texto de três páginas sobre as “*Fantasia de Julio Verne: realizada e superada pela técnica moderna.*”

*“O tempo se encarregou de tornar realidade todas ou quase todas as fantasias engendradas pelo cérebro de Julio Verne, aquele francês excepcional que se dava o luxo incrível de conhecer geografia.*

*Quando Verne escreveu as suas... ‘VINTE MIL LEGUAS SUBMARINAS,’ em que criou a figura curiosa do capitão Nemo, o qual por vez ideou o construiu o ‘NAUTILUS,’ um barco fantástico que navegava por baixo d’água, - os nossos illustres avós naturalmente sorriram o seu sorriso mais céptico e setenciavam.*

*- Este senhor Verne tem talento, não há negar. Mas que fantasias descabeladas as de seus livros! Ora já se viu? Um barco submarino... Esta é de primeiríssima! Já se viu?...*

*O fundo do mar pertencia aos tubarões, as baleias, as sardinhas e outros bichos que Deus nosso Senhor creara especialmente para povoar o mundo sub-aquático. Os navios tinham sido feitos para boiar a flor das águas, em plena luz, em pleno ar. Era até um pecado querer invertes ou submetes a ordem divina das cousas.*

*Mas, apesar de todos os sorrisos descrentes, M. Jules Verne continuava a imaginar. Descreveu a sua maquina que voava. Toda a gente tinha uma vaga idéia de que havia muitos anos (verdade ou lenda?) um senhor qualquer que se chamava Icaro... Mas a tentativa de vencer as alturas, fracassara. O homem pertence a terra. Tem raízes. O ar é das águia, dos corvos, dos colibris (...)<sup>177</sup>*

O trecho retrata J. Verne como um visionário. Porém a ficção de sua obra retratou as inúmeras possibilidades de desenvolvimento, alcançadas pela tecnologia e proporcionadas pela modernidade. Confirmando essa postura, a revista publicou diversas imagens comparando a forma como as viagens eram feitas antes dos barcos, trens e aviões, cujo passado passou a ser desqualificado em benefício da tecnologia e do futuro que trouxe para a

<sup>177</sup> Revista do Globo, Anno IV, Nº 20.

sociedade as novidades do mundo moderno e a superação dos limites demonstrou a ânsia pela tecnologia.

Inaugurando a prática de fazer reportagens com texto e fotografias, as revistas ilustradas consagraram-se como o resultado dos processos de modernização da indústria gráfica. O aperfeiçoamento técnico da reprodução das imagens possibilitou produzir os instantâneos de uma realidade dinâmica e em transformação, conferindo o status da credibilidade, ampliando assim, as possibilidades do olhar. Diante da dinâmica dos novos tempos, a Revista do Globo criou as seções “*Pelo mundo,*” “*O que vai pelo mundo*” e “*Por este mundo em fóra,*” que possibilitaram aos leitores a apropriação do conhecimento, da cultura e da própria experiência da modernidade. Esses espaços constituíram-se, por meio da fotografia, um universo simbólico do modelo de realidade cosmopolita. Fotografias de uma “*aeronave para grandes altitudes*”, das “*invenções (lâmpada a vapor, vidro a prova de balas)*”, “*hidroavião*”, “*um microfone de rádio*”, “*câmara fotográfica*”, “*navio porta-aviões no Rio de Janeiro*”, de um “*vapor do Lloyd Brasileiro no porto de Hamburgo*”, do “*lançamento de um aeroplano sem motor tipo Zingo (Fr)*”, são alguns exemplos dos avanços tecnológicos que redimensionaram as noções de desenvolvimento global. Ao registrar esses *instantâneos*, a Revista do Globo auxiliou na construção de uma mentalidade voltada para as tecnologias que imprimiram novos ritmos e por conseqüência a diminuição das distâncias.

No capítulo anterior foi discutida a questão do conhecimento dos idiomas como uma maneira de se romper com as barreiras lingüísticas e culturais. Agora, com a diminuição das distâncias e do tempo de deslocamento proporcionados pelo uso massivo do avião, a modernidade rompe com as fronteiras físicas, aproximando o conhecimento de outras culturas.

As distâncias diminuíram. Dentre as inovações tecnológicas, o avião, foi considerado símbolo do progresso e da aproximação global. Criação impulsionada por Santos Dumont

(1873-1932) na primeira década do século XX, foi logo incorporado pelos militares, tornando-se uma poderosa arma de guerra, inicialmente como meio de reconhecimento e posteriormente bombardeando e metralhando tropas em terra.

O aprimoramento da imprensa através dos avanços da indústria gráfica permitiram a atualização e a dinamização das informações. Contemplando a multiplicidade da modernidade, a Revista do Globo noticiou a presença do orgulho da indústria alemã, o dirigível Graf Zeppelin nos céus de Porto Alegre. Em diversas matérias, as fotografias registraram o dia em que a cidade parou para admirar o dirigível voando sobre a *Hydráulica Municipal, Av. Julio de Castilhos e Praça Octávio Rocha.*<sup>178</sup>

Caracterizando o desenvolvimento da cidade e o seu ingresso na realidade cosmopolita da década de 30, a modernidade no *céu e na terra*, foram registradas pela revista. Em 11 de julho de 1934 a revista ocupou suas páginas centrais com uma bela reportagem fotográfica sobre o acontecimento que encantou os porto-alegrenses:

*“(...) apareceu sob o céu de Porto Alegre o balão mais notável do mundo: o Graf Zeppelin. Toda a cidade o esperava com ansiedade desde as dez horas da manhã. A sotéia dos arranha-céus, os telhados das casas, as praças, etc... – estavam apinhado de gente (...)*

*A vida de Porto Alegre como se paralizou. O movimento das ruas era invulgar. E quando o gigante dos ares foi avistado muito longe, voando sobre S. Leopoldo, o clamor da multidão começou a erguer-se para as nuvens. Pouco antes das 2 h. o **Graf Zappelin** iniciou de pouca altura uma série de revoluções sobre a cidade. Foi um espetáculo inesquecível.*

*(...) já cruzou e recruzou o Oceano num grande número de vôos, sem o menor, sem o mais breve acidente. Tem capacidade para vinte passageiros e 15 homens da tripulação. A seu bordo oferece todo o conforto e segurança e pode levar um passageiro do Brasil à Europa em menos de 5 dias. Em suma é o símbolo mais perfeito e formidável desta nossa surpreendente era de vertiginosas conquistas mecânicas.*<sup>179</sup>

<sup>178</sup> Cf. matéria publicada na Revista do Globo, Anno VI, Nº 14.

<sup>179</sup> Revista do Globo, Anno VI, Nº 13. (Grifos meu)

O *Graf Zepellin* representou o advento da modernidade na medida em que ele voava pelos céus de Porto Alegre. Retratando a passagem do dirigível pela cidade, a revista colaborou com um novo imaginário, sugerindo novas dimensões da vida urbana que ampliava-se a cada dia na formação da cidade moderna.

A curiosidade levou uma multidão para as ruas, independente da classe social. A partir daí, a experiência da modernidade revelou uma aproximação dos diferentes grupos em torno de uma mesma vivência.

Em 1932, a Revista do Globo destacou alguns aspectos relevantes que imprimiram o conceito de modernidade para esses *gigantes*: a segurança e a aproximação das grandes metrópoles, ampliando as experiências vividas e pensadas pela elite burguesa.

*“A flotinha Goodyear de 6 dirigíveis contribuiu de um modo importante durante o ano para a aceitação por parte do público do princípio ‘mais-leve-do-que-o-ar.’*

*Dia após dia estes dirigíveis saíam dos seus hangares ou largavam dos seus mastros de arremesagem para voar sobre vários Estados em viagem de recreio e de adestramento. Muitas vezes encontraram tempestades e ventos contrários. Mas voavam assim mesmo, transportando passageiros em quase todos os Estados da União Norte-Americana e na costa do Pacífico.*

*(...) além de familiarizar centenas de milhares de pessoas com o princípio ‘mais-leve-do-que-o-ar,’ as pequenas aeronaves da Goodyear obtiveram uma renda considerável do transporte de passageiros, fornecendo ao mesmo tempo um adestramento inestimável sob uma variedade de condições para os encarregados de vôo e aterrissagem, que serão necessários a medida que o futuro desenvolva aeronaves gigantes voando sobre os dois oceanos.”<sup>180</sup>*

Na medida em que a revista passou a traduzir e cristalizar as experiências da modernidade através de matérias e fotografias que exemplificavam o avanço tecnológico como um símbolo do progresso, o avião refletiu as novas dinâmicas do mundo moderno e do

<sup>180</sup> Revista do Globo, Anno IV, Nº 5.



progresso. Ao mesmo tempo em que foi legitimado como um indício da modernidade pelas elites urbano-industriais, essa tecnologia não era acessível a toda população.

No entanto, a Revista do Globo atuou como um veículo que proporcionou a experiência da modernidade, a partir de um discurso que aproximou a tecnologia da transformação social.

Conforme Heloisa de F. Cruz,<sup>181</sup> essa aproximação só foi possível pela padronização cultural através da ampliação do espectro social da cultura letrada. No que diz respeito ao processo de afirmação da cultura letrada sobre a cultura popular, a revista instituiu novas formas de ampliar socialmente seus círculos de recepção, a partir de um permanente discurso enfocando um projeto regional coerente ao projeto nacional, tornando-se um instrumento de poder frente à sociedade, impondo-lhes os princípios de unidade e identidade. Essa identificação, conseqüência de um discurso efetivo, performativo, que legitimou e atribuiu, segundo Pierre Bourdieu,<sup>182</sup> aos seus membros as propriedades de “região” ou “nação”, atestando sua existência enquanto grupo conhecido e reconhecido.

Partindo de uma postura nacional-regionalista, a revista procurou apropriar-se dos elementos regionais frente um discurso nacionalista, buscando a padronização cultural num processo homogeneizador, necessário para a consolidação do próprio Estado-nação. Mesmo incorporando os ideais de modernidade, a legitimidade do governo Vargas no Rio Grande do Sul buscou novos modos de articulação dos projetos nacionais com os regionais para a corporificação de um projeto maior: moderno e desenvolvimentista. Neste sentido, essa articulação consistiu em afirmar com autoridade, uma verdade como força de lei constituindo-se assim um ato de conhecimento que, por estar fundamentado como qualquer poder simbólico, produzindo a existência do que anuncia, como argumenta Bourdieu,<sup>183</sup> a postura de apoio a Vargas e o discurso moderno de seu projeto editorial tornou-se legítimo, na medida

---

<sup>181</sup> Cf.: CRUZ, Heloisa de F. **op. cit.**, p. 117.

<sup>182</sup> Cf.: BOURDIEU, Pierre, **op. cit.**, p. 111-112.

<sup>183</sup> **Idem.**, p. 109.

em que utilizou os aspectos nacionalista-regionais como símbolos da modernidade e identidade pelo discurso e atividade política, situando-se na intersecção da política, da tecnologia e da transformação social. E. Hobsbawm<sup>184</sup> defende a questão nacional na intersecção desses três pontos e a Revista do Globo instituiu-se como um meio de difusão desta nova mentalidade moderna. Neste sentido, a valorização dos aspectos regionais aliados a uma imagem ou discurso nacional, possibilitou a legitimação do Rio Grande do Sul como um estado integrado ao projeto de construção do Estado-nação, a partir de um sentimento comum a todos, de identificação nacional. Instituído-se como um veículo moderno, a Revista do Globo esteve inserida num contexto cujo universo de significações delinearão a vida urbana dos diferentes grupos sociais que passaram a reconhecer-se como parte integrante de um todo.

Acolhendo os novos interesses da sociedade urbano-industrial, a revista noticiou as linhas aéreas da viação Aérea Rio-Grandense (Varig<sup>185</sup>) para o interior do Estado, com diversas fotografias de autoridades utilizando seus aviões. Na edição Nº 9 de 1932 encontramos o um pequeno artigo falando da empresa:

*“A V.A.R.I.G., num empreendimento inteligente e de grande significação para o progresso do nosso Estado, acaba de crear linhas aéreas para o interior.*

*Na última quinzena de abril realizou-se a viagem inaugural a Santa Cruz e Santa Maria (...)”<sup>186</sup>*

Modernidade, tecnologia, identidade nacional, amalgamados no mesmo discurso, tendo em vista a chegada do presidente Getúlio Vargas ao Estado, em 1934 a Revista do Globo publicou uma reportagem que incorporou o espírito da época, construindo um espaço de afirmação das novas práticas e vivências, expressas pela modernidade e pela tecnologia.

---

<sup>184</sup> Cf.: HOBSBAWM, E. **Nações e nacionalismo... op. cit.**, p. 19.

<sup>185</sup> Fundada em 1926. No ano seguinte, usando hidroaviões começaram os vôos comerciais.

<sup>186</sup> Revista do Globo, Anno IV, Nº 9.

*“Temos a honra de dedicar esta edição da Revista do Globo ao exmo. sr. dr. Getúlio Dornelles Vargas, que, após quatro anos de ausência, volta ao pago numa viagem de repouso.*

*Nossa homenagem não visa apenas ao Chefe da Nação. É dirigida também ao cidadão – aquele homem simples e afável, sorridente e acolhedor (...)*

*Quatro anos se passaram. Quatro anos de lutas, de reformas, de reviravoltas, de ódios e paixões. Um quadriênio dramático em que o Presidente Getúlio Vargas soube conservar uma admirável, uma rara e provincial serenidade.*

*Hoje o Rio Grande tem a honra da pela primeira vez em sua história receber a visita dum Presidente da República em exercício.*

*O dr. Getúlio Vargas retorna ao seu Estado Natal. O povo o recebe de braços abertos, com aplausos, com simpatia. O Presidente volta com algumas rugas a mais, e com a fisionomia uma pouco mais envelhecida. Mas vem com a consciência tranqüila, o coração vazio de ódios. E sorri sempre, numa esplendida lição de otimismo que acabará por contagiar toda a nação (...)*<sup>187</sup>

Apresentando-se como uma tendência no jornalismo da Revista do Globo, mais dinâmico e ilustrado, o texto tendia para um tom sentimental, mostrando por meio de fotografias, a comoção das pessoas à espera do presidente no cais do Porto, o hidroavião pousando nas águas do Guaíba e o presidente, por fim, descendo dele, incorporando padrões modernos de progresso e desenvolvimento. Editorialmente, a revista utilizou-se de um discurso modernizador, eternizado pelo instante da fotografia, transformando-se em um espaço de produção dos novos modos de viver e pensar da sociedade urbano-industrial que viveu a experiência da modernidade nos anos 30, sob o signo da novidade e da experimentação.

Enquanto veículo de comunicação de massa e expressão da realidade, a Revista do Globo traduziu essas experiências da modernidade através de inúmeros artigos e reportagens que evidenciavam uma cidade cosmopolita remodelada para o futuro, ao mesmo tempo que

---

<sup>187</sup> Revista do Globo, Anno VI, Nº 23

retratou a modernidade tecnológica do avião, símbolo do progresso e consolidando-a portanto “*como um lugar institucional de suas práticas*”<sup>188</sup>, reflexo de um projeto editorial capaz de transitar entre o regional, nacional e global. Acompanhando as constantes mudanças reveladas pelos novos padrões da sociedade, a revista legitimou-se como um veículo portador de um projeto de elite, simpática à cultura popular.

Buscando articular, constituir e instituir essas experiências da modernidade, estendeu seus limites circulando “*em todos os municípios do Rio Grande do Sul, nos demais Estados e Repúblicas Platinas*”<sup>189</sup>, instituiu-se portanto, como um veículo fundamental de formulação, processos e práticas culturais, podendo ser entendida como um “*espaço de representação do real, ou melhor, de momentos particulares da realidade, sua existência é fruto de determinadas práticas sociais de uma época e portanto, a produção desse documento pressupõe um ato de poder no qual estão implícitas relações a serem desvendadas.*”<sup>190</sup>

A partir daí, a revista foi estabelecendo correspondências aos anseios da elite urbano-industrial, determinando um consenso de unidade e identidade com a experiência da modernidade, diante das novas práticas, representações e modos de pensar o cosmopolitismo dos novos tempos.

Ao mesmo tempo, a revista não descuidou de seu projeto inicial de divulgadora da literatura nacional, estrangeira e das artes, democratizando através de suas páginas a cultura para o grande público. O incentivo à leitura proporcionou a aproximação dos diferentes grupos, a partir de sua atuação como um agente aglutinador de uma identidade nacional e regional como um todo. Associando a produção cultural à diversidade e ao universalismo proporcionados pelos novos tempos, a Revista do Globo estimulou o desenvolvimento intelectual de uma forma crescente e gradual, transformou-se num instrumento propício à

---

<sup>188</sup> RÜDIGER, F. R. 1985. **op. cit.**, p.43.

<sup>189</sup> Revista do Globo, Anno II, Nº 3.

<sup>190</sup> CAPELATO, M<sup>a</sup> H. **Imprensa e História do Brasil**. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1998, p. 24.

renovação da cultura letrada e propaganda das obras a serem lançadas pela Editora ou daquelas expostas na Livraria.

Em setembro de 1934, a revista mostrou sua postura em um anúncio divulgando a tradução de um livro que estaria à venda na Livraria do Globo:

*“A Livraria do Globo – cujo programa editorial se pode resumir assim: dar ao **leitor brasileiro** o que de melhor se escreve no mundo – acaba de traduzir (...)*

***Minha Luta é dever de todo o homem moderno que quer estar ao par dos vultos e dos fatos de seu tempo.**”<sup>191</sup>*

Antes mesmo de estar à venda, em 1932 a revista publicou três páginas com trechos do livro, anunciando os direitos adquiridos pela Livraria para publicar *Mein Kampf*. Ao mesmo tempo, diversos artigos, anúncios e trechos de livros e entrevistas destacavam o avanço das políticas mundiais e a aproximação do Brasil à Alemanha através de acordos comerciais e aos Estados Unidos.

Transformando-se numa importante divulgadora das artes e emergindo como um espaço de renovação da cultura letrada, a revista acompanhou e refletiu a multiplicidade dos acontecimentos. Conforme a política varguista aproximava-se da radicalização, a revista destacou reportagens e artigos sobre o fascismo na Europa, realçando líderes como Mussolini, Hitler, Roosevelt e Stalin no cenário mundial, o avanço do integralismo em Porto Alegre, fascismo e literatura italiana, as eleições na Alemanha e Estados Unidos, entre outros acontecimentos.

Diante da conjuntura internacional marcada pela ascensão dos regimes nazi-fascistas, surgiram no Brasil movimentos com conotações ideológicas radicais, a Ação Integralista Brasileira (AIB), dirigida por Plínio Salgado foi um movimento de extrema direita.

---

<sup>191</sup> Revista do Globo, Anno VI, N° 17. (Grifos meu)

Movimento de esquerda que pregou a revolução socialista, a Aliança Nacional Libertadora (ANL) cresceu rapidamente, assustando os setores dominantes e o governo. Gradativamente Vargas fortaleceu a direita, enquanto esvaziava as forças esquerdistas. Com o fechamento da ANL ocorreram levantes militares em quartéis no Rio de Janeiro, Recife e Natal, sinalizando a capacidade de mobilização dos comunistas. Sem o apoio popular e militar, o levante de 1935 ficou conhecido como Intentona Comunista, sendo sufocada pelo governo com suas principais lideranças, entre elas, Luís Carlos Prestes, presos. Este episódio, segundo Boris Fausto, “*teve sérias conseqüências, pois abriu caminho para amplas medidas repressivas e para a escalada autoritária,*”<sup>192</sup> que culminou em 1937 uma nova fase da política varguista, o Estado Novo.

Em 1º de dezembro de 1934, a coluna *Reminiscências* publicou um artigo do Dr. M. Pizarro sobre essa nova conjuntura, onde já estava no poder a quatro anos, passando a governar como presidente constitucional.

*“Exalçar a personalidade do eminente cidadão que dirigiu como ditador e agora dirige como **presidente constitucional** os destinos do Brasil, não poderia ser a nossa finalidade internacional ao traçarmos estas ligeiras notas de reminiscências, já tão remotas no tempo mas tão próximas de nossa subjetividade, reavivadas que são, constantemente, por esse sentimento tão humano, mas que só em nossa linguagem encontrou o tempo capaz de defini-lo. Levado pelo consenso unânime da nação para a suprema investidura, em um movimento revolucionário que de início se transformou em marcha triunfal em que figurava como troféu, não os potentados vencidos ou as insígnias conquistadas, mas um entusiasmo espontâneo, sadio e rejuvenecedor; após quatro anos de mando descricionário, nenhum maior louvor ou consagração poderia ter sido feita ao insigne cidadão do que exigir-se a sua permanência nesse supremo posto, por eleição, como garantia de ordem e de paz, tão necessárias à família brasileira e a própria humanidade que tem no*

---

<sup>192</sup> FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo: Fundação do Desenvolvimento da Educação, 1998, p. 361.

*Brasil a maior reserva de recursos asseguradores da subsistência e conservação da espécie na face do planeta.*

*De fato, a direção suprema do nosso vasto país, não implicará somente a defesa do interesse nacional; não deve ater-se exclusivamente à satisfação do nobre sentimento de patriotismo, mas visar os interesses da própria espécie, dentro do magnífico e mais elevado sentimento de Humanidade, profeticamente inscrito no pavilhão desses bravos líderes idealistas que foram os farroupilhas (...)*<sup>193</sup>

Na mesma edição, aparece um texto intitulado *Getúlio Vargas – por Dante de Laytano* que confirma novamente a postura favorável da revista à Vargas, enaltecendo sua imagem e governo.

*“(...) Getúlio Vargas confiou na nossa força do otimismo e as populações do Brasil o compreendem através desse próprio otimismo que ele irradiou nesta hora cinzenta ou azul de reconstrução moral, política e social.”*<sup>194</sup>

Apoiando invariavelmente Vargas, a Revista do Globo congregou seu projeto editorial ao projeto nacionalista-desenvolvimentista para legitimação do *status quo*. Constituindo-se como um veículo de informação moderno, cujo discurso da modernidade constituiu a identidade, unidade e o consenso da nova ordem estabelecida, ela incorporou em seus editoriais, a experiência da modernidade, afirmando novos valores e participando ativamente do processo de formulação dos novos modos de viver e pensar o cotidiano urbano, sempre buscando os ideais cosmopolitas do mundo moderno.

---

<sup>193</sup> Revista do Globo, Anno VI, Nº 23. (Grifo meu)

<sup>194</sup> **idem.**

## CONCLUSÃO

Qualidade gráfica, registros fotográficos, diversidade temática, literatura, coluna social, compunham as edições da Revista do Globo entre os anos de 1929 à 1935, dentre as quais a experiência da modernidade esteve impressa e circulando pelas ruas, estimulando o desenvolvimento do progresso associado aos novos modos de viver e pensar, correspondendo aos ideais dos novos tempos. A popularização da revista como um veículo que retratou a experiência da modernidade, aliada ao processo de formação e consolidação da cultura urbana, caracterizou o avanço do “*jornalismo informativo moderno*”, como uma nova etapa do desenvolvimento da imprensa, a partir do lançamento da sua primeira edição em 5 de janeiro de 1929, estruturando um projeto editorial voltado para as demandas da sociedade urbano-industrial. A emergência dos novos elementos econômicos, sociais, políticos, culturais, tecnológicos, contribuíram para a nova dinâmica urbana permeada pela mudança das práticas, hábitos, costumes e mentalidades, a partir das diversas perspectivas surgidas com o fim da República Velha.

Atuando como um veículo de construção da visibilidade pública, a revista foi um espaço de instituição das diferentes formas de sociabilidade, definindo novos critérios de distinção social entre as diferentes parcelas da população, ampliando assim sua aceitação no mercado, cujo caráter aberto e democrático, constituiu importantes formas no processo de elitização da sociedade.

A Revista do Globo portanto, evidenciou neste estudo, que o discurso da modernidade foi utilizado em seu projeto editorial como um discurso de inclusão das camadas populares,



num contexto de remodelação urbana e tecnologias compatíveis com os novos tempos, ao mesmo tempo em que atuou como um meio aglutinador da nova mentalidade moderna, consolidada a partir da transição da ordem oligárquica para uma ordem burguesa.

Com o desejo de construir uma padronização cultural através de seu projeto editorial, a revista buscou a aproximação da cultura popular com a cultura letrada, por meio de um discurso homogeneizador, associado à idéia de modernidade. Enquanto um veículo de formação cultural, congregou na padronização cultural os atributos de cidadania e participação social, tendo em vista o desejo de pertencimento e identificação de uma parcela da população que ambicionou fazer parte da elite urbano-industrial. Esta elite, produto de uma conjuntura cujo desenvolvimento esteve calcado no processo urbano e industrial, desde a década de 20, acompanhou e vivenciou as transformações ocorridas a partir da nova ordem instaurada.

Mantendo seu objetivo inicial de divulgadora da literatura, proporcionou a produção cultural associando-a as múltiplas diversidades de pensamento, servindo como um instrumento para propaganda das obras da Editora e da Livraria, democratizando seu acesso para o grande público.

Refletindo essas múltiplas exigências da época, a Revista do Globo abordou os aspectos relacionados à modernidade, condizentes com a nova dinâmica urbana, voltada para a construção da nação. Essa construção esteve associada com a inteseção de três pontos importantes e que foram refletidos nas páginas da Revista do Globo, a política, a tecnologia e a transformação social, confirmavam o discurso aglutinador da revista produzido pela mentalidade voltada para o desenvolvimento. Considerando as especificidades da revista como fonte histórica, faz-se necessário pontuar que este estudo não privilegiou a recepção do seu projeto editorial pelos leitores e sim a proposta editorial, condizente com os novos tempos.

Com o objetivo de permanecer politicamente imparcial, a revista cumpriu um papel político desde seu primeiro número, às vésperas da Revolução de 30, na medida em que apoiou Getúlio Vargas em campanha com a Aliança Liberal, constituindo-se como um importante aliado na disseminação dos ideais liberais no Rio Grande do Sul. Com uma ampla cobertura jornalística, cujas fotografias retrataram o calor dos acontecimentos, a Aliança Liberal legitimou-se como uma alternativa anti-oligárquica.

Em diversos artigos e textos, a revista posicionou-se a favor dos aliancistas, criando subjetivamente a idéia de desenvolvimento através do ingresso do país na modernidade pela industrialização. Utilizando um discurso ufanista, tornou seus programas legítimos, ao mesmo tempo em que justificou a Revolução de Outubro como a ideologia gaúcha transportada para a ideologia nacional, incorporando as expectativas da sociedade urbano-industrial, convergindo para um discurso homogeneizador.

Assumindo provisoriamente a presidência, Getúlio Vargas incorporou em si a figura do Estado-nação. A busca pela identificação dos novos grupos como atores sociais e participantes dessa nova ordem, fez com que Getúlio Vargas construísse uma política desenvolvimentista e nacionalista para a incorporação desses grupos. Em meio a crise mundial de 29 que revelou a falência do modelo de acumulação primário-exportador, esgotando a economia do país, Vargas buscou na diversificação das atividades econômicas e no incentivo às indústrias, a superação da crise, voltando seu desenvolvimento para o mercado interno e para as cidades.

Com o surgimento e posterior fortalecimento dessas novas forças sociais e políticas, a cidade passou a concentrar em si estruturas de poder, configurando um mundo urbano-industrial, condizendo com o novo ideal de modernidade, traduzido neste estudo pela remodelação do espaço urbano. *Adaptar Porto Alegre aos “novos tempos”*, adequando-a às exigências de uma nova sociedade sintetizou o discurso continuísta do PRR desde o governo

Otávio Rocha (1924-1928) e posteriormente Alberto Bins (1928-1937), nos quais reorganizaram as áreas centrais, remodelando o perfil urbano, traduzindo o sonho de modernidade a partir da estética urbana e da postura higienizante. Essas medidas transpuseram os modelos externos de progresso, permitindo a burguesia vivenciar a ânsia de civilização e do cosmopolitismo. Alargamentos de avenidas, arborização de parques e praças, viadutos monumentais e a construção dos arranha-céus materializaram a modernidade, na Porto Alegre do final dos anos 20 e início dos anos 30, revelando novos valores, hábitos, práticas, modos de agir e pensar da burguesia, que contrapunha ao atraso e ao provincialismo em busca do caráter cosmopolita do progresso.

Mesclando seus interesses e projetos, a Revista do Globo proporcionou novos olhares para a cidade, em meio ao “turbilhão” de novidades, emergindo como um campo dinâmico da disputa pela afirmação do horizonte burguês. A análise das matérias deste período, enfocando a tríade, industrialização, urbanização e modernidade, sugerem uma nova dimensão do processo. Apesar de incorporar elementos populares ao seu discurso, a revista não deu visibilidade aos grupos sociais intermediários, revelando somente as vivências da elite urbano-industrial, redefinindo o viver urbano a partir de suas experiências e ambições, refletindo os espaços sociais da sociedade que giravam em torno da Livraria.

Contudo, a construção desse novo paradigma moderno implicou na incorporação desses sujeitos sociais, no sentido de criar uma identificação com o projeto desenvolvimentista de progresso. Acompanhando esse processo, a Revista do Globo correspondeu às expectativas cosmopolitas do ideal de cidade-progresso.

*Edificar é Renovar e Engrandecer*, a idéia do progresso urbano em seu discurso, foi defendida pela revista como a total descaracterização da cidade antiga, que sucumbiu em nome do crescimento, do desenvolvimento e da modernização, constituindo, hoje em dia, um

amplo campo de debates, tendo em vista as políticas de preservação do patrimônio histórico, na disputa da legitimidade da destruição *versus* preservação.

Buscando igualar-se com as grandes metrópoles e acompanhando o ritmo das mudanças, a Revista o Globo tornou-se um espelho da realidade, cujo reflexo projetava o futuro, mas também reverenciava um passado composto de uma memória histórica preservada pelos grandes orgulhos gaúchos: Revolução Farroupilha e principalmente Getúlio Vargas.

A cidade-progresso foi retratada pela revista que se propôs a “*registrar e divulgar tudo o que doravante for digno de registro e divulgação.*” Consistindo-se também como um meio formador de opiniões, justificou no seu discurso a prática da reformulação urbana e a verticalização do centro. Símbolo do progresso, os arranha-céus destacaram-se como as grandes construções de cimento armado, sendo retratados pela revista como os modelos do progresso, visto às inúmeras reportagens fotográficas que traduziram e cristalizaram-no como o modelo de desenvolvimento urbano. Porto Alegre, segundo a ótica do projeto editorial da revista, era o esteriótipo da metrópole, buscando na “*cidade das vertigens*”, Nova Iorque, um exemplo para adequar-se à modernidade.

Ao mesmo tempo em que Porto Alegre transformava-se frente aos modelos externos, os avanços tecnológicos, imprimiram novos ritmos à cidade cosmopolita. Desde a década de 20, diversos produtos caracterizaram-se como as expressões da modernidade, implicando em transformações no âmbito público e privado. Eletrodomésticos, máquinas de escrever e costura, anunciaram novos hábitos diante da mecanização.

Os automóveis permitiram uma maior dinamização do tempo, mas foi o avião, o símbolo do progresso e da aproximação global que estampou as páginas da Revista do Globo nos primeiros anos de sua existência. Com diversas fotografias do avião e do “*gigante dos ares*”, o Graf Zepellin imprimiu a nova imagem da modernidade, cuja revolução tecnológica cumpriu o seu papel, superando os limites e as fronteiras físicas. Conseqüentemente as

distâncias diminuíram e o mundo cosmopolita tornou-se mais próximo, o que permitiu contemplar as múltiplas faces da modernidade, seja através dos modelos arquitetônicos, das novas tecnologias, dos modelos de comportamento, hábitos e costumes, a revista foi um meio que auxiliou na construção do imaginário moderno. Seu discurso permitiu romper com as fronteiras, instituindo novas formas de viver e pensar a cidade que voltava-se para a modernidade.

A busca pela novidade impulsionou a Revista do Globo e redimensionar o seu projeto editorial, voltando-o para o discurso político, para a urbanização e para as novas tecnologias, numa intersecção do projeto nacional, desenvolvimentista, com um projeto regional defendido pela elite urbano-industrial. Retratando a modernidade sob esses três aspectos a Revista buscou nas influências externas a nova mentalidade moderna que definiu os horizontes do seu projeto editorial, o que confirmou seu caráter aglutinador, produzindo um discurso voltado para a construção de um novo imaginário burguês, responsável pela experiência da modernidade em Porto Alegre.

## ANEXOS

## Anexo 1

## CRONOLOGIA HISTÓRICA (1929-1935)

ANO	MUNDO	BRASIL	RIO GRANDE DO SUL
1929	-Crise na Bolsa de Nova Iorque -Acordo de Latrão cria o Estado do Vaticano	-Articulação da Aliança Liberal (RS, MG, PB) em favor da candidatura de Getúlio Vargas-João Pessoa para a presidência -Superprodução de café	-Congresso das Municipalidades (julho) -Lançamento da Revista do Globo (jan.)
1930	-“Grande Depressão” nos Estados Unidos	-Vitória de Júlio Prestes na disputa eleitoral -Assassinato de João Pessoa -Articulação entre as oligarquias dissidentes e os tenentes -Deposição de Washington Luís -Getúlio Vargas toma posse no Palácio do Catete, suspende a Constituição e nomeia interventores em todos os Estados, exceto em Minas Gerais	-Articulação para a Revolução de 30

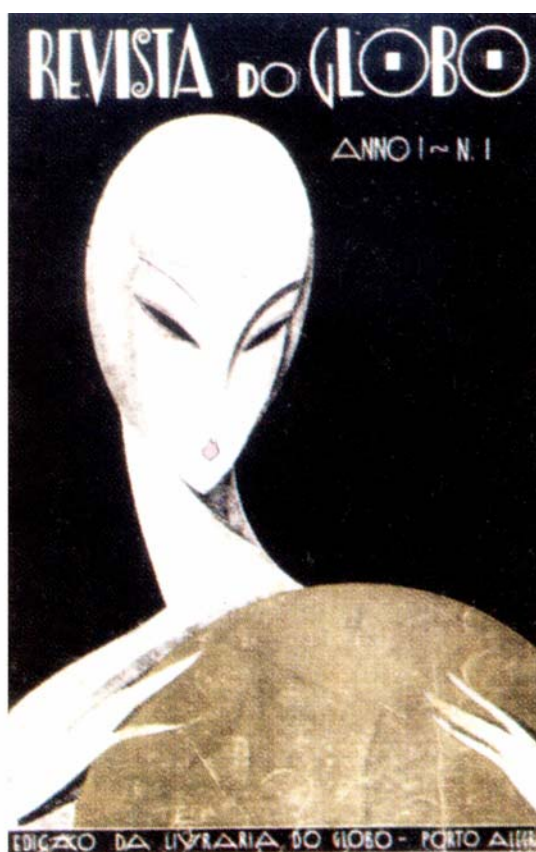
<b>1931</b>	<p>-Proclamação da República na Espanha</p> <p>-Japão invade a Manchúria</p>	<p>Medidas do Governo Provisório: decreto sobre a sindicalização; suspensão do pagamento da dívida externa; política do café passa a nível federal – criação do Conselho Nacional do Café; incentivo à diversificação da economia nacional</p>	<p>-Flores da Cunha é nomeado interventor</p> <p>-Reafirmação do caráter agropecuarista da economia regional; incentivo às indústrias naturais</p>
<b>1932</b>	<p>-Eleição de Franklin Roosevelt a presidência dos Estados Unidos</p> <p>-Início da Guerra do Chaco entre Paraguai e Bolívia</p>	<p>-Revolução Constitucionalista em São Paulo. Frente Única Paulista (PRP-PD) aliam-se à Frente Única Rio-grandense (PRR-PL) - vitória do governo central sobre os revoltosos</p>	<p>-Cisão da oligarquia gaúcha: “a ala regional” representada pela Frente Única endossa a Revolução Constitucionalista, enquanto a “ala nacional”, liderada por Flores da Cunha, dá apoio a Getúlio</p> <p>-Organização do Partido Republicano Liberal (PRL) por Flores da Cunha</p> <p>-apoio dos industriais à agremiação</p>
<b>1933</b>	<p>-Hitler é nomeado chanceler da Alemanha</p> <p>-Posse de Roosevelt nos Estados Unidos, que lança o <i>New Deal</i></p>	<p>-Eleições para a formação da Assembléia Nacional Constituinte (maio)</p> <p>-Instalação da Assembléia (nov.)</p> <p>-Vargas candidata-se a um mandato constitucional como presidente da República</p>	<p>-Sob o comando do PRL processou-se a reconstitucionalização do estado com medidas para enfrentar a crise</p>
<b>1934</b>	<p>-Fortalecimento do governo de Hitler – início do III Reich</p> <p>-Estados Unidos estabelece relações com a União</p>	<p>-Promulgada a nova Constituição</p> <p>-Acordo de reciprocidade Brasil-Estados Unidos</p> <p>-Incentivo as relações</p>	<p>-Flores da Cunha é indicado como governador</p> <p>-PRL mantém maioria na Assembléia do Estado</p>

	<p>Soviética e proclama a política da boa vizinhança na América Latina</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>-Assassinato de Kirov e início dos expurgos stalinistas</li> <li>-Início da Longa Marcha comunista, liderada por Mao Tse-tung</li> </ul>	<p>comerciais como Itália e Alemanha</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>-Desenvolvimento da Ação Integralista Brasileira (AIB)</li> <li>-Getúlio Vargas é eleito presidente constitucional do Brasil</li> </ul>	
<b>1935</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-VII Congresso da Internacional Comunista: Frente Popular</li> <li>-Início do movimento stakhanovista na URSS</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Radicalização da política brasileira. Formação da Aliança Nacional Libertadora (ANL)</li> <li>-Sucessão de levantes (Natal, Recife e Rio de Janeiro) orquestrados pela Aliança Nacional Libertadora e pelo Partido Comunista</li> <li>-Governo dá início à repressão: Lei de Segurança Nacional, fechamento da ANL</li> <li>-Intentona Comunista (nov.) – repressão do governo sobre o movimento</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Flores da Cunha busca aproximação com a Frente única promovendo a “pacificação do Rio Grande”</li> <li>-governo reprime os movimentos extremistas: ANL e movimento grevista</li> <li>-Surto corporativista na região da agropecuária colonial</li> <li>-Exposição Comemorativa do Centenário da Revolução Farroupilha</li> </ul>



## Anexo 2

CAPA DA PRIMEIRA EDIÇÃO DA REVISTA DO GLOBO DE  
05 DE JANEIRO DE 1929



**Anexo 3****FOTOGRAFIA DO DIA DA FUNDAÇÃO DA REVISTA NA LIVRARIA DO GLOBO,  
PUBLICADA NA EDIÇÃO Nº 267 DE 1940**

Sentados: Mansueto Bernardi, Oswaldo Aranha, Arcebispo D. João Becker, Getúlio Vargas, Fernando Caldas, Oswaldo Rentsch e José Bertaso. Em pé: João Pinto da Silva, Pedro Vergara, Paulo Hasslocher, Andrade de Queiroz, Moysés Vellinho, Walter Sarmanho, Sotero Cosme, Athos Damasceno Ferreira, De Souza Júnior, Francisco de Paula Job, João Fahrion e Ângelo Guido.

## BIBLIOGRAFIA

- ABREU, Luciano Arone. Getúlio Vargas: a construção de um mito (1928-30). Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.
- ANDERSON, Benedict. Nação e consciência nacional. São Paulo: Ática, 1989.
- ARAÚJO, J. C. S., GONÇALVES NETO, W., FILHO, G. I., GATTI Jr, D. “Educação, imprensa e sociedade no Triângulo Mineiro: A revista A Escola (1920-1921)” In.: História da Educação, Pelotas, ASPHE/FaE/UFPel, abril, 1998.
- A Revista no Brasil, São Paulo: Editora Abril, 2000.
- BALAKRISHNAN, Gopal (org.). Um mapa da questão nacional. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.
- BAUDELAIRE, Charles. Sobre a modernidade: o pintor da vida moderna. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- BERTASO, José Otávio. A Globo da Rua da Praia. São Paulo: Globo, 1993.
- BERMAN, Marshall. Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade. São Paulo: Cia das Letras, 1986.
- BOBBIO, Norberto & MATTEUCCI, Nicola & PASQUINO, Gianfranco. Dicionário de política. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1992.
- BOURDIEU, Pierre. A economia da trocas lingüísticas. São Paulo: EDUSP, 1996.
- BRUM, Adriana. “Do Rio Grande para o Brasil.” In.: Revista Press, Porto Alegre, Vol. 1, n. 9, 2001.
- CAPELATO, M<sup>a</sup> H. Imprensa e História do Brasil. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1998.
- CAPELATO, M<sup>a</sup> H. e M<sup>a</sup> Lúcia Prado. O Bravo Matutino. Imprensa e ideologia: o jornal O Estado de S. Paulo. São Paulo: Ed. Alfa-Omega Ltda., 1980.
- CARONE, Edgard. Brasil: anos de crise (1930-1945). São Paulo: Ática, 1991.
- 50 Anos de Trabalho da Livraria do Globo 1883-1933. Porto Alegre–RS–Brasil–álbum comemorativo.
- CLEMENTE, Ir. Elvo. “As revista da Livraria do Globo”. Continente Sul Sur. Revista do Instituto Estadual do Livro, Porto Alegre, n° 2, nov. de 1996.

Correio do Povo, 19/10/1983.

COSTA LIMA, Luiz. “Comunicação e cultura de massa”. In.: Teoria da Cultura de Massa. Rio de Janeiro: Ed. Saga, 1969.

CRUZ, Heloisa de Faria. São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana – 1890-1915. São Paulo: EDUC, FAPESP; Arquivo do Estado de São Paulo; Imprensa Oficial SP, 2000.

DALMÁZ, Mateus. A imagem de Hitler e da Alemanha na Revista do Globo de Porto Alegre (1933-1945). Porto Alegre, Dissertação de Mestrado, História, PUCRS, 2001.

DE DECCA, Edgar S. 1930 O Silêncio dos vencidos. Memória, história e revolução. São Paulo: Brasiliense, 1992.

DE LORENZO, Helena C. e COSTA, Wilma Peres da. A década de 1920 e as origens do Brasil moderno. São Paulo: Editora da UNESP, 1997.

DEVÉS VALDES, Eduardo. El pensamiento en el siglo XX. Entre la modernización y la identidad, tomo I, Del Ariel de Rodó a la CEPAL (1900-1950). Buenos Aires: Biblos, Centro de Investigaciones Diego Barro Arana, 2000.

ELMIR, Cláudio Pereira. “Armadilhas do Jornal: algumas considerações metodológicas de seu uso para a pesquisa histórica.” In.: Cadernos PPG em História da UFRGS. Porto Alegre, dez. de 1995, nº13.

Experiência em Revista, Porto Alegre, FAMECOS/PUCRS, jun., 1996.

FAORO, Raymundo. Existe um pensamento político brasileiro? São Paulo: Ática, 1994.

FAUSTO, Boris. A Revolução de 1930: historiografia e história. São Paulo: Brasiliense, 1970.

\_\_\_\_\_. História do Brasil. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo: Fundação do Desenvolvimento da Educação, 1998.

FLORES, Moacyr. História do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1996.

FONSECA, Pedro C. D. “Positivismo, trabalhismo, populismo: a ideologia das elites gaúchas.” In.: Ensaio FEE. Porto Alegre, n. 14, 1993,

FORTES, Gabriel P. Borges. “A Tipografia no Brasil. Visão Panorâmica da Imprensa do Rio Grande do Sul.” In.: NEUBERGER, Lotário (org.). RS no contexto do Brasil. Porto Alegre: CIPEL, EDIPLAT, 2000.

FREITAS, Décio [et al]. RS: cultura e ideologia. (org.) José H. Dacanal e Sergius Gonzaga. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980

GELLNER, Ernest. Nações e Nacionalismo. Lisboa: Gradiva, 1993.

GOMES, Ângela de Castro. A invenção do trabalhismo. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

- GOUVÊA, Paulo de. O Grupo: outras figuras, outras paisagens. Porto Alegre: Movimento/Instituto Estadual do Livro, 1976.
- HAUSSEN, Doris Fagundes e DUVAL, Adriana Ruschel. “O rádio nas páginas da Revista do Globo (1929/1967)”. In.: Revista FAMECOS. Porto Alegre, abril de 2001, nº 14.
- HOBBSAWM, Eric. Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991. São Paulo: Cia das Letras, 1995.
- \_\_\_\_\_. A era dos impérios 1875-1914. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- \_\_\_\_\_. Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- IANNI, Octavio. A formação do Estado populista na América Latina. São Paulo: Ática, 1989.
- Jornal Livros, Porto Alegre, Ano III, n. 5 – out/mar 1997.
- KRAWCZYK, Flávio (org.). Da necessidade do moderno: o futuro da Porto Alegre do século passado. Porto Alegre, EU/Secretaria Municipal da Cultura, 2002.
- LE GOFF, Jacques. História e memória. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.
- LESSA, Barbosa. Relatório da Diretoria. 100 anos: 1883-1983. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1983.
- LINHARES, Mª Yeda. História geral do Brasil. Rio de Janeiro: Campus, 1996.
- MACEDO, Francisco Riopardense de. História de Porto Alegre. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1999.
- MAUAD, Ana Mª. “A través da imagem: fotografia e história – interfaces.” In.: Tempo. Rio de Janeiro, V. 1, nº 2, 1996.
- MEYER, Augusto. No Tempo da Flor. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1966.
- MONTEIRO, Charles. Porto Alegre: urbanização e modernidade: a construção social do espaço urbano. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.
- MOTOYAMA, Shozo (coord.) Tecnologia e industrialização no Brasil: uma perspectiva histórica. São Paulo: Ed. Da Universidade Estadual Paulista: Centro de Ed. Tecnológica Paula Souza, 1994.
- NASI, Eduardo. “A Revista que Seduziu o País”. In.: Revista Aplauso. Porto Alegre, ano I, nº 8, jan., 1999.
- PANIZZI, Wrana M. e ROVATTI, João F. (org.). Estudos urbanos: Porto Alegre e seu planejamento. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS/Prefeitura de Porto Alegre, 1993.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy (coord.) Memória Porto Alegre: espaços e vivências. Porto Alegre: Ed. da Universidade, 1999.

- \_\_\_\_\_. RS: a economia e o poder nos anos 30. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.
- \_\_\_\_\_. História do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.
- PICCOLO, Helga I. L. Vida política no século 19: da descolonização ao movimento republicano. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1998.
- PINTO, Celi R. J. Positivismo. Um projeto político alternativo. RS: 1889-1930. L&PM Editores Ltda, 1986.
- RAMOS, Paula. A Experiência da modernidade na Seção de Desenho da Editora Globo – Revista do Globo (1929-1939). Porto Alegre, Dissertação de Mestrado, Instituto de Artes, UFRGS, 2002.
- Relatório: Revista do Globo: momento decisivo na literatura do Rio Grande do Sul (1929-67). Porto Alegre, PUCRS, 1997.
- REVERBEL, Carlos. Barco de Papel. Porto Alegre: Globo, 1979.
- Revista do Globo, Porto Alegre, 1929 a 1935 (anos consultados).
- Revista Kronika, Porto Alegre, Vol 4, n. 50, agosto de 1981.
- Revista Megainfo: comunicação, desing, marketing e mais, Porto Alegre, Ano II, vol. 16, dez, 1999.
- ROJAS, Carlos Antonio Aguirre. Braudel a debate. Ensayos sobre su itinerario intelectual. México: JGH Editores, 1997, p. 115.
- RÜDIGER, Francisco Ricardo. “Contribuição à história da publicidade no Rio Grande do Sul.” In.: Revista FAMECOS, Porto Alegre, n.3, 1995. \_\_\_\_\_. “O nascimento da imprensa no Rio Grande do Sul.” In.: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Porto Alegre, vol.13, 1985.
- \_\_\_\_\_. Tendências do jornalismo. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1993.
- RUSCHEL, Nilo. Rua da Praia. Porto Alegre: Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 1971.
- SABATO, Hilda (coord.). Ciudadania política y formación de las naciones. Perspectivas históricas de América Latina. México: El Colegio de México; Fideicomiso Historia de las Américas; Fondo de Cultura Económica, 1999.
- SODRÉ, Nelson Werneck. História da imprensa no Brasil. São Paulo: Martins Fontes, 1983.
- \_\_\_\_\_. Introdução à Revolução Brasileira. São Paulo: livraria Ed. Ciências Humanas, 1978.

- SOUZA, Célia F. e PESAVENTO, Sandra J. (org.). Imagens urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1997.
- SOUZA, Nelson Mello e. Modernidade: a estratégia do abismo. Campinas, SP: Editora Unicamp, 1999.
- SKIDMORE, Thomas E. Uma História do Brasil. São Paulo: Paz e Terra, 1998.
- \_\_\_\_\_. Brasil: de Getúlio Vargas a Castelo Branco (1930-1964). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- SVARTMAN, Eduardo M. “As orientações fundamentais da política externa do primeiro governo Vargas.” In.: Anos 90, Porto Alegre, n. 5, jul., 1996.
- THORSTENBERG, Valdiria. Página de Rosto: uma amostra do potencial literário da Revista do Globo. Porto Alegre, Dissertação de Mestrado, Letras, PUCRS, 1998.
- TORRESINI, Elizabeth W. R. “Porto Alegre: dos cinemas, cafés, jornais, livrarias e praças. A capital dos livros (1929-1948)”. In.: Estudos Ibero-Americanos. PUCRS, v. XXI, n.1, julho de 1995.
- \_\_\_\_\_. Editora Globo: uma aventura editorial nos anos 30 e 40. São Paulo: Editora da USP: Com-Arte; Porto Alegre Ed. da Universidade/UFRGS, 1999.
- TRUSZ, Alice. A publicidade nas revistas ilustradas: o informativo cotidiano da modernidade. Porto Alegre: anos 20. Porto Alegre, Dissertação de Mestrado, História, UFRGS, 2002.
- VERÍSSIMO, Erico. Um certo Henrique Bertaso: pequeno retrato onde o pintor também aparece. Porto Alegre: Globo, 1973.
- VIZENTINI, Paulo F. A crise dos anos 20: conflitos e transição. Porto Alegre: Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1998.
- \_\_\_\_\_. História do século XX. Porto Alegre: Novo Século, 1998.
- \_\_\_\_\_. Os liberais e a crise da República Velha. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- WASSERMAN, Claudia. A manutenção das oligarquias no poder: as transformações econômicas-políticas e a permanência dos privilégios sociais. In.: Estudos Ibero-Americanos. PUCRS, v. XXIV, n. 2, dez. 1998.
- \_\_\_\_\_. A questão nacional na América Latina no começo do século XX: México, Argentina e Brasil. Rio de Janeiro, Tese de Doutorado em História, UFRJ, 1998.
- \_\_\_\_\_. Palavra de Presidente. Porto Alegre: Ed. Universidade, 2002.
- Zero Hora, Porto Alegre, 11 de ago. 1998.
- \_\_\_\_\_, Porto Alegre, 30 de set. 1999.